UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação

Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925)

Caroline Tecchio

Pelotas, 2012.

Caroline Tecchio

Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História (Área do conhecimento: Fronteiras e Identidades).

Orientadora: Drª Márcia Janete Espig

Pelotas, 2012.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881

T732m Tecchio, Caroline
Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925). / Caroline Tecchio; Orientadora: Márcia Janete Espig. – Pelotas, 2012.
123f.

Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

1. Memória. 2. Escrita de si. 3. Pajadas. 4. Revoltas Tenentistas. I. Espig, Márcia Janete, orient. II. Título.

CDD 900

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ªMárcia Janete Espig (Orientadora)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (Avaliador)

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra (Avaliador)

Prof. Dr. Paulo Pezat (Suplente)

Aos meus afilhados Victor Miguel Fabrin, Matheus Henrique de Souza e Valentin Emanuel Motta Lorette, à minha família e à Diego da Luz Nascimento.

Agradecimentos

Ao encerrar esse trabalho chega o momento de agradecer a todos os que tornaram essa caminhada mais agradável.

Sem dúvidas a possibilidades de finalizar essa dissertação foi propiciada pelo incentivo da bolsa concedida pela CAPES e pelo empenho e qualidade dos professores do PPGH da UFPel, aos quais serei sempre grata.

Agradeço à minha orientadora Márcia Janete Espig, pela excelente orientação, leitura atenta dos textos e dedicação a essa pesquisa. Obrigada por estar ao meu lado durante o desenvolvimento da dissertação, também pela amizade e carinho.

Aos professores Edgar Ávila Gandra e Paulo Pezat que fizeram importantes contribuições a esse trabalho e participaram da banca de qualificação.

Ao professor Raphael Sebrian pela disponibilidade e precisos conselhos desde a graduação.

À minha família e meus amigos que sempre estiveram presentes, mesmo distantes. Nos momentos de angústia diante das páginas em branco a serem preenchidas, o carinho de vocês me incentivou.

Agradeço a meus pais Silvino e Mercedes Tecchio, a meus irmãos Andréia e Debastiani e minha avó Otília Viott pelo total apoio aos meus estudos. À Camila Motta Gonçalves que me ajudou em todas as etapas desse sonho. Ao meu querido Diego da Luz Nascimento que contribuiu imensamente com esse trabalho, tendo compreensão para dividir nosso tempo com o dos estudos e me amparando nas dificuldades que tive, assim como sua família que nos incentivou incondicionalmente.

À meus tios Ana Tecchio, Maria Canossa, Tereza Benetti e Daniel Techio que me receberam gentilmente em suas casas e concederam entrevistas.

Obrigada aos colegas e amigos de mestrado, principalmente à Deomar Villagra Neto, por dividir as inquietações da pesquisa e por todo o auxílio na cidade então desconhecida, à Emmanuel de Bem, pela ajuda na pesquisa para o levantamento de fontes, o apoio durante esses dois anos em Pelotas e por nossa valiosa amizade e à Helenize Soares Serres, pelas boas tardes de

leitura e discussão dos textos das disciplinas. Muito obrigada ao colega de orientação André Luis da Silva, com quem pude compartilhar ideias, leituras e alegrias.

Aos amigos que estavam longe, nem por isso ausentes, agradeço pelas ideias que contribuíram com a dissertação e colaboração em todos os sentidos. Obrigada à Mônica e Paulo Metz, André Alves Pereira, Silvio Boss, Vitor Hugo Corrêa e Vanessa Selbach. Cada um de vocês ocupou momentos e papéis diferentes nessa jornada, e as poucas vezes que pude estar em sua companhia renovaram meu entusiasmo diante das tais “páginas em branco”.

Agora sem citar nomes, pois felizmente seriam muitos, agradeço aos acadêmicos e amigos da Licenciatura em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste de Laranjeiras do Sul, Paraná, que acompanharam os primeiros passos rumo ao mestrado e torceram por essa conquista.

Agradeço ainda a todas as pessoas que, quando solicitadas, retornaram com informações preciosas referentes a esse estudo.

Por fim, muito obrigada aos alunos do ensino médio e fundamental com os quais trabalhei, que com a pergunta pronta de “para que serve a história?” fizeram pensar e não me deixaram esquecer qual o sentido, porque e para quem eu estudo.

As trilhas abertas pelas distâncias deixam sempre espaço para idealizações. O controle sobre o tempo, as surpresas, o lado mágico da vida têm marcas da incerteza, por mais racionalizações que se possa arquitetar. O tempo dos calendários, que responde às demandas das instituições sociais, não dá conta das instabilidades do tempo subjetivo, formado por ansiedades e buscas constantes.
(Antônio Paulo Rezende)

Resumo

Esse estudo trata das memórias de um soldado legalista que participou do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense entre 1924 e 1925. Suas experiências militares são narradas em forma de pajadas, versos típicos da cultura gaúcha que comumente apresentam-se oralmente. Os versos escritos aparecem no Caderno de Anotações de outro soldado raso: Ernesto Baptista Tecchio. Este não nomeia, em nenhum momento, o pajador, criando dúvidas sobre sua intenção em forjar ou não a autoria dos versos. Ernesto serviu ao Exército em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, enquanto o soldado pajador partiu para o combate saindo de Alegrete nesse mesmo estado. Em algum momento suas trajetórias se cruzaram e Ernesto teve acesso às pajadas. Considerando as relações estabelecidas entre as memórias do pajador e de Ernesto, que foi guardião e interlocutor dessa memória, esse estudo analisa as escritas de si contidas nas fontes. De maneiras distintas, esses indivíduos conservam suas opiniões através de narrativas. Utilizando-se teoricamente de autores que discutem aspectos memorialísticos e a escrita de si, esse trabalho considera as intencionalidades do pajador em produzir a narrativa na forma de versos que expressam características de sua cultura regional. Leva em conta também que Ernesto era filho de imigrantes italianos, e apesar de falar essa língua em seu cotidiano, foi alfabetizado em português e se apropriou dos versos do soldado gaúcho, o que parece demonstrar a fluidez de identidades entre os soldados. Com esse estudo, pretende-se ampliar as interpretações sobre as Revoltas Tenentistas a partir da análise das pajadas, que constituem o olhar de um soldado raso sobre os enfrentamentos. Os documentos pessoais a que se teve acesso são analisados relacionando-os à outras fontes, como por exemplo as memórias do tenente revoltoso João Cabanas. Quanto às perspectivas teórico-metodológicas, destaca-se o diálogo da história cultural recente com a metodologia micro-histórica, bem como as discussões acerca dos conceitos de memória e representação. A historiografia sobre Revoltas Tenentistas auxilia na compreensão das críticas do soldado pajador que, mesmo sendo legalista, questiona a hierarquia militar e as condições em que se encontravam os soldados rasos. Ernesto, por sua vez, pode ter se interessado pelas pajadas devido ao gosto pela leitura e, na condição de soldado raso, possivelmente se identificou com as críticas à hierarquia militar.

Palavras-chave: Memória; Escrita de si; Pajadas; Revoltas Tenentistas.

Abstract

This study deals with the memories of a legalistic soldier who participated in the combat against “Coluna Paulista” in western of Paraná, between 1924 and 1925. His military experiences are narrated in the form of “pajadas”, which are typical verses from gaucho culture that commonly are presented orally. The written verses show up in the Book of Notes of another soldier, Ernesto Baptista Tecchio. This book does not mention the “pajador”, creating thus doubts about its intention to forge or not the authorship of the verses. Ernest served in the Army in Cruz Alta, Rio Grande do Sul, while the “pajador” soldier went into battle leaving Alegrete city in this same state. At some point their paths crossed and Ernesto had access to the “pajadas”. Considering the relations established between the memories of the “pajador” and Ernesto, who was guardian and partner of this memory, this study examines the written content about himself contained in the registers. In different ways, these individuals keep their opinions through narratives. Using the theory of authors who discuss memorialistic aspects and writing itself, this paper considers the intentions of the “pajador” to produce the narrative in the form of verses that express the characteristics of his regional culture. It also takes into account that Ernesto was an Italian immigrants’ son, and despite speaking the language in his daily life, he was literate in Portuguese and appropriated the verses of the gaucho soldier, which seems to demonstrate the fluidity of identities among the soldiers. With this study, we intend to extend the interpretations about the Lieutenants’ Revolt from the analysis of “pajadas”, which are the eyes of a soldier on the fighting. The personal documents to which we had access are analyzed by relating them to other sources, such as the memories of the rebel Lieutenant João Cabanas. Regarding the theoretical and methodological perspectives, it is highlighted the dialogue of the recent cultural history with the micro-historical methodology, as well the discussions about the concepts of memory and representation. The historiography about the Lieutenants’ Revolt helps in understanding the critical of the “pajador” soldier who, despite being legalistic, question the military hierarchy and the conditions in which the soldiers lived. Ernesto, in turn, may have been interested in “pajadas” because of the taste for reading and, as a soldier, possibly identified himself with critics to the military hierarchy.

Key-words: Memory; Writing about himself; Pajadas; Lieutenants’ Revolts.

Lista de Figuras

Figura 1. Verso de fotografia de Ernesto Baptista Tecchio. Imagem do acervo pessoal de Cesar Tecchio, filho de Santo Benvenuto Tecchio.....67

Figura 2. Fotografia de Ernesto Baptista Tecchio. Imagem do acervo pessoal de Cesar Tecchio, filho de Santo Benvenuto Tecchio.....68

Figura 3. Fragmento de mapa. Coletânea de mapas históricos do Paraná. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Estado do Paraná. 2. ed. Curitiba: ITCF, 2006, p. 4. Esse mapa foi organizado em 1896.....86

Figura 4. Fragmento do Mapa do Estado do Paraná de Romário Martins. Coletânea de mapas históricos do Paraná. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Estado do Paraná. 2. ed. Curitiba: ITCF, 2006, p.7.....93

Figura 5. Soldado desconhecido. Imagem do acervo da família Tecchio.....107

Figura 6. Soldado desconhecido. Imagem do acervo da família Tecchio.....108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

Memórias de dois soldados: o soldado pajador e o guardião das pajadas 12

1. DOCUMENTOS PESSOAIS E ESCRITA DA HISTÓRIA DAS REVOLTAS TENENTISTAS 22

1.1. As escritas de si nas memórias dos soldados 23

1.2. Revoltas Tenentistas: discussões historiográficas 36

2. MEMÓRIAS DE SI, EXPRESSÕES DE IDENTIDADE 48

2.1. Ernesto e o pajador: os indivíduos e subjetividades 49

2.2. Os indivíduos e suas memórias 57

2.3. A identidade gaúcha em pajadas 70

3. OS OLHARES SOBRE OS CONFLITOS DO OESTE PARANAENSE 80

3.1. As críticas à participação dos militares na política 81

3.2. Os primeiros passos do pajador no Paraná: descrição dos lugares e sentimentos em versos 84

3.3. Conflito em Formigas e o ataque da tropa de Cabanas 97

CONSIDERAÇÕES FINAIS 109

LISTA DE FONTES 112

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 114

INTRODUÇÃO

Memórias de soldados: o pajador e o guardião das pajadas

Tendo em mãos um Caderno de Anotações escrito na década de 1920 por um soldado, ocorreu-me a viabilidade de estudar as suas memórias que, dentre outros temas, versam sobre parte das Revoltas Tenentistas. O trabalho do historiador só é possível quando permanecem registros da leitura que o homem faz de seu mundo, deixando marcas de suas vivências, pensamentos, ações, culturas. Ao historiador cabe selecionar quais fontes considera útil em sua pesquisa e transformá-las em conhecimento histórico. Com a constante mudança da prática de pesquisa em história, renovam-se as fontes utilizadas. Nesse processo, destacam-se as inovações metodológicas em que as fontes chamadas oficiais começam a dividir espaço com outras, tais como diários, cartas, obras de arte, fotografias. Marcada por essas mudanças historiográficas, a pesquisa aqui apresentada norteia-se por um documento pessoal.

A escrita de si enquanto prática não é uma invenção contemporânea, mas nas últimas décadas esses escritos ganham visibilidade em pesquisas acadêmicas no Brasil e no mundo (GOMES, 2004A, p. 8). Os documentos antes desprezados por serem carregados de subjetividade atualmente conquistam espaço pela valorização da expressão do indivíduo. Não se trata de buscar em um relato pessoal novo recurso que permita aos historiadores buscar a verdade, e sim analisar as representações que o indivíduo produz em determinado tempo histórico. Nesse sentido, as escritas de si constituem fontes relevantes para a história.

Os documentos pessoais integram o rol de novas fontes de pesquisa e ampliam as interpretações do passado. Observando vestígios deixados por indivíduos, essa pesquisa trata de memórias sobre combates das Revoltas Tenentistas entre 1924 e 1925, tendo como fonte principal os escritos de um soldado. Os registros de suas memórias incitam a propor questões àquele documento, tornando-o a fonte central dessa dissertação.

As fontes que deram início a esse trabalho foram o Caderno de Anotações e a Carteira Militar de um soldado. No caderno são descritos alguns

dos dias em que o Exército brasileiro se dividia, parte defendendo a legalidade, parte a substituição do governo. Ambos os grupos afirmavam defender a nação, talvez inspirados na sentença que encontravam na primeira página de suas carteiras militares: “O Brazil espera que cada um cumpra seu dever”[1]. Contudo, ao engajamento dos militares na defesa da nação será destinado outro momento.

Os objetos de pesquisa nascem de afinidades com um tema, pela participação em algum projeto de pesquisa na graduação, uma fonte encontrada casualmente. Frequentemente me deparo com investigações em que os documentos encontram-se disponíveis em arquivos públicos, ou então em acervos particulares em que a própria intencionalidade de guardar documentos merece ser estudada. A história dessa dissertação começa de uma maneira um pouco diferente. A perseguição dos passos desse personagem me acompanha há algum tempo, porém atualmente acredito ter um olhar mais eficaz do ponto de vista historiográfico. Em minha infância, lia curiosa junto a meus irmãos o Caderno de Anotações de meu avô. Do entendimento que alcançávamos sobre os escritos, sabíamos que eram poesias sobre enfrentamentos armados e datavam do tempo em que Ernesto Baptista Tecchio serviu ao Exército.

O caderno que sobrou como lembrança do avô desconhecido passou a ser observado em seu sentido histórico no ano de 2005, quando ingressei no curso de licenciatura em história. Quem estuda documentos pessoais manuseia “[...] papéis que venceram o tempo, o fogo e muitas vezes até o lixo” (CUNHA, 2009, p. 252). As palavras de Cunha ilustram adequadamente a história deste Caderno de Anotações, pois conforme relatos de familiares, havia uma caixa com vários papéis e cadernos escritos por Ernesto. Segundo depoimento de seu filho Daniel Techio em uma entrevista, Ernesto costumava anotar todos os gastos da família e as contas a serem pagas. Devido ao mau estado de conservação, seus descendentes escolheram um dos cadernos para guardar e os demais foram queimados. Naquele contexto o conteúdo dos demais registros não foi observado de modo a permitir que algum de seus filhos lembrasse atualmente do que se tratavam. Além do cuidado com os

[1] Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, p.01. Essa frase foi dita pelo almirante Barroso na Batalha do Riachuelo em 1865 na Guerra do Paraguai (MORES, s/d).

registros da vida militar de Ernesto, em certa medida a escolha se deu pela materialidade – guardaram o que estava melhor conservado – e pela intenção de manter um dos cadernos como lembrança.

Lendo com atenção o que passou a ser visto como um objeto de investigação, observei que aquelas poesias eram pajadas, e que por meio dessa linguagem foram relatados os feitos “heroicos” de parte dos soldados gaúchos que lutaram contra a Coluna Paulista em 1924 e 1925. Pajadas são poesias da cultura gaúcha e em geral são utilizadas para expressar opinião. Ao mencionar a cultura gaúcha nesse trabalho tem-se claro que ela está em construção e a imagem de gaúcho elaborada pelo pajador faz parte desse processo, contemplando algumas das características dessa identidade. O contexto de 1924-1925 foi propício para o soldado falar em bravura, o que já era e se mantém enquanto adjetivo para o gaúcho. A região do pampa rio-grandense, uruguaio e argentino é o local onde se concentra a tradição de se fazer pajadas. A forma de escrita escolhida pelo narrador é parte de sua cultura e demonstra a intencionalidade em marcar o lugar de onde se está falando. Assim, antes mesmo de se auto-identificar como gaúcho do pampa, a análise da escrita permite associar o sujeito a uma característica cultural de determinada região.

A análise da escrita de si parte principalmente do conteúdo de documentos pessoais. E foi pensando no conteúdo das pajadas e a relação deste com Ernesto que tal viés interpretativo chegou a essa dissertação. No entanto, após alguns passos dados na pesquisa e na vida, é por outros motivos que permanece. Há um impasse a ser explicado, o que leva à necessidade de justificar a permanência da escrita de si. Como narrei nas linhas anteriores, esse estudo iniciou com documentos que haviam pertencido ao meu avô. Mesmo sem tê-lo conhecido, em certo ponto da pesquisa fui influenciada pelas memórias de familiares e minhas lembranças de “ouvir dizer”. Se concordo com Rezende (2004, p. 78) em sua afirmativa de que “as trilhas abertas pelas distâncias deixam sempre espaço para idealizações”, posso sugerir que Ernesto foi um pai e um avô idealizado, ou ao menos o tempo e ele próprio agiram de modo a confundir memórias quanto ao período em que foi soldado.

No início da pesquisa não me ocorreu questionar a autoria das pajadas, afinal nas memórias da família consta que Ernesto havia participado de uma

guerra e parecia natural que seus escritos versassem sobre esse tema. Agora sei que a expressão dita pela família “ir à guerra” significava servir ao Exército, o que na verdade não implica participação em conflito armado. Talvez essa diferença no modo de tratar da trajetória de Ernesto seja motivada pela dificuldade em adaptar a fala ao idioma português, tendo em vista que a família continuou a falar no dialeto italiano. Outra possibilidade é que o tempo e a organização das lembranças – aqui me refiro também às lembranças materiais – tenham construído uma memória segundo a qual meu avô teria lutado.

A constatação de que Ernesto não é autor das pajadas se deu em um momento interessante. Com o intuito de produzir mais fontes sobre Ernesto, entrevistei quatro de seus filhos. Era a última das entrevistas que me propus fazer, visto que optei por não entrevistar os filhos mais novos, incluindo entre estes meu pai. Essa seleção levou em conta que parte dos filhos tinham menos de dez anos quando Ernesto faleceu. A primeira entrevistada foi Maria Canossa, a filha mais velha, que contou as lembranças que tinha de seu pai. Entre expressões de “não lembro bem” e “isso eu nunca esqueci”, misturou em seu depoimento a trajetória de seu pai à de amigos dele. Tereza Beneti esteve presente na entrevista realizada com Maria e foi a segunda entrevistada. Esta não contestou a versão da irmã, contudo, também afirmou não se lembrar muito sobre as histórias que seu pai contava. Em seguida entrevistei Daniel Techio, que relatou mais sobre as condições econômicas da família e a profissão do pai, afirmando lembrar pouco sobre Ernesto. Por fim, ao questionar Ana Tecchio sobre a participação de seu pai em enfrentamentos armados quando estava no Exército, esta afirmou convictamente que ele não havia participado de embates, apenas servido ao Exército. Essa mudança ao contar memórias apareceu em uma situação formal, quando eu, como neta de Ernesto, sobrinha de Ana e também, naquele instante, pesquisadora, liguei um gravador e fiz perguntas pontuais sobre a vida de um personagem histórico. Para minha inquietação, a mesma pessoa que passou boa parte de minha vida contando histórias de Ernesto em sua experiência militar, afirmou que ele jamais havia participado de uma luta armada. Talvez essa mudança na versão de Ana para a trajetória de seu pai se justifique por uma preocupação com a verdade, levando em conta que sua fala estava sendo gravada e não era,

portanto, apenas uma das conversas cotidianas da família. Qual seria o efeito da formalidade, do gravador, nesse processo?

A entrevista com Ana Tecchio chama a atenção para aspectos dos documentos que não haviam sido devidamente observados. A escrita de si sobre a qual versava a pesquisa pertencia a outro e não a um heroico e distante avô. Retomando a intenção dessa discussão, ressalto a importância que a escrita de si assume nesse trabalho. Se as pajadas são criadas com base no real, mas não retratam as experiências vividas por Ernesto, em nenhum momento ele teve o cuidado de referenciar a autoria. Embora várias argumentações possam ser levantadas para explicar esse fato, há uma identidade de soldado sendo forjada a partir da escrita de outro soldado. Ernesto, provavelmente mais identificado com a cultura dos imigrantes italianos – conforme será explicado em seguida – que com os gaúchos, se propõe a copiar ou a materializar versos pertencentes a um soldado extremamente identificado com a cultura gaúcha.

A coluna de soldados legalistas da qual fazia parte o soldado desconhecido partiu de Alegrete, Rio Grande do Sul, em setembro de 1924 e retornou em maio de 1925. Vários acontecimentos desse espaço de tempo foram registrados tendo como cenário as experiências em deixar seu estado e chegar ao "sertão" paranaense, onde legalistas e revoltosos se enfrentavam, seguido da descrição de combates contra os revolucionários e do retorno ao Rio Grande do Sul. As pajadas são o ponto de partida para a pesquisa dessa dissertação, porém, com base na metodologia micro-histórica será feita a análise intensiva de fontes e as informações trazidas por estas serão cruzadas com outras documentações.

Ernesto Baptista Tecchio nasceu em vinte e cinco de agosto de 1904 na cidade de Guaporé [2] – Rio Grande do Sul. Posteriormente o local onde morava desmembrou-se de Guaporé vindo a se tornar a cidade de Serafina Correa. Filho dos imigrantes italianos Sebastiano Tecchio e Thomazina Zoppeletto[3],

[2] Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, p.12. Na certidão de nascimento a data de nascimento é de 04 de outubro de 1904.
[3] Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, p.12.

ambos nascidos na Província de Vicenza, Reino da Itália[4], e estabelecidos no município de Alfredo Chaves. Ernesto declarou-se carpinteiro quando de sua incorporação no Exército, profissão que seguiu ao longo de sua vida e foi paralela à agricultura. Pelo que indicam as fontes, a carpintaria era uma profissão passada de uma geração a outra, visto que seu pai Sebastiano também era carpinteiro. Não tenho informações sobre o acesso ao ensino de Ernesto. Sabe-se apenas que ao ser incorporado ao Exército em 1927 sabia ler e escrever, e possivelmente continuou estudando na escola regimental em Cruz Alta. De acordo com estudos sobre as taxas de alfabetização no Brasil, em 1920 64,9% da população com mais de 15 anos não era alfabetizada (FERRARO, 2002, p.34). Esse dado mostra que Ernesto fazia parte de uma minoria que tinha acesso à leitura e escrita, fato que o diferenciou em relação aos demais soldados e o interesse pelas letras pode ser um indicativo de sua motivação para registrar as pajadas. O início do século XX marca a preocupação em promover a língua portuguesa em contraposição às línguas estrangeiras usadas no país (NAGLE, 2004, p.262-263). Para tanto, criaram-se escolas primárias a fim de estimular o conhecimento da língua portuguesa, e embora não haja registros sobre a educação de Ernesto, foi nesse contexto que teve a possibilidade de se alfabetizar.

Ao sair do Exército em 30 de abril de 1928[5] deixou Cruz Alta e voltou a residir em Guaporé[6]. Nessa cidade, casou-se com Carolina Brazzo e em 29 de setembro de 1931 apresentou-se novamente ao Exército, dessa vez para comunicar sua mudança de residência para o distrito de Seara, na época pertencente ao município de Concórdia – Santa Catarina[7]. Nessa localidade viveu como agricultor e carpinteiro até o ano de 1961, quando faleceu.

Os escritos de Ernesto não se encontram paginados. No entanto, atribuí a numeração de páginas a fim de melhor referenciar o relato. O Caderno de Anotações encontra-se dividido tematicamente em três partes. Na primeira parte o soldado copia informações fornecidas pelo Exército referentes às

[4] Habilitação para casamento de Sebastiano Tecchio e Thomasina Zoppeleto, p. 03 e 04. Cartório de Registro Civil de Veranópolis, Rio Grande do Sul. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Caixa 30. Fundo 70.
[5] Carteira Militar de Ernesto Tecchio, p.32.
[6] Ao ser excluído do Exército, registrou-se na página 56 de sua Carteira Militar que passaria a residir em Guaporé e deveria, quando necessário, se apresentar ao Exército em Cruz Alta.
[7] Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, p. 59.

normas de comportamento e códigos de comando de guerra. A segunda parte é composta por pajadas. Nesses versos, são tratados elementos do cotidiano da coluna legalista e impressões do que o soldado pajador havia vivenciado. Na terceira e última parte há canções, algumas mostram em seu conteúdo a exaltação à pátria, outras são canções populares. Embora as pajadas tenham espaço privilegiado na pesquisa, as demais partes são fundamentais para a compreensão da produção do relato.

O eixo central da narrativa do soldado desconhecido é a descrição de suas vivências enquanto soldado nas Revoltas Tenentistas. As dificuldades encontradas no caminho, descrições dos locais onde acampavam e de batalhas e eventos ligados ao seu cotidiano são os principais temas abordados.

Ao estudar a relação entre soldados e civis no período de estado de sítio durante as Revoltas Tenentistas em Foz do Iguaçu, Dias questiona: “Por que a fusão dos movimentos tenentistas ocorrida naquela região é citada em diversas publicações e pesquisas acadêmicas com tão poucos detalhes e principalmente distante da percepção da comunidade envolvida?” (2011, p.1093). Essa pergunta remete a uma contribuição da dissertação aqui desenvolvida. Não se tem uma riqueza tão grande de detalhes como a que pode oferecer um trabalho com fontes diversificadas em torno desse objeto, mas as pajadas são mais um depoimento de um sujeito histórico envolvido naqueles conflitos. Se o Caderno de Anotações não pode contribuir para suprir essa lacuna nas interpretações da percepção da comunidade envolvida, tem-se ao menos o olhar de um soldado sobre essa comunidade. Além da guerra, o pajador acaba por tratar do território, das impressões que tinha dos lugares onde passava. E essa análise amplia o olhar que a historiografia tem sobre as Revoltas Tenentistas.

O conteúdo das pajadas se refere à vida militar e não pessoal, e a ênfase em suas representações como soldado oculta qualquer informação sobre a família ou mesmo sobre as atividades que o autor exercia antes de entrar para o Exército. Talvez, essa opção em escrever especificamente sobre o Exército revele a preocupação em registrar o que acontecia naquele recorte de tempo, sendo este um período em que o soldado não teve contato com familiares. Há também a preocupação com os destinatários desse relato, o que influencia nos temas escolhidos pelo autor.

Embora as pajadas sejam o eixo central de análise, as outras partes que compõem o documento oferecem informações significativas. As notas tomadas por Ernesto em algumas margens, a possibilidade de comparar a formação militar com as opiniões do soldado e o mundo cultural de Ernesto mostrado pelas músicas são reveladores. No que diz respeito ao conteúdo produzido pelo soldado desconhecido, noto dois momentos de sua escrita: os dias em que “marchavam em busca do inimigo” e quando se iniciam de fato os enfrentamentos. Isso leva a crer que as pajadas foram criadas durante a marcha da coluna comandada pelo coronel Varella da qual fazia parte o pajador. No caminho rumo ao Paraná os obstáculos para atravessar o “sertão” são evidenciados. Na época, o oeste catarinense e paranaense ainda estavam em fase de colonização. Por esse motivo a tropa passava abrindo caminhos pelas matas até encontrar um local apropriado para montar acampamento e descansar. Aliás, uma das reclamações recorrente é o pouco tempo de parada que faziam. Quanto ao período de conflitos, a coragem e a bravura dos soldados legalistas rio-grandenses aparecem em destaque, expressando a identidade gaúcha por meio da desqualificação do inimigo. Ao descrever as batalhas, o texto do soldado desconhecido corrobora para a construção da identidade de soldado gaúcho. Seu grupo é composto de heróis gaúchos defensores da pátria, enquanto o “outro” é caracterizado como composto por desordeiros que atrapalhavam o desenvolvimento de uma nação civilizada. Com os freqüentes conflitos, passa a criticar seus superiores e as condições em que se encontravam os soldados.

Ao contrário do controle da subjetividade proposto pela escola metódica, os pressupostos da historiografia atual a consideram parte do processo de pesquisa e de construção das fontes. O olhar do pajador sobre as Revoltas Tenentistas é subjetivo, relaciona-se com o posto ocupado por ele e as experiências que teve ao longo do percurso em direção ao Paraná e as batalhas. A apropriação que Ernesto faz das pajadas também depende de sua cultura, seu gosto e interesse pelas opiniões do pajador. E o sentido que os filhos de Ernesto atribuem à participação dele como militar faz parte da imagem criada desse pai e do significado que atribuem ao Exército. As releituras e resignificações feitas pelos sujeitos históricos que integram essa pesquisa ocorrem em função da apropriação cultural que se faz da realidade, que, por

sua vez, não permanece estanque nas lembranças que se tem do passado (CHARTIER, 1990).

O que é expressão do homem e de seu pensamento, especialmente como no caso em estudo que a fonte fala de coisas que esse homem viveu, traz concepções individuais, sentimentos, emoções. Cabe, portanto, compreender a constituição da subjetividade e relacioná-la aos elementos objetivos que a compõem.

> A subjetividade apresenta-se historicamente porque ela se embaraça nos poderes e saberes. [...] De um modo geral, pode-se dizer que os processos de subjetivação dependem, antes de mais nada, da maneira como a linha de subjetivação escapa às relações de poder e aos arquivos de saber (CARDOSO JR. APUD LEMOS, 2007, p.66).

Nesse sentido, a subjetividade do soldado legalista que se expressa contra seus superiores hierárquicos é uma forma de driblar as relações de poder nas quais estava imerso. Ainda que o pajador tenha recriminado atitudes dos revoltosos, suas reivindicações de melhores condições enquanto soldado o aproximam dos objetivos pelos quais os tenentes lutavam. Sem contar que criticar o Exército, ainda que de modo velado, não deixa de ser uma forma de insubordinação.

Há outras fontes que foram utilizadas para compreender a subjetividade do pajador e suas memórias, assim como o caminho pelo qual a fonte percorreu até chegar a essa pesquisa. Dentre essas fontes, destacam-se as entrevistas com os filhos de Ernesto, mapas que situam o leitor em relação ao espaço de combates no oeste paranaense e fotografias. Embora não sejam apenas ilustrativas e sim parte da pesquisa, não é o foco desse trabalho explorar extensamente a análise de imagens. Outra fonte de destacada importância para esse estudo é o livro “A Columna da Morte”, do tenente revoltoso João Cabanas, publicado em 1926 durante seu exílio no Paraguai. O texto consiste em suas memórias de batalhas em torno das Revoltas Tenentistas, sendo que Cabanas trata da tomada de São Paulo durante o Levante Paulista e combates no oeste paranaense.

Por trabalhar com um relato fragmentado em que se expressam opiniões inconstantes – não que isso seja característico apenas de documentos

pessoais – o primeiro capítulo traz discussões teórico-metodológicas sobre a escrita de si e a utilização de documentos pessoais como fonte de pesquisa em história. As Revoltas Tenentistas serão tema ainda desse primeiro capítulo a fim de situar o leitor e oferecer subsídios para compreensão das ideias apresentadas nas pajadas, bem como do contexto em que o soldado está inserido quando as cria.

A divisão dos próximos capítulos foi estabelecida pensando na disposição temática existente nas pajadas. No segundo capítulo o conceito de memória ganha mais visibilidade. Embora esteja vinculado à escrita de si e faça parte do primeiro capítulo, memória se apresenta como um conceito chave para entender não apenas o ato de relatar, mas o que o soldado pajador julga digno de expor em seus versos. E dentre o que ficou registrado, as noções de identidade gaúcha apresentam-se na descrição da tropa de soldados legalistas e na relação entre a defesa da pátria e o fato de serem soldados rio-grandenses. A relação entre as memórias de Ernesto e do soldado desconhecido também são objeto de análise, bem como a construção da memória e as contradições nos relatos dos filhos entrevistados de Ernesto. Paralelamente, serão evidenciadas as contribuições da metodologia micro-histórica a esse trabalho.

Por fim, o enfoque do terceiro capítulo incide sobre as críticas que o soldado desconhecido passa a fazer sobre o Exército. Suas representações frente às Revoltas Tenentistas sofrem o impacto do desgaste sentido pelo soldado, fazendo com que abrande o viés patriota e questione as condições dos soldados rasos e a hierarquia presente no Exército. As memórias do comandante revoltoso João Cabanas complementam a análise empreendida nesse capítulo, pois permitem comparar a narrativa do pajador com o olhar de um comandante que estava do lado oposto no campo de batalha.

CAPÍTULO 1. DOCUMENTOS PESSOAIS E ESCRITA DA HISTÓRIA DAS REVOLTAS TENENTISTAS

A partir das considerações de alguns autores que trabalham com documentos pessoais e da fonte principal utilizada nessa dissertação, nesse capítulo pretende-se pensar a escrita de si e as possibilidades de seu uso na história. O documento em estudo foi escrito por Ernesto Baptista Tecchio e registra pajadas de um soldado legalista partícipe do combate à coluna revolucionária de Miguel Costa no oeste paranaense. Em suas pajadas o soldado desconhecido narra sua trajetória no período compreendido entre setembro de 1924 e maio de 1925, quando o grupo de militares do qual fazia parte foi chamado para reforçar as tropas legalistas, seguindo então de Alegrete até o oeste paranaense. Seus versos encerram anunciando o retorno ao Rio Grande do Sul.

Desse modo, há relação entre as memórias do soldado desconhecido – autor das pajadas – e de Ernesto, que registra e guarda os versos. Além das pajadas, algumas canções militares e sertanejas, como "Tristeza do Jeca"[8], compõem os escritos/memórias de Ernesto. Diferente das instruções militares aprendidas no Exército e copiadas para seus estudos, as pajadas e as canções passam pela escolha (crivo da memória) de Ernesto, constituindo indícios de suas opiniões, seu gosto literário e musical.

As memórias de Ernesto Baptista são compreendidas enquanto representações criadas em meio às Revoltas Tenentistas. Se por um lado o soldado desconhecido cria as pajadas durante conflitos ocorridos entre 1924 e 1925, Ernesto as registra ainda num período de divergências entre militares e governo. Levando em conta a estada de Ernesto no Exército entre 1927e 1928, deve-se lembrar da trajetória da Coluna Miguel Costa/Prestes e os conflitos que culminaram na Revolução de 1930. A discussão historiográfica em torno das Revoltas Tenentistas propostas nesse capítulo também auxilia para a compreensão das memórias do pajador e oferece uma análise das abordagens existentes sobre o tema, nas quais geralmente a preocupação recai sobre o papel dos militares no âmbito político.

[8] Para uma análise mais detalhada da música "Tristeza do Jeca" de Angelino de Oliveira ver CRUZ, 2012.

1.1. As escritas de si nas memórias dos soldados

Quanto ao conceito de representação, Chartier (1990, p.17) lembra que é preciso relacionar os discursos proferidos com a posição ocupada no grupo por quem os utiliza[9]. Nesse caso de estudo tal afirmação tem dois sentidos. Primeiro, o discurso proferido nas pajadas é do soldado desconhecido, no entanto Ernesto os utilizou como constituidores de suas memórias ao lhes conferir materialidade. Uma vez que o texto foi guardado por Ernesto, houve o processo de seleção de sua memória. Esse guardar, junto com suas anotações pessoais, como contas, cartas e outros papéis e lembranças, tem um significado. O acesso às pajadas e a ação de guardá-las indicam sua proximidade com seu autor e também a provável simpatia pelos elementos culturais e ideais contidos nas pajadas. Além da possível busca do filho de imigrantes italianos em apropriar-se da cultura gaúcha, há também a admiração estética pelas pajadas, o que ajuda a explicar o interesse em copiá-las em seu caderno. Outra interpretação da afirmativa de Chartier (1990) remete unicamente ao soldado desconhecido. Sem dúvidas o discurso proferido tem relação com sua condição de soldado raso e gaúcho do pampa. Seu olhar sobre aquele contexto e as críticas que faz a seus superiores só têm sentido se visto do lugar que ele ocupa, o de soldado raso. As enunciações feitas ao leitor indicam que essas pajadas foram feitas para serem lidas, embora tradicionalmente tal forma de versos seja da tradição oral. A cultura da região do pampa é evidenciada entre a criação e a utilização de discursos.

Assim, busca-se analisar a construção das memórias de Ernesto e do soldado desconhecido. A defesa da pátria e a honra do Rio Grande do Sul aparecem nas pajadas como um elemento coletivo. Ao criticar a hierarquia militar e valorizar a função dos soldados legalistas o pajador está falando por seus colegas de farda. Além da condição semelhante em que os soldados estavam inseridos, há a pertença à região do pampa rio-grandense e a doutrinação recebida no Exército que podem explicar essa interação entre as apreensões de um indivíduo e aspectos comuns ao seu grupo. Partilhando das

[9] "As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza" (CHARTIER, 1990, p.17).

considerações de Revel

> [...] a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se insere (1998, p.21).

O estudo desse caso particular é um ponto de partida para a compreensão de um contexto maior. Ao inserir as pajadas em seu Caderno de Anotações, Ernesto oferece indícios para a interpretação de parte das apreensões de soldados frente às Revoltas Tenentistas.

Os documentos que servem à pesquisa em história precisam de um olhar atento do historiador e de análise crítica. Em relação aos documentos pessoais, deve-se atentar quanto a intencionalidade do texto, dos objetivos e do que o autor pretendia deixar registrado a seu respeito. É preciso considerar quem é o sujeito histórico que está escrevendo e de que lugar ele fala, para então entender a construção de sua narrativa. No caso em estudo essa análise segue referente tanto à Ernesto quanto ao soldado desconhecido. O autor das pajadas se auto-intitulava soldado raso, o que sugere a intenção de aproximação com os demais componentes de sua tropa que viviam em condições semelhantes.

Esse soldado faz uso do tradicionalismo gaúcho para expor seus ideais de defesa à pátria e dos elementos que compunham o gaúcho. Era ainda um soldado jovem que completara seus vinte e poucos anos entre “feras no sertão”, como escreve um suas pajadas. Não há dados precisos sobre sua alfabetização, mas as pajadas sugerem pela capacidade argumentativa e a referência à obra literária de Dante Alighieri que era familiarizado com as letras:

> As e cenas que alli se deram
> Eu mesmo não sei deizel-as
> E nem a penna de Dante
> Poderia descrevel-as...[10]

[10] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, pg. 44.

A referência à obra de Dante Alighieri levanta outra questão. Se os versos transcritos por Ernesto não seguem a estrutura de tercetos como na obra de Dante, há de se considerar o caráter regionalista do uso da linguagem como possível inspiração para as produções do pajador. Desse modo, é provável que a inspiração para a criação das pajadas não se limite apenas aos versos típicos da região do pampa, mas esteja vinculada à leituras de outros autores como Alighieri[11], que escolhe a língua vulgar para sua obra ao invés do latim, que era considerada uma língua mais culta na época (VIVAI, 2009, p. 18). A valorização do dialeto por meio dos versos de "A Divina Comédia" pode ter inspirado o pajador no uso de expressões típicas da tradição gaúcha e a forma de escrita própria da cultura de sua região.

Por sua vez, Ernesto era filho de imigrantes italianos, e apesar de manter o uso da língua italiana em seu cotidiano, foi alfabetizado em língua portuguesa. Ao ingressar no Exército, sabia ler, escrever e contar, sendo que frequentou a escola regimental.[12] Além da agricultura, dedicava-se a carpintaria, sendo assim evidente sua ocupação prioritária com trabalho braçal. De acordo com as entrevistas sobre Ernesto, as tarefas cotidianas não o impediram de ler regularmente um jornal que lhes era enviado pelo correio do Rio Grande do Sul, bem como a troca constante de cartas com seus amigos e familiares distantes, além das anotações sobre as finanças da família. Além dessas características, Ernesto foi descrito como bastante religioso, e sendo um católico praticante, assistia a missa todos os domingos. Outra característica de Ernesto descrita por sua filha Ana era de cantar o hino nacional no dia sete

[11] "A Divina Comédia" retrata a viagem de Dante Alighieri pelo Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Durante o Inferno sua sensibilidade achava-se virada para o trágico e o horror, para contemplar e descrever as dores físicas e os sofrimentos morais. Ele, simultaneamente, sentia apenas ódio e desprezo pela maior parte daqueles pecadores, dos quais alguns, sem dúvida os piores, tinham, sob seus olhos, semeado o mal entre os homens, pervertido a sociedade cristã e a Igreja instituição, traído a palavra de Cristo.
No Purgatorio, o sofrimento tem ainda um largo espaço: as almas penitentes sofrem provas terríveis, a cólera e a inventiva não estão ausentes. Mas, gradualmente, o ódio e o desprezo cedem lugar à compaixão, a um sentimento afetuoso de fraternidade cristã e de caridade.
Enfim, no Paradiso, a alma violenta e apaixonada do poeta se apazigua. Aqui a cólera e a inventiva exprimem apenas a santa indignação dos servidores de Deus: de Pedro Damião contra os monges desonrados; do chefe dos Apóstolos contra os pontífices simoníacos. Agora agradam ao nosso poeta somente as visões da mais digna das beatitudes e do esplendor dos esplendores. É na harmonia da alegria e da luz que a sensibilidade de Dante encontra o equilíbrio e a paz, enquanto todas as potências de seu espírito se alargam ao infinito (TÔRRES, 2011, p.58).

[12] Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, 1927, p.35.

de setembro e participar das comemorações alusivas a essa data, o que pressupõe a aproximação de ideais nacionalistas.

Nessa dissertação Ernesto é interpretado como um guardião da memória e a essa memória destinava um espaço: sua caixa com cartas e anotações. Embora o volume de vestígios da memória de Ernesto seja pequeno, as entrevistas indicam que havia a preocupação em produzir e guardar documentos. A escrita de si encontra-se imersa na compilação de anotações, trocas de cartas, fotografias.

O fato de terem sido criadas por um soldado é uma das especificidades das pajadas, visto que é mais comum encontrar relatos de comandantes revoltosos ou legalistas[13]. Ao contrário disso, tem-se o relato de um soldado raso guardado por outro soldado que também não atingiu patente. Artières (1998, p.28) ressalta que "[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo o indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício". Dois homens comuns – ou dois soldados rasos – num jogo complexo de interação entre suas memórias, arquivam suas vidas. A sociedade moderna ofereceu instrumentos que permitem ao indivíduo registrar sua identidade, abrindo "[...] espaço para a legitimidade do desejo do registro da memória do homem 'anônimo', do indivíduo 'comum', cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si" (GOMES, 2004A, p. 13). Os acontecimentos do cotidiano do pajador são de um sujeito histórico envolvido em combates das Revoltas Tenentistas, e se não tinha o mesmo poder de decisão que os líderes das tropas, estava pensando e interpretando aquele momento histórico. Elaborar textos, organizar fotos, escrever diários ou cartas são ações de preservação da memória, e as motivações para tais práticas são diversas. É difícil demarcar exatamente qual era a pretensão do soldado desconhecido ao criar as pajadas, da mesma forma que não se tem uma única possibilidade para o ato de guardar de Ernesto, referente ao qual se acrescenta a impossibilidade de acessar o conjunto de suas anotações. No entanto, é notável a

[13] A exemplo tem-se as memórias escritas pelos tenentes revolucionários João Cabanas e Lourenço Moreira Lima e pelo ministro da guerra do governo de Arthur Bernardes Setembrino de Carvalho. Ver CABANAS, 1926; CARVALHO, 1950 e MOREIRA LIMA, 1979.

intencionalidade de ambos em deixar registradas marcas de suas trajetórias enquanto soldados. Sobre os documentos pessoais, Artières destaca que

> O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (1998, p.29).

Se o soldado pajador não pode determinar o que será dito sobre o "eu" a partir do que deixou relatado, ao menos transformar sua vida de soldado em versos lhe garante a possibilidade de intervir no processo. Narrar a própria vida sugere a ilusão de escolher como seria lembrado. As pajadas são parte do processo de criação de identidade em que se apresenta compondo um grupo de soldados cujos valores centravam-se na bravura e coragem, e carregavam a missão de manter a ordem no Brasil. Ernesto guarda, junto com os versos de seu colega, instruções militares e canções, um período marcante em sua vida: o tempo em que esteve no Exército. É preciso lembrar que é essa parte da vida de Ernesto que sobreviveu ao tempo e à ação de seleção material da memória de seus familiares. Um dos cuidados que se tem com essa fonte é entendê-la enquanto representação, e isso pede atenção no que se refere as noções de verdade presentes nos registros pessoais. É o cuidado com o que Moreira chama de "encanto":

> Porém o encanto dos documentos pessoais tem a sua especificidade, e ela poderia ser batizada de 'a ilusão da verdade'. A ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem trazer. [...] as novas tendências historiográficas tem buscado constantemente dar vida à história: dar cor e sangue aos acontecimentos, que não acontecem 'naturalmente', mas são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo. Nesse sentido, os documentos pessoais nos permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles 'nossos' atores aparecem de forma fantasticamente 'real' e 'sem disfarces'. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na 'intimidade' de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. (1998, p.6).

Assim como Artière, Moreira destaca a busca da historiografia recente por documentos pessoais, não apenas produzidos pelas elites, mas por homens comuns, como é o caso do documento estudado. Conforme Moreira, há elementos dos sujeitos históricos que são mais visíveis em relatos pessoais: os sentimentos, as ideias, auto-representações. Esses elementos podem presumir certa verdade implícita nos documentos, provocando o dito encantamento. No entanto, é sobre a noção de verdade que se deve ter cuidado, pois mesmo sendo os documentos pessoais tão verossímeis como quaisquer outros tipos de fonte, faz-se necessário ponderar a intencionalidade de quem os produz. Quem escreve e guarda memórias cria uma narração que pode ter vários objetivos, como ser lembrado a partir do que elege importante, contar a história a seu modo, deixar exemplo aos familiares, etc. Todavia, é certo que

> O objetivo do registro memorialístico atende a necessidades objetivas e psicológicas do indivíduo, sendo algumas delas praticamente inalcançáveis. O interesse do historiador, ao tomar essas lembranças como fonte de estudo, quase nunca coincide com aqueles objetivos: ao invés de seguir o curso interno de uma coerência que vai enlaçando os acontecimentos, o historiador caminha em sentido inverso. Ele se detém quando possível nessas 'laçadas', a fim de proceder à análise e elaborar um ponto de vista igualmente novo: escrever um outro texto orientado pelo dizível e indizível das lembranças, que têm uma natureza plena de segredos (MALUF, 1995, p.45).

Mais que os segredos que ficam em meio ao espaço entre o significado de um texto para seu autor e a interpretação do leitor, há ausência de informações sobre o vínculo entre o soldado pajador e Ernesto. Por hora, o elemento comum mais notável entre eles é a condição de soldados rasos. Contudo, é na observação da diversidade de ideias contidas nas pajadas e na complexidade da própria trajetória da fonte que o documento se torna mais instigante para a história. A tentativa de afirmar a intencionalidade do relatante requer uma análise específica de cada documento, senão de cada trecho do documento. Ernesto e o soldado pajador nada têm de imparciais ao constituírem suas memórias, o uso do conhecimento de fazer pajadas ou da linguagem escrita são modos de expressar suas ideias. Isso deve ser

examinado aos se empreender uma análise histórica com documentos pessoais.

Quanto ao procedimento crítico de pesquisas em documentos pessoais há especificidades a serem observadas. Cunha propõe algumas perguntas referentes a essas pesquisas.

> O que buscamos nós, historiadores, nos diários pessoais? Várias possibilidades de utilização dessa fonte se abrem aos pesquisadores. Como integrantes de uma cultura letrada, esses materiais nos permitem estudar as formas de linguagem utilizadas, as maneiras de narrar em uma determinada época, os usos e apropriações da língua, a conversão de formas orais de comunicação em formas escriturais, os diferentes níveis de alfabetização expressos pelas caligrafias e tantos outros aspectos que transcendem o exato momento de sua produção e revelam as transformações históricas nas tecnologias de escrita que tanto interessam aos estudiosos ligados à História da Cultura Escrita (2009, p.258-259).

As pajadas consistem em uma linguagem que permite ao soldado narrar sua época e sua região. Pela fonte que se tem, é Ernesto quem conserva essa linguagem oral na sua forma escrita, e o faz em um período de taxas de analfabetismo altas, o que por sua vez o diferencia enquanto sujeito histórico. Os documentos oficiais, por exemplo, são construídos com a consciência de que podem ser lidos, não necessariamente por um historiador que lança suas perguntas ao passado, mas porque o registro tem sua finalidade prática no período em que é elaborado e geralmente destina-se a algum leitor. Já quem produz relatos pessoais, embora o faça com suas intenções, não tem ideia de quem serão seus destinatários e quais serão os usos feitos. Com o trecho abaixo pretende-se citar exemplos de diferentes usos possíveis de um mesmo texto:

> E quando algum sucumbir
> Nesses combates frementes
> Que ao menos saiba o Rio Grande
> Que os seus filhos são valentes[14]

[14] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 39. Os trechos das fontes transcritos nessa dissertação mantêm a forma original não tendo sido atualizados ortograficamente.

Observa-se duas possibilidades. Os versos acima poderiam servir para reafirmar o papel importante dos soldados rio-grandenses que defenderam a pátria em conflitos das Revoltas Tenentistas, ressaltando a valentia com que se portaram num contexto de guerra. Essa análise pressupõe que esse trecho possa ter sido declamado em algum momento de parada da tropa do soldado pajador. O caráter público ou privado das pajadas será avaliado adiante. Outra possibilidade de interpretação refere-se à informação de que a ameaça da morte estava próxima ao relatante, que busca então justificar sua participação na luta exaltando a colaboração dos soldados rio-grandenses. Por esse viés, os versos são pensados enquanto reflexão individual do soldado pajador. Quais dessas interpretações, dentre tantas outras possíveis, seria a mais aproximada da intenção consciente do soldado? Não cabe à história descobrir a "verdadeira" intenção de quem produziu o documento, o que se faz é chegar a prováveis intencionalidades. Leva-se em conta que transformar uma fonte em texto histórico requer um novo processo de criação no qual seria impossível a tentativa de reconstrução fidedigna. Ao contrário, a história atribui significados, desmonta a fonte ao não seguir sua ordem de disposição de informações. Além disso, insere outras fontes e referencial teórico que vão ao encontro do modo de fazer história do pesquisador, e não do modo de contar a história de quem produz a fonte. Seguindo esse procedimento o objetivo desse trabalho é compreender parte de um processo histórico a partir das memórias elaboradas sobre esse passado.

No que diz respeito à natureza das fontes deixadas por Ernesto, pensou-se em qual categoria esse documento poderia ser classificado. Para refletir sobre as categorias existentes dentro dos documentos pessoais foi levado em conta o conteúdo do Caderno de Anotações, e nessas categorias são avaliadas as aproximações que se pode fazer com o documento. Ao tratar do diário de Getúlio Vargas, Remédios (1996, p.5) faz uma diferenciação entre diário íntimo e autobiografia:

> O diário íntimo diferencia-se da autobiografia quando se observa a perspectiva de retrospecção, pois há melhor distância temporal e espacial entre o *eu, o vivido e o registro* desse vivido pela escrita. Além disso, por ser escrita privada, o diário deixa de lado o pacto entre o autor e o leitor, o que o afasta mais uma vez da autobiografia. Quando o diarista se cria na sua escrita, ele, como o

> pintor, está a ver-se diante de um espelho que [...] é o espelho de Narciso. Então, esse gênero não possui qualquer horizonte de expectativa, porque não obedece a qualquer modelo, uma vez que ele não conta *o que fez*, mas busca dizer *quem* é através da experimentação da linguagem (1996, p.5. Grifos da autora).

A constituição de uma narrativa – seja ela pela montagem de um caderno ou a autoria das pajadas – tem implicações do tempo em que se encontram os indivíduos que a produz. A diferenciação feita por Remédios vem nesse sentido, pois o diário supostamente é escrito, como o nome sugere, no dia do acontecimento, enquanto a autobiografia evidencia os aspectos referentes à memória de um passado mais distante. A memória é ao mesmo tempo lembrança e esquecimento. Por meio dessa ação, o indivíduo constrói a significação para o que decide lembrar (MALUF, 1995, p.70). A assertiva de Maluf remete a duas questões. O movimento de lembrar e esquecer inerente ao ato de rememoração ocorre tanto em autobiografias quanto em diários, visto que mesmo o registro produzido quase instantaneamente ao ocorrido passa pelo processo de seleção do que será lembrado. O que difere é a proporção de distanciamento entre o indivíduo e suas vivências. O Caderno de Anotações não se encaixa em categorias previamente estabelecidas e por isso pode ser classificado de várias maneiras. Se levado em conta a preocupação que o pajador tem em alguns versos de registrar datas e locais (embora isso não aconteça em todos os versos) encontram-se características que se assemelham às de um diário. Além disso, o entusiasmo demonstrado nos primeiros versos difere das críticas que o pajador faz aos seus superiores e à própria necessidade de um conflito armado, o que leva a crer que escreveu no decorrer do caminho. Outro aspecto que aproxima a fonte aqui estudada do conteúdo de um diário é a construção de uma narrativa, que mesmo se o pajador passasse dias sem escrever e depois criasse as pajadas, há momentos em que ele não sabia o desfecho dos momentos posteriores. Segue abaixo um dos trechos que ilustra essa ideia:

> E seguindo em perseguição
> As colunas inimigas
> No dia 14 de janeiro
> Fomos ficar em Formigas [...]
>
> Pela alta madrugada

Dia 21 de janeiro
Fomos despertados a bala
Pelo inimigo traiçoeiro[15]

Conforme exposto, o texto contém elementos comuns a um diário no tocante a algumas datas e descrição dos acontecimentos. Porém, há diferenças óbvias entre as pajadas e um diário, a começar por ter sido – pressupõe-se aqui – compartilhado com Ernesto. E nas pajadas é contada uma história com começo, meio e fim, desde a saída de Alegrete até o retorno da tropa gaúcha. Além disso, a categorização desse documento pede que se considere Ernesto, que por sua vez materializa as pajadas e certamente nem pensou na estrutura de um diário.

Analisar o Caderno de Anotações exige diferenciar dois momentos de sua construção. O caderno que pertencia a Ernesto assume caráter privado, pois as anotações de códigos militares e instruções aos soldados destinaram-se à sua formação. As pajadas e as canções sertanejas e militares expressam mais a escolha de Ernesto do que guardar, a princípio, para si. Não se identifica a pretensão explícita de construir uma autobiografia, mas por meio da compilação deixa marcas de sua trajetória. Conforme depoimento de seus filhos nas entrevistas, Ernesto guardava outros documentos como cartas e anotações sobre as finanças da família, contudo estes não foram conservados por seus descendentes. É importante ressaltar que não se percebe a intenção de tornar públicas suas memórias, nem as do soldado desconhecido, pois interrogados se conheciam o conteúdo do caderno, os filhos foram unânimes em responder que não tinham acesso ou interesse pelos escritos do pai.

O conteúdo das pajadas indica a alternância da fonte entre seu caráter público e privado. Há que se lembrar que para Ernesto acessá-las, em algum momento foram públicas, mesmo que isso se refira a compartilhá-las com um amigo soldado. Não se sabe ao certo em que circunstâncias as pajadas acabaram compondo o Caderno de Anotações, mas há pistas deixadas pela fonte. Comumente pajadas integram a tradição oral e não escrita, o que poderia ser um indicativo de que Ernesto foi quem as colocou no papel. Todavia, analisando o conteúdo das pajadas, verifica-se mudanças

[15] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p.48-49.

significativas nas opiniões do pajador. A exaltação aos “bravos filhos do pampa”, defensores da pátria, destoa das críticas à hierarquia militar, bem como a reflexão quanto à condição de soldado raso. Essa divisão é marcada pelo início dos enfrentamentos armados. Assim, há indícios de que as pajadas, se não foram escritas, ao menos tenham sido criadas no decorrer da trajetória do soldado. A não ser que tenham sido reelaboradas a quatro mãos, as pajadas já estavam escritas antes de chegarem a Ernesto. O pajador deixa pistas de sua intenção em ser lido, visto que em alguns versos aparece expressões como “amado leitor”, “conto agora aos leitores” ou “falo agora aos colegas de farda”. Há de se considerar a possibilidade dessas evocações ao leitor serem fruto da intervenção de Ernesto no texto. Assim, ou o soldado escreveu durante a marcha, ou esboçou as principais ideias e não as modificou muito quando as escreveu ou falou a Ernesto. Evidentemente, se Ernesto copiou na presença do pajador ou escreveu enquanto o colega lhe dizia as pajadas, tem-se uma ação da memória que exigiria mais agilidade da parte de Ernesto para fazer suas intervenções, mas se lhes foi emprestado o material já escrito, há mais possibilidades para escolher os versos ou modificar trechos do relato.

É certo que várias passagens – especialmente sobre os conflitos – não foram registradas no dia daquele acontecimento, tendo então o que Remédios (1996, p.209) chama de distanciamento entre o eu, o vivido e o registro desse vivido através da escrita. Em meio a guerra, o contexto não permitia a pontualidade da escrita de um diário, o que lança outra dúvida. O intervalo entre os combates seria suficiente para produzir as pajadas? Seguir a cavalo do Rio Grande do Sul ao oeste paranaense, e conforme os relatos, atravessar rios e abrir caminhos pelas matas são condições que permitiriam a conservação do documento escrito?

Além das duas categorias abordadas – diário e autobiografia – a elaboração de relatos em forma de pajadas expressa um traço marcante da cultura gaúcha e permite a classificação do texto enquanto literatura. As pajadas expressam uma criação de identidade materializada pela escrita.

> No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada a constituição da identidade por meio da

> função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (RICOEUR, 2007, p.98).

Tomando a narrativa do soldado desconhecido como suas memórias[16], mesmo sem poder levar em conta especificamente em que tempo se dá a ação da memória sobre os eventos, há implícita a construção de identidade. Seu grupo não era composto de simples soldados, estes são representados enquanto "bravos filhos do pampa", portanto, soldados cujos valores gaúchos lhes instigavam a defesa da nação. Ao analisar detalhadamente a fonte esse aspecto será retomado.

O esforço em compreender categorias que deem conta de explicar o que é o documento estudado se faz com vistas a expor melhor a fonte aos leitores. Frente à impossibilidade de categorizar o documento, optou-se pela denominação Caderno de Anotações, que parece condizente com o conteúdo que o compõe. Quanto à metodologia utilizada para a análise do Caderno de Anotações como espaço de escritas de si, recorre-se às reflexões sobre a pesquisa em várias categorias de documentos pessoais. E no que diz respeito à pesquisa em diários, Moreira levanta outro argumento importante:

> [...] a utilização de diários como fonte documental no trabalho de (re)construção histórica assume cada vez mais um duplo papel: o de permitir ao pesquisador analisar o momento em que foi escrito, ou pelo menos depreender algumas de suas características, e o de informá-lo sobre a trajetória de vida do diarista. A obra é ela o seu próprio tempo. Ou melhor, o tempo de seu autor, enquanto representante de uma determinada sociedade, classe e época (1996, p.8).

Quem elabora um diário ou o que se pode chamar de escrita de si está imprimindo marcas de seu contexto histórico, e essas marcas são passíveis de interpretação. É neste sentido que documentos pessoais servem para compor uma (re)construção histórica. Os relatos do soldado desconhecido indicam possibilidades de interpretação em torno das Revoltas Tenentistas, contendo a

[16] "Contra a tendência de muitos autores de abordar a memória a partir de suas deficiências e disfunções, Ricoeur [...] afirma que a memória é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar" (LORIGA in GOMES; SCHMIDT, 2009, p. 19).

particularidade de serem elaboradas por um dos partícipes deste processo. Assim, os relatos são representações de parte da história de vida de seu autor e do contexto vivenciado por ele, sendo uma leitura de determinada realidade.

Conforme ressaltado anteriormente, ao apontar os aspectos em que o relato se aproxima de um diário, há uma tentativa em demarcar o espaço/tempo do qual está falando, contendo datas fragmentadas e apontando o local em que a tropa estava a cada momento. A fragmentação dos registros pode ocorrer pelos filtros postos por Ernesto ou a seleção feita pelo pajador, que aponta para a impossibilidade de registrar tudo o que acontecia no seguinte trecho:

> Tudo que alli se passou
> Não pode a penna escrever
> Porque a bala de canhão
> No sertão chega a gemer.[17]

Ao mesmo tempo em que admite a impossibilidade do relato totalizante, seu discurso utiliza uma justificativa para essa limitação. A fala do narrador se faz no sentido de expressar que a fonte produzida não era capaz de registrar tudo. Caso tenha escrito em meio às batalhas, o que impossibilita seus registros de um "todo" são os enfrentamentos, ou seja, o que motiva a elaborar relatos em alguns momentos é o que impede de relatar, pois o pajador era antes de tudo um soldado. Se as pajadas foram escritas depois, a impossibilidade de registrar tudo se refere ao excesso de eventos que mereceriam atenção e por isso mesmo seria inviável colocar todos no papel. Os documentos pessoais deixam lacunas assim como qualquer outro registro. O problema da parcialidade do relato e da não totalidade acompanha os documentos pessoais, assim como ocorre com documentos oficiais, entrevistas, jornais ou outras fontes de pesquisa. Conforme afirma Ginzburg, "Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. [...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la" (1989, p.177).

No que se refere à memória, a opção por registrar pode ser

[17] Caderno de anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p.59.

compreendida pelo fato da escrita ser considerada uma maneira de se conservar lembranças. De acordo com Halbwachs (1990, p.80), pode-se pensar que na concepção de Ernesto e do soldado desconhecido “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. Desse modo, as anotações são compreendidas como materialização intencional de suas memórias através do ato de produzir as pajadas e o Caderno de Anotações.

Considerando os elementos mencionados no que diz respeito à memória seletiva, cabe lembrar que os silêncios do soldado desconhecido são reveladores e podem, bem como os registros, ser interpretados. As disputas políticas entre revoltosos e o governo de Arthur Bernardes não são mencionadas nos relatos, o que pode vincular-se à própria formação militar. Conforme análise empreendida sobre as instruções militares contidas no Caderno de Anotações e recebidas no Exército, a formação dos soldados voltava-se para “a luta em honra à pátria” e não para que questionassem os rumos da política nacional. Setembrino de Carvalho, por exemplo, defendia a não intervenção de militares na política (1950, p. 192). Pressupõe-se que, tendo servido num período próximo, a formação militar do soldado desconhecido e de Ernesto deva ter sido semelhante. Enquanto soldado legalista o pajador foca a narrativa no seu cotidiano de combatente sem demonstrar preocupação com o posicionamento ideológico revolucionário. Sendo assim, essa pesquisa volta-se “[...] menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios: não só o discurso, mas igualmente sua aridez ou até ausência” (FOISIL, 1991, p.331).

1.2. Revoltas Tenentistas: discussões historiográficas

A atuação de militares na política acompanha boa parte da história do Brasil. Um momento emblemático dessa atuação ocorre na passagem do regime monárquico para o republicano, instituído com a intervenção do Exército. Nos anos que se seguiram a esse evento os militares continuaram tendo participação significativa na política nacional. Inicialmente, essa presença no cenário político republicano apresentou-se na república da espada[18],

[18] A denominação “república da espada” faz alusão ao fato de os primeiros presidentes serem militares.

período compreendido entre os anos de 1889 a 1894 em que o Marechal Deodoro da Fonseca assumiu como primeiro presidente do Brasil e foi sucedido pelo Marechal Floriano Peixoto. Em decorrência do domínio oligárquico de políticos ligados ao setor agrário de Minas Gerais e São Paulo, na década de 1920 uma parcela do Exército articulou ações contra o poder instituído através de manifestações armadas que compuseram as Revoltas Tenentistas. “O grande mal a ser combatido eram as oligarquias, já que segundo os tenentes, elas haviam transformado o país em ‘*vinte feudos’* cujos senhores eram escolhidos pela política dominante” (FERREIRA, 2006, p.12. Grifos da autora).

Com a crise política da Primeira República, acontece um conjunto de ações envolvendo o Exército com implicações na política brasileira na primeira metade do século XX. Essas ações podem ser divididas em três fases: de 1922 a 1930, quando a oposição é constituída dentro do Exército; outubro de 1930, quando Getúlio Vargas chega ao poder apoiado pelos tenentes e o governo provisório em que militares assumem cargos no poder; a partir de 1932 quando o grupo de tenentes se fragmenta e perde a coesão política, (COELHO, 2000, p.103-104). De um modo geral, as Revoltas Tenentistas reivindicavam mudanças na política brasileira da época. O período entre 1922 a 1930 é marcado por lutas armadas que contaram com a participação de oficiais do Exército, tendo a adesão de alguns integrantes da Marinha de Guerra e civis. É esse período que terá destaque nesse trabalho.

A designação do termo “tenentista” remete aos principais protagonistas destas revoltas: os tenentes e capitães do Exército. Em sua maioria, a organização das Revoltas Tenentistas era feita por jovens de baixa e média patente que viram na organização deste movimento político-militar um modo de agir frente ao domínio oligárquico predominante nos anos 1920. Ao confrontar as fontes com estudos sobre as Revoltas Tenentistas há indicativos de que pensar a origem social dos tenentes é também pensar a dos soldados legalistas que combateram a revolução. Sobre a origem social dos tenentes, Carvalho afirma:

> Não existem bons dados sobre a origem social dos oficiais durante a Primeira República. Mas, das várias biografias e autobiografias

> publicadas, pode se perceber que a quase totalidade dos líderes tenentistas, por exemplo, era proveniente de famílias pobres. Estão nessa situação os dois Távora, Luís Carlos Prestes, Nunes de Carvalho, Siqueira Campos, João Alberto. Alguns, como os Távora, confessadamente entraram para o Exército como o único caminho disponível para continuarem os estudos, dada a insuficiência das rendas familiares. Quando Leitão de Carvalho manifestou intenção de ingressar no Exército, seu professor lhe perguntou logo se o motivo era a falta de dinheiro (2005, p.17).

A indagação feita a Leitão de Carvalho por seu professor exemplifica "quem" a buscava e o quão desprestigiada encontrava-se a carreira militar. Conforme elucida Carvalho, faltam trabalhos que deem conta de abordar com precisão quem eram os oficiais envolvidos nos combates decorrentes das Revoltas Tenentistas, mas é consenso na historiografia referente ao tema que militares de baixa patente foram maioria na organização do movimento, enquanto o alto escalão do Exército permaneceu do lado do governo. Notadamente, essa análise serve aos líderes das Revoltas Tenentistas e aos oficiais que articularam a defesa da legalidade. Se o Exército foi o único caminho para alguns dos líderes tenentistas, o mesmo pode-se dizer dos soldados que lutaram pela manutenção da legalidade. Além das tropas legalistas, parte da Brigada Militar rio-grandense e seus Corpos Provisórios[19] combateram os revoltosos. Os soldados dos CP's provinham de recrutamento voluntário e por vezes forçado. "Em geral indivíduos desempregados, devido à crise dos setores produtivos, sem terem a quem recorrer em um momento conturbado, ingressavam no CP's, pois isso representava um meio de sobrevivência momentâneo" (PEREIRA, 1993, p.82).

Os jovens da classe média em ascensão nos anos 1920 procuravam o Exército, mas o objetivo era obter titulação em algum curso superior. A carreira militar não era prestigiada na sociedade:

> A carreira militar só atraía os jovens de tradições militares na família ou os que não dispunham de alternativa de emprego. A estes últimos, o Exército proporcionava os meios de subsistência, mas não as vias de ascensão social. [...]. Os jovens da nascente classe média que ingressaram nas academias militares buscavam a educação gratuita que lhes proporcionava a ilustração bacharelesca ou o diploma de

[19] As agitações políticas do ano de 1923 haviam instigado a criação de Corpos Provisórios (CP's) no Rio Grande do Sul. Em 1924, por exemplo, os CP's serviram para combater os rebeldes tenentistas. Para um estudo mais completo referente aos CP's ver PEREIRA, 1993.

> engenharia, ambos valorizados na sociedade brasileira. Poucos permaneciam no Exército, e os que aí ficavam compraziam-se em diferenciar-se, como engenheiros, da população de homens fardados (COELHO, 2000, p.59-60).

Identificam-se assim dois grupos sociais que procuravam o Exército: um formado por pessoas que não encontravam outra ocupação para se sustentarem, outro que pertencia à classe média ao qual o Exército possibilitaria a ascensão por meio da titulação acadêmica. Com as afirmações de Coelho, nota-se que a carreira militar era procurada por segmentos sociais menos favorecidos. Carone também trata da origem social dos oficiais na época das Revoltas Tenentistas.

> Num país onde as oportunidades de vida eram difíceis, e os estudos e carreiras liberais representavam um peso monetário, o Exército continuava sendo o refúgio de uma classe sem recursos. É assim que os nossos oficiais são de origem simples, de pais comerciantes, funcionários e pequenos fazendeiros, conquistando democraticamente os postos pela capacidade e não pela posição social. Além do mais, o recrutamento era feito em todo o Brasil, dando oportunidade de comparar a situação e a corrupção geral (CARONE, 1977, p. 38).

Ernesto foi incorporado ao Exército por ter sido sorteado[20] ficando um ano em Cruz Alta. Quanto ao soldado desconhecido, suas motivações para integrar-se ao Exército não estão nas pajadas. Todavia, considerando os dados fornecidos pelas pesquisas de Carvalho, Pereira, Coelho e Carone, ser militar não era uma condição de prestígio na sociedade brasileira da época. No Rio Grande do Sul, estado onde o pajador serviu ao Exército, soldados integravam-se aos CP's por dificuldades em conseguir trabalho. Pensando as condições de recrutamento dos anos de 1920, acredita-se que, sendo um soldado raso, encontrou no Exército um caminho para melhorar sua condição de vida. A divisão entre legalistas e revolucionários não se dá simplesmente pelo

[20] Ernesto foi recrutado nos primeiros anos da implantação da lei do sorteio, que foi uma tentativa de modernizar o Exército. "O recrutamento que se fazia até 1916, ao mesmo tempo que marginalizava o exército, impedia que este se modernizasse internamente pela má qualidade de recursos humanos que lhe fornecia. O sorteio universal era a única solução possível para o problema. A luta por sua introdução foi continuada na República, agora ajudada pelo maior poder político adquirido pelo exército. Mas a resistência também continuou poderosa, através da imprensa, do Congresso, e até mesmo das organizações operárias" (CARVALHO, 2004, p.193).

pertencimento a diferentes classes sociais, e as posições assumidas nas Revoltas Tenentistas tem mais relação com a decisão dos líderes de cada tropa, da opção em aderir ou não ao movimento em cada guarnição.

O tenentismo possui singularidades que o diferenciam de outros movimentos. Seus integrantes eram em sua maioria jovens oficiais que buscaram através das armas a transformação da política nacional. Embora o tenentismo tenha sido organizado pelo Exército e não pela população, seus idealizadores teriam se posicionado como "protetores dos interesses da classe média"[21]. Fausto considera esse posicionamento como uma das características do tenentismo.

> Na base da pequena vinculação com os meios civis, está um dos traços essenciais da ideologia tenentista: os 'tenentes' se identificavam como responsáveis pela salvação nacional, guardiães da pureza das instituições republicanas, em nome do povo inerme. Trata-se de um movimento substitutivo, e não organizador do 'povo' (FAUSTO, 1997, p.81).

Os tenentes – ao menos é o que se evidencia pelo discurso dos líderes tenentistas – assumiam uma postura salvacionista acreditando terem papel fundamental para a nação. A defesa dos possíveis interesses da classe média urbana marca a postura anti-oligárquica dos tenentes, bem como perpassa a busca de legitimidade para o movimento. No entanto, compreender o movimento apenas como defensor da classe média não parece adequado, visto que a maioria dos tenentes envolvidos não pertencia a essa camada social. Afinal, um contingente significativo dos partícipes destes movimentos foram indivíduos das camadas subalternas da população, que muitas vezes possuíam outras motivações, não estando necessariamente interados sobre os debates políticos no âmbito nacional.

Inserindo-se no debate sobre a relação entre tenentes e a classe média urbana, Forjaz afirma que em seu entendimento "[...] isso ocorre porque os tenentes não se expressam apenas em nome do Exército, mas expressam também o inconformismo anti-oligárquico das camadas médias urbanas"

[21] Boris Fausto restringe o conceito de classe média à classe média urbana, visto que em seu entendimento não havia na década de 1920 a organização de uma classe intermediária no campo (FAUSTO, 2006, p.175-176).

(FORJAZ, 1977, p.30). Ao tratar do Levante Paulista[22], Forjaz sinaliza uma diferença entre a articulação de 1922 e a de 1924.

> Os tenentes não se vêem como representantes de determinada categoria social, tentando impor à sociedade seus interesses específicos, mas falam em nome de interesses nacionais, supondo representar uma consciência nacional. Agora não falam mais como em 1922, apenas em nome de uma corporação ofendida, mas se pronunciam em nome da coletividade nacional, propondo para ela uma sociedade democrática (1977, p.52).

Assim, as questões que mobilizaram o Exército estariam ligadas à sociedade civil. É em nome dessa sociedade que falam os tenentes, haja vista que afirmavam que não defendiam apenas seus interesses específicos.

Anita Leocádia Prestes ao tratar da mobilização de tenentes contra o domínio oligárquico aponta os civis como inativos nesse processo[23], a falta de coesão das camadas médias urbanas dos anos 1920 os tornaria incapazes de elaborar reivindicações em prol de mudanças na política nacional. Segundo Ferreira (2006, p.14) o fato de a revolta ter partido do Exército e não do povo seria explicado pela inatividade dos civis e a organização dos militares. Entretanto, mesmo que a população não estivesse organizada a ponto de desencadear uma revolta, sem seu apoio não seria possível que as tropas se deslocassem e a Coluna percorresse o país. Caso estes revolucionários enfrentassem, além das perseguições das tropas legalistas, uma repressão popular intensa, a marcha da Coluna Prestes que se formou a partir das revoltas não aconteceria. Ao mencionar a interação entre revolucionários e o povo, Carone descreve diferentes posicionamentos adotados pela população frente à passagem da Coluna Miguel Costa/Prestes:

> É verdade que a população rural do Piauí, Maranhão e Minas trata

[22] O Levante Paulista compõe uma série de manifestações integrantes das Revoltas Tenentistas. Uma das características dessas revoltas era a forte participação de uma parcela do Exército e o discurso definido pela historiografia que trata do tema como "salvacionista", sendo que os revoltosos afirmavam objetivar a moralização da política nacional.

[23] Esta afirmação faz lembrar o livro "Os Bestializados", de José Murilo de Carvalho que trata da participação do povo na política brasileira. Segundo o autor, o povo participava ativamente da vida política, mas não nos moldes europeus(CARVALHO, 1991). A participação da população nas Revoltas Tenentistas também ocorre, mas seu espaço não era de liderança no movimento nem de maioria nas frentes de combate.

> bem a Coluna, ajudando e fornecendo víveres e informações. Mas a propaganda, acrescida de estragos e requisições, levam a hostilizar homens cujos objetivos estas populações não entendiam e não podiam entender. O comum era encontrar vilarejos vazios; no Ceará a população atacou revolucionários porque pensavam – como dizia a propaganda bernardista – que eram ateus e iam prostituir as mulheres; em Goiás os fazendeiros resistiam por causa das requisições de cavalos (1977, p.57-58).

A aceitação dos ideais revolucionários nos locais onde a Coluna passava dependia de quais implicações esta teria para a população, o que parece uma questão prática, não ideológica. Afinal, embora os revolucionários tenham assumido a postura salvacionista, o governo e legalistas contra-atracavam enfatizando a manutenção da ordem.

Fausto e Anita Prestes se aproximam em suas interpretações ao partirem da ideia de possível comprometimento dos tenentes com a sociedade, concepção que para outros autores não é entendida como a única nem a principal motivação para as revoltas. Coelho ressalta a modernização e profissionalização do Exército nos anos 1920 como um fator que veio a desencadear as revoltas, e deixa claro seu viés interpretativo:

> A nossa estratégia analítica é, contudo, a de enfocar os fatos a partir da perspectiva da organização militar tomada como legítima unidade de análise. Dessa forma, e fugindo aos clássicos modelos da 'revolução burguesa' e da 'ascensão das classes médias', nossa tese será a de que na origem dos movimentos militares de 1922 e 1924 estavam fatores tipicamente militares, de natureza política apenas no sentido restrito de que se inspiravam aqueles movimentos num enfoque crítico sobre as relações entre o Exército, por um lado, e o regime político e o governo, por outro (COELHO, 2000, p.97).

A interpretação de Coelho enfoca o caráter militar dos conflitos, restringindo as disputas políticas à relação entre governo e Exército. Para o autor a defesa da população não estava como principal pauta de reivindicação dos tenentes: "Os primeiros fatores a serem percebidos foram os que afetaram negativamente a existência individual dos oficiais: condições materiais de vida, oportunidade de ascensão na hierarquia, gratificações de natureza profissional" (COELHO, 2000, p.98). Embora a carreira militar tenha sido uma alternativa para setores sociais desprivilegiados, isso não impede que após o recrutamento os oficiais observassem criticamente as más condições materiais

enfrentadas por eles. Com esse argumento, Coelho rejeita as interpretações de que os tenentes seriam defensores da classe média. O cotidiano dos militares de baixos salários, dificuldades de ascensão e desprestígio do Exército instigaram a organização das Revoltas Tenentistas, as questões políticas aparecem como pano de fundo. Vale lembrar que Coelho afirma sua interpretação voltada para a busca de identidade do Exército, o que o leva a refutar a interação direta dos militares com questões referentes à sociedade civil.

Mesmo com a tentativa de modernização do Exército com a Missão Francesa de 1919[24], os problemas permaneciam. Para compreender as revoltas, recorre-se a um breve histórico das tensões entre Exército e governo. Em 1919, assume a presidência Epitácio Pessoa, tendo sido eleito fora da aliança entre São Paulo e Minas Gerais[25], o que pressupunha uma política pacífica e independente em seu governo (CARONE, 1977, p.27). Apesar dessa expectativa, na presidência de Epitácio Pessoa acontecem desentendimentos entre o governo e o Exército, destacando-se a indicação dos civis Pandiá Calógeras para atuar no Ministério da Guerra e Raul Soares para a Marinha. Os militares criticavam o governo por sua política antimilitarista. Soma-se a essa crítica o veto ao aumento de salários dos militares, justificado por Epitácio Pessoa pelo corte em despesas públicas (CARONE, 1977, p.28).

Acrescenta-se a isso a publicação de cartas na imprensa carioca em 1921 contendo ofensas ao Exército. A autoria das cartas foi atribuída ao então candidato à presidência Artur Bernardes (candidato situacionista). Após a vitória de Bernardes, o presidente do Clube Militar Hermes da Fonseca pronunciou-se publicamente contra algumas ações do governo. Em resposta, Epitácio Pessoa decretou o fechamento do Clube Militar e Hermes da Fonseca acabou sendo preso. Aos poucos, as desavenças entre militares e governo tomaram proporções maiores, desencadeando revoltas como Os 18 do Forte, o Levante Paulista e a continuidade do movimento com a formação da Coluna Miguel Costa/Prestes. Além do tensionado momento político, o Brasil passava por outras mudanças. Ferreira sintetiza as transformações dos anos 1920 no trecho a seguir:

[24] Ver CASTRO, 2002.
[25] Para um estudo mais apurado sobre a aliança Minas-São Paulo, ver VISCARDI, 2001.

> A década de 1920 foi um período de profundas transformações na sociedade brasileira, na medida em que então se manifestaram uma crise intra-oligárquica, uma demanda de maior participação dos setores urbanos, uma insatisfação dos segmentos militares. Desenvolveram-se também novas formas de pensamento e elaboração cultural. O ano de 1922, em especial, aglutinou uma sucessão de eventos que mudaram de forma significativa o panorama político e cultural do país. A Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista do Brasil, o movimento tenentista, a criação do Centro Dom Vital, a comemoração do Centenário da Independência e a própria sucessão presidencial de 1922 foram indicadores importantes dos novos ventos que sopravam, colocando em questão os padrões culturais e políticos da Primeira República (FERREIRA, 1993, p.10).

Evidencia-se que não apenas o Exército, mas a sociedade como um todo passava por importantes mudanças no âmbito social e cultural, o que indicava uma nova configuração para o Brasil.

As Revoltas Tenentistas diferenciam-se de outros conflitos que envolveram o Exército brasileiro por colocar soldados contra soldados. Na Guerra do Paraguai o inimigo era externo, em outras revoltas internas os embates aconteceram entre soldados e civis. Já o tenentismo nasceu em uma instituição do Estado, dividindo-a entre questionadores da política oligárquica e mantenedores da legalidade. Nesse contexto, militares lutam contra militares. Sendo tanto os soldados defensores da legalidade quanto os revolucionários originários do Exército, as revoltas ganham um caráter essencialmente militar. As abordagens historiográficas em torno do tema reconhecem os revolucionários como militares, ainda que estes tenham saído do Exército para realizar as revoltas. Os próprios revolucionários reconheciam-se como soldados, diferenciando-se dos cidadãos civis e mantendo sua organização baseada na hierarquia militar, havendo postos como o de comandante e capitão. A retirada dos revoltosos de São Paulo que deu origem à Coluna Paulista é exemplo de estratégia militar.

O primeiro conflito armado expressivo encabeçado pelos tenentes teve início em cinco de julho de 1922 no Rio de Janeiro e é chamado de Os Dezoito do Forte. Para Carone (1977, p.39) “A conspiração foi somente militar, tendo havido entre os civis surpresa diante dos acontecimentos inesperados”. Vários soldados rebelaram-se, porém a maioria se rendeu às pressões das tropas do

governo, enquanto aproximadamente dezoito dos revoltosos permaneceram na praia de Copacabana sendo que apenas Siqueira Campos e Eduardo Gomes sobreviveram. Essa primeira manifestação foi rapidamente reprimida pelas tropas legalistas.

Em cinco de julho de 1924 – data escolhida em homenagem aos revoltosos do Forte de Copacabana – outro grupo de revolucionários, tendo como um dos principais líderes Isidoro Dias Lopes, desencadeou uma revolta em São Paulo conhecida como Levante Paulista. Com a tomada de alguns quartéis, os tenentes instalaram-se na capital paulista, mas deixaram a cidade forçados pela ação repressiva do governo (FERREIRA, 2006, p.13). Dando continuidade ao processo iniciado em 1922, manteve-se a característica de participação dos tenentes e de reivindicação por mudanças na política brasileira. O objetivo central do Levante Paulista era depor o presidente Arthur Bernardes, instaurando um novo governo nos moldes da democracia liberal. Apesar da retirada de São Paulo os tenentes conseguiram manter o movimento. Formou-se então a Coluna Paulista, que seguiu perseguida por tropas legalistas. Seu percurso era escolhido conforme a possibilidades de desviar dessas tropas. Dessa forma, a Coluna que deixou São Paulo acabou por se instalar no oeste paranaense. Chama-se a atenção que é nesse contexto de perseguição aos revoltosos do Levante Paulista que o soldado desconhecido participou de enfrentamentos, especialmente quando estes se instalam no oeste paranaense. É na região de Catanduvas, Paraná, que os rebeldes se instalam e esperam a chegada de reforços da Coluna Prestes.

Nos discursos proferidos por líderes das revoltas nota-se que a luta era pautada por questões políticas. Embora problemas de ordem material motivassem os tenentes, para que essas condições melhorassem, era preciso transformações políticas. Cuidar mais do auxilio do povo incluía cuidar dos militares, parte integrante do povo brasileiro. O discurso de Luis Carlos Prestes é esclarecedor quanto aos objetivos da revolta:

> Todo o Brasil, de Norte a Sul, ardentemente deseja, no intimo de sua consciência, a vitória dos revolucionários, porque elles luctam por amor do Brasil, porque elles querem que o voto do povo seja secreto, que a vontade soberana do povo seja uma verdade respeitada nas urnas, porque elles querem que sejam confiscadas as grandes fortunas feitas por membros do governo a custa dos dinheiros do

> Brasil, porque elles querem que os governos tratem menos da politicagem e cuidem mais do auxilio ao Povo[26].

Apesar de reivindicar mudanças, o Movimento Tenentista era de caráter substitutivo[27], pois não previa uma nova organização de governo e sim a substituição de governantes, sendo que as mobilizações armadas e as colunas formaram-se também com o intuito de divulgar a proposta dos revoltosos e ganhar novos adeptos em todo o país. Geralmente, fala-se em revolta ao invés de revolução, pois os idealizadores não pretendiam provocar uma grande transformação, mas realizar mudanças pontuais na estrutura que já estava posta.

Além do descontentamento de membros do Exército, outras questões políticas pautavam as Revoltas Tenentistas. Na época, os centros econômicos eram São Paulo e Minas Gerais, e revezavam-se no governo por meio da política conhecida como café-com-leite. Esta prática viabilizava que os governantes atendessem primeiramente as necessidades de suas regiões, deixando as demais em segundo plano. Todavia, ao contrário da aparente estabilidade desse revezamento, cada eleição era marcada por negociações entre os representantes das regiões (VISCARDI, 2001).

Na década de 1920, estados como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia, descontentes com a candidatura dos situacionistas Arthur Bernardes e Urbano Santos, articularam a Reação Republicana[28] e lançaram Nilo Peçanha e J.J. Seabra para presidência e vice-presidência, respectivamente. Mesmo não tendo êxito nas eleições, o discurso progressista proferido por Nilo Peçanha possibilitou uma votação considerável na área urbana. Peçanha passou a manter contato com Hermes da Fonseca, que era do Exército, em que também se notava o descontentamento com o governo. A Reação Republicana resultou da insatisfação de oligarquias de "segunda grandeza" ante a dominação Minas-São Paulo.

Em meio às transformações pelas quais passava a sociedade brasileira

[26] Fragmento do texto "Manifesto de Santo Ângelo" escrito por Luis Carlos Prestes.
[27] Esse termo é utilizado Boris Fausto ao argumentar que nos objetivos dos tenentes não se incluíam mudanças estruturais (FAUSTO, 2006).
[28] As negociações e a organização em torno do lançamento da candidatura de Nilo Peçanha ficaram conhecidas como Reação Republicana, que marca um ciclo de questionamentos em torno da política instaurada naquele período.

na década de 1920, havia indícios de que não se aceitava mais a política até então empregada. A ruptura da política do café-com-leite por meio da Reação Republicana e as Revoltas Tenentistas demonstrava que a situação era cada vez mais insustentável. Assim, as revoltas se espalharam por grande parte do país, e em outubro de 1924 ocorrem levantes no Rio Grande do Sul. É neste contexto que, após sucessivos enfrentamentos, outra coluna de revolucionários marcha em direção a Paraná para se juntar aos revoltosos da Coluna Paulista. Enquanto os revoltosos provenientes do Levante Paulista esperavam pela coluna liderada por Prestes, sucederam-se vários conflitos no oeste paranaense entre revoltosos e soldados enviados pelo governo, sendo referente a este período os relatos do soldado desconhecido.

Nota-se na historiografia que trata das Revoltas Tenentistas a ausência de abordagens que tratam das relações entre os militares nesse contexto de conflitos, e soma-se a essa ausência a escassez de estudos sobre os eventos no oeste paranaense. De um modo geral, as preocupações dessa historiografia voltam-se essencialmente para os objetivos dos tenentes e o contexto em que contestavam a legalidade.

A compreensão do Caderno de Anotações de Ernesto e das pajadas do soldado desconhecido, bem como a inserção destes em determinado período histórico, passa pela interpretação da literatura disponível sobre Revoltas Tenentistas. A reflexão proposta nesse texto segue mostrando que tanto o ingresso dos oficiais quanto suas posições não envolviam apenas questões ideológicas, havia implícita a luta por melhorias para os militares. As revoltas consolidam-se num período de instabilidade política no Brasil, quando parte significativa do Exército intervém através das armas.

CAPÍTULO 2. MEMÓRIAS DE SI, EXPRESSÕES DE IDENTIDADE

No capítulo anterior foram abordadas questões metodológicas sobre a escrita de si. O Caderno de Anotações é escrita de si de Ernesto pela seleção que faz dos textos que compõem seu caderno e é escrita de si do soldado desconhecido, tendo em vista as memórias. As expressões culturais desses dois indivíduos constituem as escritas de si analisadas nessa dissertação. Ainda no primeiro capítulo foi feita a apresentação das fontes que oferecem subsídios para compreender a construção do Caderno de Anotações, a discussão historiográfica sobre as Revoltas Tenentistas e a contextualização do cenário em que a fonte central desse estudo foi construída.

Nesse segundo capítulo diversas memórias são objeto de estudo. Juntamente às do Caderno de Anotações mencionadas acima – de Ernesto e do soldado pajador – as memórias de parte dos filhos de Ernesto manifestadas nas entrevistas serão interpretadas. Entre os objetivos da realização das entrevistas destaca-se observar as relações sociais de Ernesto e produzir mais recursos para preencher lacunas da fonte. Contudo, houve revelações que fizeram necessário aprofundar a pesquisa em torno dos temas suscitados nas entrevistas. Desse modo, o conceito de memória ganha mais visibilidade. Memória se apresenta como conceito chave para entender não apenas o ato de narrar histórias ou preservá-las, mas o que se julga digno de lembrar. E dentre o que ficou registrado nas pajadas, as noções de identidade gaúcha apresentam-se na descrição da tropa e na vinculação entre a defesa da pátria e o fato de serem soldados rio-grandenses. A relação entre as memórias de Ernesto e do soldado desconhecido, por sua vez, gera várias indagações, bem como a construção das memórias e as contradições nos relatos de seus filhos. Paralelamente a esses temas serão observadas contribuições da metodologia micro-histórica a esse trabalho. Por fim, há uma explicação mais detalhada sobre pajadas e análise de versos do soldado desconhecido.

Com base nas entrevistas com os filhos de Ernesto, sabe-se que ele produziu um acervo documental diverso ao longo de sua vida. Foram cartas enviadas a familiares, anotações sobre as finanças da família e outros cadernos cujos conteúdos não souberam descrever. Esse mesmo indivíduo poderia estar sendo estudado pelo viés da história econômica, ou a analise da

escrita de si poderia ser pela sua escrita epistolar. A escolha por guardar a fase militar da vida de Ernesto, no sentido material de guardar, se dá pelo seu interesse e pela valorização dessa vivência militar por seus familiares. É a operação da memória que seleciona, e consequentemente exclui lembranças materializadas com potencial de se tornarem objeto de estudo sobre esse mesmo sujeito histórico. A valorização da experiência militar pode ser verificada nos assuntos abordados pelos filhos entrevistados. Ao todo foram quatro entrevistados sendo estes Maria Canossa, Tereza Benetti, Daniel Techio e Ana Tecchio. Nas narrativas os entrevistados seguiram uma estrutura mais ou menos semelhante. De maneira geral, iniciavam pela mudança da família para Seara, Santa Catarina, seguida pelas dificuldades enfrentadas na época, a trajetória militar e a morte de Ernesto. É preciso lembrar que mesmo tendo Ernesto como tema central, cada entrevistado usou o espaço para construção de suas memórias, afinal aquela história familiar lhes pertence.

2.1. Ernesto e o pajador: indivíduos e subjetividades

Situar o Caderno de Anotações enquanto fonte e objeto principal de pesquisa implica em refletir sobre o conceito de "excepcional normal"[29] utilizado por Ginzburg. Segundo esse autor

> Se as fontes silenciam e/ou destorcem sistematicamente a realidade social das classes subalternas, um documento que seja realmente excepcional, (e, portanto, estatisticamente não freqüente) pode ser muito mais revelador que mil documentos estereotipados. Os casos marginais (...) põem em causa o velho paradigma, e por isso mesmo ajudam a formular um novo, mais articulado e mais rico. Quer dizer, funcionam como espias ou indícios de uma realidade oculta que a documentação, de um modo geral, não deixa transparecer (1991, p.177).

Em diversos sentidos o Caderno de Anotações é uma fonte "excepcional normal". A fonte contém as memórias de um soldado raso anotadas e guardadas no caderno de outro soldado. No que tange às Revoltas Tenentistas e dentro da concepção do conceito de excepcional normal aqui apresentado, o

[29] O conceito de "excepcional normal" foi utilizado primeiramente por Grendi, porém foi com Ginzburg que ganhou mais espaço entre os historiadores. Ver LIMA, 2006.

mais comum seria pesquisar relatos de comandantes legalistas ou revolucionários. Diferentemente disso, o que se têm são memórias de um soldado raso. E mais que um soldado, era ele um soldado gaúcho, identidade reafirmada pela linguagem de sua narrativa: as pajadas. Nesse sentido, é excepcional uma linguagem tradicionalmente oral e produzida para ser cantada que se mantém conservada na forma escrita desde a década de 1920. O que não pode ser considerado excepcional normal nas pajadas é seu caráter contestatório, pois tal característica é comum a essa forma de expressão cultural, embora não apareça necessariamente em todas as pajadas.

Os relatos dos comandantes revoltosos ou legalistas, bem como a historiografia sobre as Revoltas Tenentistas, privilegiam as questões políticas em torno dessas revoltas. Estudar as opiniões do pajador implica em possibilidades de revelar um pouco da situação dos soldados naquele contexto e a percepção que tinham da revolta. É revelador, por exemplo, a contestação do soldado legalista frente à hierarquia militar, que em dado momento se pergunta inclusive porque estava lutando. Os outros relatos sobre as mesmas batalhas narradas pelo pajador não podem ser categorizados como fontes estereotipadas. Mas, no caso das Revoltas Tenentistas relatos de comandantes são um tipo de fonte mais comum, geralmente escrita em forma de texto e publicadas em livro.

A conservação do relato do soldado desconhecido é tomada como objeto de estudo. Suas redes de sociabilidade em algum momento o fizeram se aproximar de Ernesto e permitir o acesso à sua produção. A análise dessa relação, assim como a identidade forjada por Ernesto, que nas memórias familiares durante algum tempo assume a figura desse outro soldado exige, em certa medida, a redução da escala de análise proposta pela micro-história. Ginzburg fala dessa forma de análise no trecho abaixo:

> A análise micro-histórica é, portanto, bifronte. Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula (1991, p.177-178).

Se o objetivo desse trabalho fosse a análise restrita às pajadas, todo o processo referente à memória e à própria construção da fonte se perderia. Mesmo que preenchendo lacunas com possibilidades, o esforço de compreensão da fonte em sua elaboração e conteúdo é válido para melhor evidenciar os indivíduos que a produziram. Partindo do pressuposto que a micro-história não resolve os problemas da abordagem macro e sim cria novos problemas, esse estudo vem tratar das apreensões de um soldado e da condição dos soldados nas revoltas, tema pouco visitado até esse momento.

Preencher lacunas quer dizer interpretar. As possibilidades levantadas partem do que as fontes indicam, e é através de indícios que se liga um ponto a outro nessa pesquisa. A exemplo, uma das dúvidas exposta ao leitor é a dificuldade em se saber qual era o contato do soldado desconhecido com Ernesto e em que circunstância as pajadas foram escolhidas para compor o Caderno de Anotações. Não há dados das demais produções do soldado pajador. Na falta de uma resposta pontual, o que dizem os indícios?

A não participação de Ernesto na coluna de Vasco Varella foi confirmada por uma solicitação de pesquisa junto ao Exército de Alegrete, Rio Grande do Sul. O ofício enviado em função da pesquisa afirma que não há nenhum registro de Ernesto no arquivo em Alegrete. A possibilidade indicada aqui é a de que o soldado pajador tenha servido em Alegrete e depois tenha sido transferido para Cruz Alta, onde se tornou próximo de Ernesto.

Essa argumentação é embasada por um indício. Não sabendo como as pajadas foram copiadas, resta tentar perceber em que momento Ernesto escrevia. O conteúdo da primeira parte do caderno que contém instruções militares provavelmente foi copiado nas aulas de formação militar. As pajadas não deixam outras evidências senão o conteúdo, mas as canções militares e populares da terceira parte do caderno sugerem interpretação. Ernesto escreve na margem inferior da página 64 de seu caderno: “em 30 de março de 1928 a 18 hora e 3° mei Cruz Alta 6° R. A. M. 1° Grupo 3ª Bia Ernesto Baptista Tecchio”[30]. Exceto a capa, que contém a identificação de Ernesto da seguinte forma: “Esse caderno pertence ao soldado Ernesto Tecchio”, a anotação citada é a primeira marca que registra data e local da escrita da fonte. Porém, em

[30] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 64. O escrito “mei’ está riscado, provavelmente a intenção tenha sido escrever minutos.

seguida é encontrado outro registro ainda mais sugestivo, também na margem inferior: “Dia 8:4 de 1928 a uma hora da manham na hora do plantão”[31]. Nesses dois únicos trechos em que registra a data e local de produção da fonte – lembrando que as datas das pajadas correspondem a outro autor – Ernesto indica que escreveu nos dias de plantão. O soldado pajador seria seu colega nesse plantão? Que motivações tinha Ernesto para escrever enquanto estava num plantão? Sugere-se que ele indica sua vontade de preservar através da escrita as memórias do tempo que estava no Exército, o que fez daquele momento um período de ampliação de conhecimentos e formação.

Nessa construção das memórias, talvez a participação do pajador tenha sido nos momentos de plantão. Os espaços em branco no caderno, e os espaços em branco de períodos não relatados pelas pajadas podem ser um indicativo de que nem tudo foi copiado, talvez pelos intervalos entre uma escrita e outra, ou o pajador não se lembrou de todas as pajadas que elaborou para que seu colega as registrasse. Assim, o não dito pela fonte estudada é considerado também o não dito por Ernesto, é possível que o soldado pajador tenha produzido mais versos que os que se tem acesso. As reflexões sobre as pajadas precisam ter presente o papel de Ernesto como mediador.

Outro indicativo de que Ernesto usava seu tempo de plantão para construir suas memórias é o conteúdo escrito. A anotação de 30 de março de 1928 está posta em seguida à “Canção ao soldado”[32]. Investigar essa canção fez pensar na referida fragmentação do relato do pajador, bem como nas anotações que Ernesto fez. A versão original da “Canção ao soldado” foi encontrada no livro “Recordar é viver: cancioneiro popular” de Ivo Inácio Bersch[33] a fim de comparar com a que está no caderno de Ernesto. Ao iniciar a leitura da canção no Caderno de Anotações, chama a atenção a ausência da primeira estrofe no caderno. Logo fica claro que a cópia de Ernesto não estavam na ordem da canção. Além disso, duas palavras foram escritas incorretamente, Ernesto trocou “altaneiro” por “antaneiro” e “inclemente” por “incremente”. A desordem dos versos e os erros ortográficos denunciam que Ernesto contava com sua memória, ou ainda com a de mais alguém, para

[31] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 69.
[32] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 62-64.
[33] BERSCH, 2001.

escrever. Na canção do livro as estrofes estão enumeradas, exceto o refrão, até o número 8. No caderno de Ernesto, com base nessa numeração, a ordem seria 2, 3, 6, 7, 4, 5, 1, 8.

Embora não seja Ernesto o autor das pajadas, suas memórias estarão o tempo todo relacionadas às discussões propostas. E quanto ao soldado pajador, ainda que o conteúdo de seus escritos revele opiniões pessoais, acaba tratando de condições às quais estavam submetidos também os outros soldados. As dificuldades que enfrentavam e a imposição de obediência à hierarquia militar são exemplos de vivências coletivas dos soldados.

Quanto às Revoltas Tenentistas, os estudos tratam mais dos comandantes não só por questões de tendência historiográfica, já que a dificuldade de acesso a fontes sobre soldados tem conseqüências para a historiografia. A inserção do indivíduo na história passa por mudanças no perfil do indivíduo comum, que começa a produzir e guardar memórias. Pensando na representatividade do sujeito histórico em relação ao seu grupo, faz-se necessário refletir sobre a subjetividade em história. A fonte é marcada pela subjetividade, a seleção de memória de Ernesto e as apreensões do soldado pajador diferem do que pensavam e sentiam os demais soldados, o que não é um empecilho para o estudo por meio dessa fonte. Chartier (2010), ao tratar a respeito da história e da relação que esta estabelece com o tempo e suas múltiplas leituras, destaca que o principal objetivo de uma história que se pretende entender a maneira como os indivíduos dão sentido às suas práticas, se situa entre dois elementos: as capacidades destes indivíduos e os limites que os cercam, esse olhar é válido “[...] desse modo, para as práticas ordinárias, disseminadas e silenciosas, que inventam o cotidiano (CHARTIER, 2010, p. 49)

Ao refletir sobre o uso de fontes orais, que assim como os documentos pessoais escritos são um ponto de vista dentre tantos outros possíveis, Portelli faz alguns esclarecimentos.

> [...] por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. (1996, p.61)

Desse modo, entende-se que a subjetividade do relato e das entrevistas, ao invés de um obstáculo para a pesquisa, deve constituir parte da investigação. Cabe ao historiador discernir o que há de pessoal e o que pode fazer parte de interpretações comuns ao grupo. Utilizando as palavras de Schmidt (2004A, p.24), o indivíduo estudado não será considerado "[...] apenas como representativo de um determinado meio e de uma determinada época". Ernesto é um indivíduo que se diferencia do grupo pela preocupação em guardar memórias e o soldado desconhecido por narrar suas vivências. Mas, nesses registros encontram-se passagens a partir das quais se presume a existência de percepções comuns aos demais integrantes do grupo. A exemplo disso, ao tratar do momento em que sua guarnição de Alegrete – Rio Grande do Sul, parte em combate aos revoltosos, o soldado escreve:

> Por ocasião do embarque
> Foi gente de toda a parte
> E ate soldado mais forte
> Sentiu também commoção[34]

No trecho acima, a comoção pode ser entendida como um elemento que possivelmente atingiu não apenas a esse soldado, pois de nada parece estranho pensar que outros soldados também sentissem comoção no momento em que deixam suas famílias e partem em direção ao desconhecido. Para reforçar essa ideia de comoção coletiva afirma-se que foi sentida até pelo "soldado mais forte".

O estudo desse caso particular é o ponto de partida para a compreensão de um contexto maior por possibilitar reflexões sobre os soldados na revolução. As pajadas oferecem indícios para a interpretação de parte das apreensões de soldados frente às Revoltas Tenentistas. De acordo com Schmidt:

> [...] por mais singular que seja um indivíduo, existe sempre pontos de contato entre suas vivências e concepções e as de seus contemporâneos, pois todos partilham, em menor ou maior grau, determinados códigos culturais, os quais permitem convivência e comunicação (2004, p.23).

[34] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p.22.

Nessa perspectiva, considera-se os documentos pessoais sem perder de vista que há apreensões que podem ser comuns ao grupo no qual esse soldado estava inserido. O processo de criação de identidade aparece nos escritos de Ernesto e nas pajadas em torno de uma imagem de gaúchos do pampa lutando pela pátria. Para além dessa noção de identidade construída a partir da pertença ao mesmo grupo e do regionalismo, deve-se considerar que o discurso de construção da identidade exige a possibilidade de reconhecimento do outro. Para Hall (2006) as identidades levam os indivíduos a assumir uma posição de sujeito, ocupar um lugar social e agir. No entanto, essas construções são mutáveis; estão mergulhadas na historicidade dos sujeitos, por isso são flexíveis. E nesse sentido, acrescenta-se que os relatos do soldado pajador acompanham a variação do contexto em que vivia. A flexibilidade proposta por Hall é notada por não haver um discurso homogêneo que mantém uma mesma opinião do começo ao fim do relato. Conforme as condições em que os soldados da época lutavam, mudam as memórias registradas pelo pajador. Sobre a relação entre memória e história, Schmidt afirma que

> [...] não podemos esquecer que as fronteiras entre história e memória não são rígidas e que a história, seguidamente, torna-se memória e serve como âncora para identidades individuais e coletivas. Porém, parece-me que a memória tem um compromisso maior com o reforço das identidades (nacionais, étnicas, de gênero, políticas, institucionais, outras), enquanto que a história deve se voltar à historicização destas identidades, evidenciando-as como construções históricas, e não como essências ou dados naturais – não se trata, repito, de dizer se uma memória ou identidade é falsa ou verdadeira, mas de mostrar que elas (inevitavelmente) são representações, construções imaginárias, resultados de processos de seleção, de inclusão e de exclusão (2008, p. 191-2).

Narrar as construções de memória de alguns indivíduos e transformar suas opiniões em conhecimento histórico é uma escolha necessária para a compreensão da escrita dessa dissertação e das relações entre os indivíduos estudados. Claro, é uma nova versão do que um dia se conheceu como história narrativa, conforme esclarece Revel:

> A escolha de um modelo narrativo – ou, mais exatamente, expositivo – é também a escolha de um modelo de conhecimento. Nesse sentido, não é indiferente que tenham sido velhos gêneros historiográficos – a biografia, o relato do acontecimento – que se tornaram, de maneira privilegiada, objeto desse tipo de experimentação. Em sua forma tradicional, eles estão desgastados e, por que não dizê-lo, quase não tem mais credibilidade. Se fosse suficiente saber tudo sobre um personagem, do seu nascimento à sua morte, ou sobre um acontecimento, em todos os seus aspectos, para compreendê-lo, os jornalistas contemporâneos estariam muito mais bem equipados que os historiadores (REVEL, 1998, p.37).

Sem saber tudo sobre os personagens aqui estudados e tendo uma visão fragmentada de suas vidas, passou-se a refletir sobre a importância do estudo de indivíduos. Embora não se esteja estudando especificamente sobre histórias de vida, o problema desse trabalho constituído em torno de memórias de Ernesto e do soldado pajador se faz a partir de suas trajetórias e memórias que se relacionam. Se para a análise do conteúdo das pajadas o soldado desconhecido ganha mais destaque, não se pode negar que Ernesto é o fio condutor de todas essas relações de memória. As entrevistas que compõem o rol de fontes dessa pesquisa forma realizadas com quatro de seus filhos, e sobre as pajadas, além das possíveis relações pessoais, Ernesto partilha com o pajador a condição de soldado raso.

Antes de passar a falar das entrevistas, propõe-se mais uma reflexão sobre a relação das memórias de Ernesto e do soldado pajador. Segundo Bourdieu (1996, p.78) “O nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas manifestações”. Mesmo relativizando a intenção de apropriação de memórias feita por Ernesto, uma evidência precisa ser problematizada. A autoria das pajadas não é indicada nem antes, nem depois da escrita das pajadas no Caderno de Anotações. Isso permitiu que a autoria fosse forjada, e além de Ernesto não deixar clara a autoria das pajadas, seu nome aparece escrito em várias partes do caderno. Na capa, escreve “Esse caderno perteçe a Ernesto Tecchio”, frase reafirmada na contracapa, dessa vez escrito em giz de cera e seu nome em letra maiúscula. Logo na primeira página na margem inferior novamente se escreve “Ernesto Baptista Tecchio”.

Fazer anotações na margem inferior é uma característica de Ernesto. Na página 5, não se sabe quando nem porque, escreve a caneta o nome da

cidade onde viveu: Seara. Essa palavra aparece novamente na página 19 escrita com caneta de outra cor. Sua anotação na página 31 trata do tempo e do lugar, agora se sabe que não da escrita, mas do lugar que deu condições à produção. “Palmas Estado do Parana Novembro de 1924”. Na página 34, a caneta, está escrito o nome da cidade onde Ernesto deveria se apresentar, em Concórdia (Seara era na época distrito de Concórdia). Novamente na página 63 está escrito a caneta Seara, o que se repete na página 81. Duas outras anotações são analisadas pela data, e a última anotação é na página 83, a penúltima de seu caderno: “em 19 de 4 de 1928”.

Pelas críticas que as pajadas contém ao Exército, talvez não identificar seu autor seria uma forma de proteger o soldado desconhecido. Mas, e a releitura feita na memória de seus filhos? E porque alguns acreditaram que Ernesto havia participado de revoltas? Será que além de se apropriar das pajadas Ernesto teria se apropriado das histórias do pajador e as teria contado a seus filhos, ou tudo não passa de uma confusão propiciada pela ação do tempo na memória?

2.2. Os indivíduos e suas memórias

Nessa pesquisa, memória é uma das chaves explicativas para se entender as ações dos diversos sujeitos históricos envolvidos na trama aqui estudada. Para se compreender suas histórias, é preciso entender a relação dos indivíduos com a memória. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419). Essa afirmativa pode ser usada tanto para pensar as memórias narradas nas entrevistas quanto às dos soldados em estudo. O passado vem a tona nas entrevistas repleto de ressalvas por parte dos entrevistados: “Não lembro nada. Não lembro muito[35]”, “Não, não. Não me alembro mais”[36], “ Eu não me alembro

[35] Entrevista com Tereza Benetti realizada no dia 27 de julho de 2011 na cidade de Palotina, Paraná. Teresa nasceu no dia 25 de outubro de 1945 em Seara, Santa Catarina. Casou-se com João Benetti e passou a viver em Toledo, Paraná, onde reside até a atualidade. A exemplo de todos os outros filhos de Ernesto, dedicou-se sempre à agricultura.

mais de tudo bem"[37], ou ainda a demonstração de desinteresse pelo assunto: "Mah nunca pedi!"[38]. No processo de atualização das informações passadas o não lembrar, a dúvida ou a confusão em relação ao que estavam dizendo faz parte da memória.

As ressalvas dos entrevistados destacadas acima ocorrem por um processo natural da memória. Para Rezende:

> Estamos no território da construção das memórias, atualmente tema muito visível nas discussões da historiografia, mas polêmico e aberto a inúmeras enunciações. A memória é seletiva, está articulada com o ritmo de nossas lembranças e dos nossos esquecimentos (REZENDE IN GOMES, 2004, p.79).

Nessa historiografia ainda em debate e com possibilidades de novas propostas interpretativas, é consenso que a memória é construída e não natural. A lembrança e o esquecimento se relacionam com as escolhas, interesses e necessidades psicológicas de cada indivíduo. Além disso, "O estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão desde o princípio banhadas de subjetividade" (LOWENTHAL APUD REZENDE, 2004, p.79). Os vestígios deixados pelo homem sobre si são carregados de seus pensamentos, crenças, cultura, etc. Nessa mesma esteira interpretativa Pollak afirma que "A *memória é seletiva.* Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado" (1992, p.203. Grifos do autor). Considerando as memórias dos soldados e dos entrevistados como fontes de pesquisa, sabe-se que estas são organizadas de acordo com as experiências de cada um e a importância relegada aos eventos ao longo de suas vidas. As escritas de si são fontes mais difundidas na contemporaneidade, isso ocorre porque esse período dispõe de mais recursos para registrar a própria vida, como por exemplo o aumento nos índices de alfabetização e o acesso às tecnologias. A memória também

---

[36] Entrevista com Daniel Techio realizada no dia 07 de agosto de 2011 na cidade de Seara, Santa Catarina. Daniel nasceu em 23 de fevereiro de 1942, casou-se com Leonilda Bernardi e reside até a atualidade em Seara.

[37] Entrevista com Ana Tecchio realizada no dia 07 de agosto de 2011em Seara, Santa Catarina. Ana nasceu em 08 de novembro de 1940, reside até a atualidade na casa construída por Ernesto.

[38] Entrevista com Maria Canossa realizada no dia 27 de julho de 2011 na cidade de Palotina, Paraná. Maria casou-se com João Canossa e passou a viver em Palotina, Paraná, onde reside até a atualidade.

dependerá dos fatores que cercam cada indivíduo, as concepções políticas, a profissão e as redes de sociabilidade interferem naquilo que será lembrado.

Para tomar memórias como fontes para a história, é preciso que se considere as diferenças entre esses dois conceitos. Nora oferece uma diferenciação entre história e memória:

> Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (1993, p.9).

As considerações de Nora levam a outra reflexão importante: lembrar e esquecer não tratam simplesmente de uma escolha. Nas entrevista, por exemplo, é provável que os entrevistados tenham se preocupado com a imagem que criaram de si ao dar seu depoimento mesmo que as entrevistas versassem sobre Ernesto. Talvez após as entrevistas tenham refletido com que outras palavras poderia ter contado suas lembranças. E essa reflexão aplicada às pajadas têm outra implicação. Quantas vezes a palavra que se desejava colocar naquele verso precisou ser substituída e se curvar à forma em rimas? São esses aspectos das fontes que permitem reafirmar a memória enquanto construção, e nesse processo aparece entrelaçada à identidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p.419. Grifo do autor). A escolha do que é lembrado passa também pela auto-representação e identificação que o indivíduo deseja criar. Sobre a relação entre memória e identidade, Pollak afirma:

> Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade,* tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p.204).

Tomando memória como parte da identidade, resta lembrar das identidades criadas por Ernesto e pelo pajador. Conforme enunciado anteriormente, Ernesto era filho de imigrantes italianos, foi agricultor e carpinteiro durante toda a sua vida, exceto o período em que serviu ao Exército, mas, é justamente esse período de suas memórias que é guardado. Assim, sua compilação de memórias fala de amor à pátria pela voz do pajador, mas sobretudo por uma escola sua. A época de produção do Caderno de Anotações era de criação da identidade nacional. Talvez o serviço militar e as pajadas que exaltavam o amor à pátria tenham sido uma forma encontrada por Ernesto para se identificar enquanto brasileiro. Os depoimentos de seus filhos, afirmando que o pai gostava da data de sete de setembro, indicam essa valorização do sentimento de identidade. Considerando o contato dos soldados em estudo com as letras e a própria formação militar, o pajador evoca o tema "nação" em seus versos de modo a ressaltar a sua cultura e a importância dos soldados gaúchos (e dele mesmo) para essa nação. Já o soldado pajador deixa bem evidentes suas identificações. Ligado à cultura gaúcha, exalta a pátria utilizando a figura do gaúcho.

Sobre as narrativas dos filhos de Ernesto é importante relatar que devido às circunstâncias a entrevista de Maria Canossa foi ouvida, e em alguns momentos contou com "contribuições", por sua irmã Tereza Benetti. Em seguida Tereza foi entrevistada, e Maria, por sua vez, fez suas intervenções. O terceiro filho entrevistado foi Daniel Techio, que deu seu depoimento diante da família e chamou a atenção por dizer um pouco antes da entrevista começar que gostaria de ter sido avisado com antecedência, assim poderia planejar o que dizer e ensaiar antes da gravação. Se o procedimento fosse ao gosto do entrevistado, haveria maior artificialidade em suas lembranças. Por fim, a quarta e última entrevistada foi Ana Tecchio, numa conversa com várias pausas nas quais pedia ajuda para falar as palavras em português, ou melhor, pronunciava no dialeto italiano e perguntava como se dizia em "brasileiro"[39].

[39] Para a análise das entrevistas a atenção não recai sobre as questões de linguagem, o que será analisado é o conteúdo contido em cada entrevista e não a forma (no sentido do uso da língua portuguesa) como suas histórias foram contadas.

Os filhos de Ernesto apresentam algumas lembranças em comum. De um modo geral, as dificuldades na época que a família migrou do Rio Grande do Sul para Santa Catarina são destacadas. São identificadas divergências e contradições nas lembranças dos entrevistados, sendo que a coletividade dessas memórias ocorre no sentido de pertencimento a um mesmo grupo. Ao serem questionados sobre a trajetória do pai, os integrantes da família contam a história a seu modo, cada um cria uma autoimagem em sua fala. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411). A maneira como cada indivíduo significa suas experiências influencia no que fará parte de sua memória. A trajetória de Ernesto é também a de seus filhos e um faz parte da memória dos outros. Geralmente a fala na primeira pessoa ocorria para se referir às lembranças, como na afirmativa de Maria: “Eu me lembro ainda a primeira, desde a primeira casinha que nós tinha, e depois fez um paiol a cozinha, um quarto e no foro ia dormi. Depois fez a casa.” Ou ainda no início do depoimento de Tereza que diz: “Não lembro nada. Não lembro muito”, mas em seguida começa a relatar suas lembranças. Nesse caso, a ressalva soa como uma advertência para as possíveis falhas da memória.

A exemplo de como se liga a memória individual à coletiva, considerando o elo baseado no pertencimento ao mesmo grupo familiar, ao falar do pai, Ana se insere na narrativa e logo coloca seu irmão Daniel: “Eu me alembro que quando ele veio morar, eu nasci aqui, depois quando que era meninota ele morava num ranchinho de rasteira de tábua assim e depois dele lá de uns ano que nasceu o Daniel fiz aquele paiol lá embaixo era a casa dele.”[40]

Um dos problemas do uso de entrevistas para a pesquisa é a passagem da linguagem oral para a linguagem escrita. Se o texto tem diferentes estilos e formas de expressar o que se pensa, a narrativa oral conta com gestos, expressões, contexto. E foge às possibilidades do pesquisador a descrição de todos esses recursos usados pelos entrevistados. Resta então ponderar que há

[40] Vivendo no mesmo lugar onde nasceu o irmão Daniel, Ana aponta na direção em que havia a casa da família.

implicações da transformação de uma linguagem em outra, e no caso das entrevistas sobre Ernesto, esse problema é acentuado pelo constante uso de expressões idiomáticas. Por se tratar de um dialeto, a língua usada pelos filhos de Ernesto é oral, não existe na forma escrita. Embora as falas misturem o dialeto com a língua portuguesa, nota-se implicações na estrutura das frases. Maria Canossa, ao ser questionada sobre a língua falada em casa responde: "Mah tu fala puro italiano nem água sabia fala em português". Deve-se observar que "tu" nesse caso não se referia a quem estava entrevistando e sim a própria entrevistada e às pessoas de sua família, esse é um exemplo da necessidade de explicação e interpretação para que se compreenda parte das entrevistas com os filhos de Ernesto.

Ainda tratando da língua utilizada em casa, Maria complementa: "Puro italiano nós não sabia nem fala água em português quando a professora era italiana nem água sabia fala. A mãe também, entendia mas não falava quase. A mãe também, ih aqueles ano ali as nona assim."[41] Segundo Maria, sua mãe compreendia o português, mas pouco sabia falar nessa língua. E reforça sua afirmativa complementando que as mulheres de idade mais avançada tinham pouco contato com a língua portuguesa.

Ao ser questionada, Ana confirma a utilização do dialeto nessa resposta: "Tudo em italiano, tudo em italiano. Era italiano neh. Ele sabia falar em brasileiro, mas a falecida nona, poareta[42], coitada ela não sabia fala em brasileiro bem." Nesse trecho da conversa Ana usa o vocabulário do dialeto italiano, refere-se à sua mãe como "nona" logo em seguida a chama de "poareta", complementando com o sinônimo que encontra na língua portuguesa: coitada. Em vários momentos Ana demonstra dificuldades em encontrar sinônimos na língua portuguesa para algumas palavras: "Não não é lixa aquele, nós em italiano era escanharol não sei como chama em brasileiro." Sobre o costume de ler e escrever, Ana diz: "O jornal todas noite sabe aquela vez lá era do Correio Riograndense[43], vinha, não fazia aqui, então todos mês vinha o jornal três quatro mas ele todas noite..."

[41] "Nona" é como são chamadas as avós. Na fala de Maria a palavra se refere às mulheres de mais idade.
[42] A palavra "poareta" vem de "povero" que é traduzido do italiano como coitado.
[43] O Correio Riograndense, de acordo com informações da página oficial do jornal, possui como leitores especialmente descendentes de imigrantes europeus, sendo esses pessoas

Nas entrevistas com Maria e Tereza, alguns trechos deixam claro que elas misturavam lembranças de seu pai às dos amigos dele. Ao relatar as experiências do pai no Exército, Maria novamente reafirma a seu modo que considera frágeis suas lembranças, e diz: “Não muito sei que ele falo assim que quando ele foi no Exército era até feio de vê! Quem ria, quem chorava! De tudo poh! Se despedia.” As palavras de Maria realmente estão vagas. A despedida era de sua casa para ir ao Exército? Talvez, numa época de construção da identidade nacional e num momento em que o Exército, embora com más condições, era considerado uma possibilidade de ascensão social, pode-se encontrar motivos que alegrassem os que se despediam de Ernesto. Contudo, a função militar numa época de agitações políticas e a necessidade de estar longe da família pode ser o motivo das preocupações. Logo em seguida, suscitada a falar o que seu pai fazia no Exército, afirma:

> Mah nem pedi nunca pedi só que quele que o amigo dele falo assim do sul ainda diz que fico na guerra era ruim. Ficava muito nervoso por causa das bomba que soltava. Não sei se é veneno que tem o que que tem que ficava desse jeito noh!

A estrutura das frases usadas por Maria dificulta a compreensão, é preciso deduzir algumas informações de acordo com o contexto. Assim, tudo indica que Ernesto tinha um amigo nascido no sul, o que quer dizer Rio Grande do Sul, que foi para a guerra e contava que “lá era ruim”. Nesse momento da entrevista Maria não lembra quem era esse amigo de seu pai, porém o amigo teria duas das características do pajador: era do sul e participou de enfrentamentos armados. Daniel, por sua vez, afirma: “Contava que lá ele não passou mal, mal, e trabalho assim no Exército e contou que não era tão bom de viver no Exército naquela época.” A frase contraditória vem seguida de uma

---

ligadas à igreja e pequenos produtores rurais. É interessante notar que esse perfil descrito pelo jornal corresponde às características de Ernesto Baptista Tecchio. Além disso, o jornal é editado em Caxias do Sul, próximo ao município de Guaporé, onde nasceu Ernesto. Até a atualidade o Correio Riograndense é distribuído na região oeste de Santa Catarina, local em que viveu Ernesto. Embora essa informação seja atual, o jornal afirma seguir com essa rede de distribuição ao longo de cem anos. “Fundado a 13 de fevereiro de 1909, o Correio Riograndense tem ininterrupta folha de serviço de 103 anos. Em sua inspiração original, foi pensado para ser visita semanal às famílias evangelizadas pelos missionários capuchinhos e também um jornal aberto às informações gerais.” Disponível em http://www.correioriograndense.com.br/correio/historico.htm. Acesso em 07 de fevereiro de 2012.

forte expressão de dúvida: “Não, não. Não me alembro mais.” As dificuldades dos entrevistados em expressar e narrar o que se passou em suas vidas e na vida de Ernesto tem como agravante o tempo. Nesse sentido, Bosi ressalta que:

> Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como ele foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

O trabalho de busca pela memória implica em resignificar o passado de modo a deixá-lo inteligível no presente. Ao ser indagada sobre as experiências de Ernesto como militar, Ana responde:

> Não. Ele acho que não foi na guerra, só ser... no exér...dio servi do Exército ele foi. Tu tem um foto que ele ta vestido de polícia?
> No Exército sim sei que ele foi, ele contava sempre, na guerra não. Só é o amigo dele Santo Ferrasso, ele disse sempre. Quando que ele volto da guerra então o padre na ingreja chamo da frente do altar sento lá ele, porque ele volto vivo neh.

A foto “vestido de polícia” mencionada por Ana é a figura 1. Ernesto aparece fardado, não de polícia, mas de soldado. Acontece que a falta de contato de Ana com o Exército condicionou-a a associar a farda com o trabalho de policial (profissão que ela conhecia). A troca dos termos se justifica ainda pela despreocupação com a diferença entre um policial e um soldado. A memória resignificada não alerta Ana para que não cometesse tal deslize.

Sem encontrar quem foi o soldado pajador, o primeiro nome indicado pelas entrevistas para ser investigado é o de Santo Ferrasso. O amigo de Ernesto que marcou a memória de Maria, Tereza e Ana talvez tenha sido o soldado pajador, mas, ao solicitar uma pesquisa junto ao Exército em Alegrete, Rio Grande do Sul, foi enviado um ofício comunicando que não foram encontrados documentos sobre Santo Ferrasso em Alegrete, e conforme a narrativa das pajadas, o soldado serviu nessa cidade. Segue o trecho do ofício:

> O presente expediente versa sobre pesquisa de possíveis ex-militares do Regimento.
> 2. Em atenção ao ofício s/nº. de 11 de agosto de 2011, de sua lavra, informo-vos que foi realizada a pesquisa solicitada, não sendo encontrados em nossos arquivos registros referentes aos senhores Ernesto Baptista Tecchio e Santo Ferrasso (Ofício Nr 151 – S1.1, Alegrete, 22 de agosto de 2011).

Talvez o problema esteja no acervo do Exército, assim, essa informação não exclui totalmente Ferrasso como possibilidade de ser o pajador.

Em outras partes da entrevista Maria retoma o nome de Santo Ferrasso por duas vezes. Numa tentativa de se desculpar por não se lembrar de tudo também fala da vivência de sua família: "Depois nós não ficava com os veio não perguntava assim essas coisa, ele contava as veis o pai um pouco com nóis, e aquele Ferasso ali fomo visita ele falo que sentia tudo, que tava em casa, que não tava muito... ficou bem diferente".[44] Em algum momento Ernesto se tornou amigo de Ferrasso, se no Exército, em Guaporé ou quando migrou para Seara não se sabe, mas fica clara a ligação entre os dois e que o assunto guerra era tratado na presença dos filhos de Ernesto. As dúvidas para falar sobre o pai não são as mesmas para afirmar Ferrasso como partícipe de enfrentamentos militares. Dessa vez, o silêncio de Ernesto é mencionado. "Porque ele não me falava muito pra nós assim, só falava um poco de certas coisa ali, sei lá o que ele tinha também não gostava dasveis. Agora aquele Ferrasso lá nunca mais esqueço". Pelas memórias dos entrevistados Ferrasso participou de algum enfrentamento armado, contudo, partindo das informações fornecidas pelo Exército de Alegrete, é provável que não seja o soldado pajador.

Outro aspecto chama a atenção na entrevista realizada com Ana, falando determinadas palavras pela metade, ela ressalta que seu pai participava das comemorações cívicas alusivas à Sete de Setembro:

> Ele sim gostava muito do dia sete então ele cantava ...(?) ele ia sempre lá em Sea... na cidade vê a marcha, ele cantava sempre o hino nacional. Ma dasveis sabe o que ele fazia quando era um pouco de alegre cantava o hino nacional. Ele gostava.

[44] Nesse caso, ao usar a expressão "contar com nós" Maria se refere ao fato de que, às vezes, o pai conversava com os filhos.

O ex-soldado filho de imigrantes italianos, que assinava e lia um jornal identificado com a cultura dos imigrantes, abre espaço para o nacionalismo que vinha sendo construído desde o início do século. O fato de participar das comemorações de sete de setembro e manifestar seu nacionalismo não são atitudes que se opõem à sua simpatia pelas críticas do soldado pajador. Afinal, há o elemento de relação com a cultura regionalista riograndense na qual o pajador e Ernesto se mostram inseridos. Ana, ao reforçar que suas lembranças poderiam ser falhas diz: “Eu não me alembro mais de tudo bem. O que ele contava do Rio Grande eu me alembro bem. Bastante assim”.

No depoimento de Tereza novos personagens surgem. O rumo da entrevista a fim de identificar as redes de sociabilidade de Ernesto faz com que se lembre de mais de amigos de seu pai. O primeiro é Santo Benvenuto Tecchio, cuja primeira discussão que contou com intervenções de Maria foi se o mesmo se chamava Santo ou Benvenuto. Ainda pondo em dúvida as próprias memórias, Tereza diz: “Não lembro nada. Não lembro muito. Eu só lembro que ele contava que ele e esse amigo dele, esse Tecchio de Concórdia Seara, Santa Catarina que ele contava que passo o Exército que era um grande amigo. Era o Benvenuto Tecchio.” Após entrar em contato com familiares mais próximos a Benvenuto, descobriu-se que se tratava de um primo e amigo de Ernesto que viveu em Concórdia, Santa Catarina. Santo Benvenuto Tecchio também não pode ser o pajador, pois nunca serviu e nasceu em 1919. Um de seus filhos ainda guarda fotos de Ernesto e sua família. Numa delas Ernesto está vestido de militar, pela data, tinha na época vinte e três anos. A mesma fotografia faz parte do acervo da família de Ernesto, mas nesta não há as informações no verso conforme se pode verificar na imagem enviada a Benvenuto.

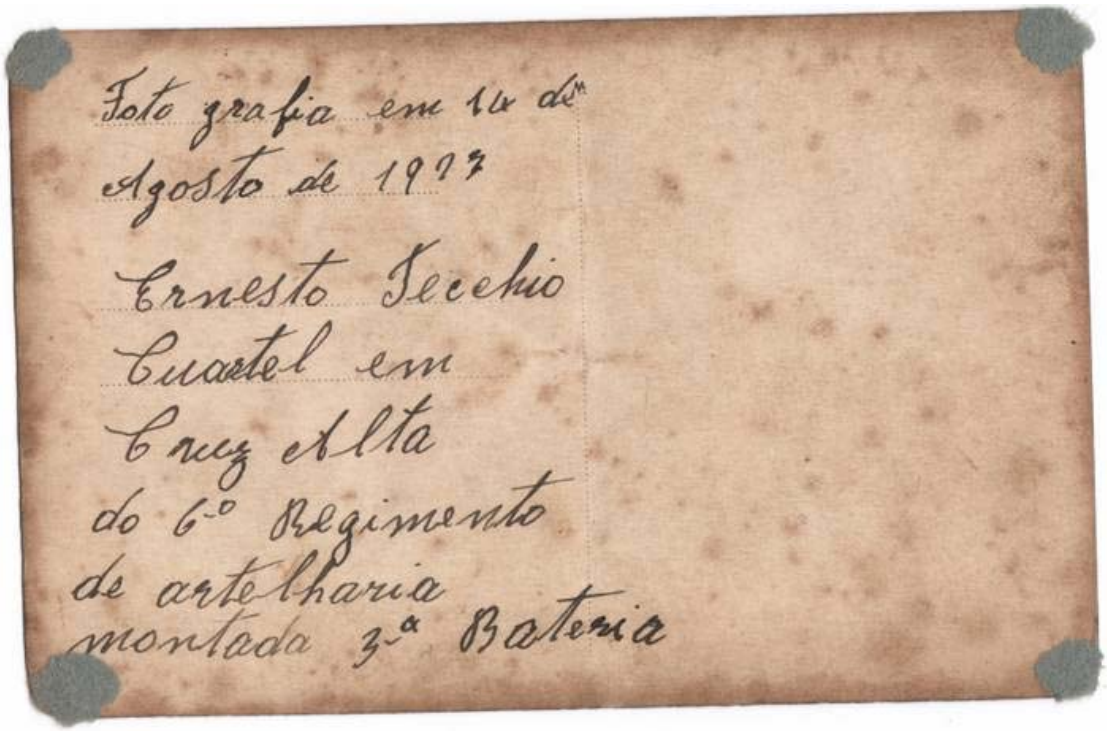


Figura 1. Verso de fotografia de Ernesto Baptista Tecchio. Imagem do acervo pessoal de Cesar Tecchio, filho de Santo Benvenuto Tecchio. No documento se lê: “Fotografia em 14 de agosto de 1927. Ernesto Tecchio Cuartel em Cruz Alta de 6º Regimento de artilharia montada e 3ª Bateria”.

Figura 2. Fotografia de Ernesto Baptista Tecchio. Imagem do acervo pessoal de Cesar Tecchio, filho de Santo Benvenuto Tecchio.

Ao ser indagada sobre os hábitos de leitura do pai, Tereza recorda: “e porque nós ficava felizes quando ele vinha pra casa e fazia le a carta. E ele era muito amigo do Fierovante Massolini”. E várias outras frases tentando recordar Massolini aparece na fala de Tereza: “Ma e o que que foi? Ele foi o que do Fierovante Massolini? Será que ele não foi junto no Exército?”. “O Fierovante Massolini, esse eu desconfio até que eles forma junto no Exército.” “Mah por que que ele falava tanto desse Fierovante Massolini?”.

Fioravante Massolini viveu em Guaporé, no Rio Grande do Sul, transferindo-se depois à Serafina Corrêa, município onde também vivia Ernesto. Antes de ser prefeito de Concórdia e depois deputado estadual por vários mandatos, Massolini trabalhou na empresa colonizadora Rio Branco Ltda, uma das empresas que atuou na colonização de Seara (PIAZZA, 1995, p. 441). Assim, os laços de amizade se explicam desde suas infâncias até a ida de Ernesto e sua família para o distrito de Seara, o que passa pela influência de Massolini.

Ana recorda do caderno escrito por Ernesto e afirma: “Depois num se... num me alembro mais bem. Tudo aqueles que ele aprendeu lá eu não me alembro mais eh! tinha marcado num caderno tudo ele... as meninas depois foram fazer a limpeza aqui e botaram fora”. No decorrer da entrevista Ana reconhece a importância dos papéis que foram queimados, eles serviriam inclusive para que pudesse conservar melhor suas lembranças sobre o pai. Mas, contar sobre si e os outros em uma entrevista significa rememorar, e para esse fim o que restam são vestígios, sempre falta algo. A respeito do desenvolvimento de entrevistas, Alberti lembra que

> Ora, do mesmo modo que uma autobiografia, podemos dizer que uma entrevista oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico, político etc. – sobre ações passadas, e também de suas ações (2004, p.34).

O roteiro preparado para a entrevista influencia a ordem e as lembranças dos entrevistados, e as abordagens que se pode fazer dependem de como se conduz a “conversa” e também do que os entrevistados estão dispostos a mostrar sobre suas vidas. Os filhos de Ernesto mostraram-se dispostos a lembrar, porém a ação do tempo, bem como as escolhas do que lembrar e como contar os fizeram relatar poucas informações relacionadas às pajadas.

2.3. A identidade gaúcha em pajadas

Por fazerem parte da tradição oral, é difícil afirmar em que momentos e quais usos assumem as pajadas. Mais uma vez o que ficam são indícios presentes na fonte e a argumentação de outros estudos sobre pajadas.

Essa dissertação estuda as pajadas enquanto expressões culturais de um soldado. A linguagem eleita para contar suas vivências está ligada à cultura da região de nascimento do soldado. No contexto em que são produzidas as pajadas, talvez fosse mais fácil fazer anotações breves sem preocupação com a forma, mas o soldado, imerso em um universo cultural que também lhe permite habilidade para criar versos, acaba optando por uma escrita mais elaborada.

No conturbado processo de descoberta do que era de fato cada enfrentamento armado, o soldado pajador encontra uma forma de expressar seus sentimentos. Não se pode esquecer que um relato pessoal implica na criação de uma representação por parte do indivíduo, portanto, a idealização da guerra precedente aos combates e a imagem criada do inimigo são as que a leitura feita pelo narrador permite, sendo até certo ponto particular.

Conforme enunciado no primeiro capítulo, a divisão entre soldados revolucionários e legalistas ocorria mais pela escolha dos comandantes de cada tropa em aderir ou não à revolução que pelas convicções pessoais. Contudo, ser legalista não impede que se tenha ideias que poderiam ser consideradas compatíveis com os ideais revolucionários. A aproximação entre os ideais revolucionários e as opiniões do soldado pajador será tratada mais detalhadamente no próximo capítulo, aqui o enfoque recai sobre o sentido das pajadas e seu caráter contestador.

É preciso compreender o que são pajadas. A tradição em se fazer pajadas não se limita ao pampa rio-grandense, faz parte da cultura gaúcha como um todo, não do gaúcho cuja definição é extensiva aos nascidos no estado do Rio Grande do Sul, mas ao gaúcho da região do pampa, portanto engloba argentinos e uruguaios. Ao estudar pajadas de cunho anarquista na Argentina Hagemeyer (2002, p. 95) explica o significado das pajadas citando Kieguel:

> Delia Elena Santana de Kieguel, apresenta as origens possíveis da expressão pajada, e relacionamos aqui com as quatro línguas que podem ter lhe dado origem:
>
> 1) **Castelhano antigo:** *pallar* (separar), *payo* (camponês nobre), *pagueador* (que vaga de pago em pago)
> 2) **Quíchua:** ***pallan****i* (separar), *pallar* (recolher os pedaços por acaso ou como desafio), *palla* (composição poética que se faz de modo controverso nas danças), *ppaella* (camponês pobre).
> 3) **Provençal:** *preyadores* (trovadores, pregadores, rezadores ou rogadores)
> 4) **Grego antigo:** *pallein* (jogar bola – sentido de ir e vir). (grifos do autor).

Segundo Hagemeyer o significado de pajada e pajador se constitui do resultado das expressões apresentadas por Kieguel. Assim, a pajada é criada dentro de códigos culturais da região do pampa, onde se encontravam o gaúcho que “vagava de pago em pago”, “o camponês pobre”, etc. Essa busca pela origem e significado de pajadas é uma tentativa de explicá-las de um modo geral, buscando entender porque e como aparecem na produção de um soldado em 1924. Hagemeyer segue auxiliando nessa compreensão ao falar sobre os lugares onde se costumava apresentar pajadas:

> Os mais antigos registros sobre a presença de pajadores em solo platino datam do final do século XVIII – justamente o período de assentamento das fronteiras. O lugar de apresentação dos pajadores era onde apeavam os *gauchos*, nas festas e bailes campeiros, nos acampamentos militares ou na *pulpería* – ou bolicho, que vem a ser um posto na beira da estrada, local de venda dos mais variados gêneros ligados às necessidades da lide campeira e também ponto de encontro e entretenimento dos peões durante suas viagens (2002, p.95-96). (Grifos do autor). [45]

[45] Gaúcho nesse sentido e em itálico o autor usa para designar o peão de estância e o condutor de gado da região platina.

A apresentação das pajadas, portanto, ocorria em lugares de parada do pajador, e o texto mostra a existência de pajadas em acampamentos militares num período anterior ao estudado nesse trabalho, embora o autor não tenha detalhado essa informação. Aguiar (2010) ressalta o caráter de apropriação cultural das pajadas como um vínculo entre o caráter contestador e as tradições mais enraizadas. Depois segue explicando o que eram as pajadas.

> Essa apropriação cultural, portanto, seria uma estratégia de aproximação entre o ideário anarquista e certas tradições e valores enraizados na população pampeana. A *payada*, expressão usada na Argentina e Uruguai, ou pajada, termo utilizado no Rio Grande do Sul, é uma forma de poesia cantada, onde o declamador da poesia, denominado pajador, canta seus versos acompanhado de um violão ou guitarra espanhola. A pajada surgiu na região da campanha platina no final do século XVIII, ganhando importância durante o século XIX, junto aos processos de emancipação política e de formação das nações do Prata. A pajada adquiriu grande popularidade entre a população da campanha e os pajadores gozavam de certo prestígio onde se apresentavam – galpões de estância, bailes, acampamentos, bolichos ou *pulperías* de beira de estrada. A improvisação e o tom de desafio dos versos fazem da pajada uma forma ideal para apresentar uma história ou *causo*, bem como de transmitir uma mensagem, uma opinião (AGUIAR, 2010, p.50).

Quanto ao lugar de declamação das pajadas, se atualmente são apresentadas em concursos regionais, antes eram em locais de encontros, paradas para descanso de peões. O caráter de improviso e desafio do qual fala Aguiar remete à criação das pajadas durante a marcha do soldado legalista. Os versos declamados pela morte de outros combatentes podem ter sido improvisados, afinal essa é uma das habilidades do pajador. Cabe lembrar que o estudo das pajadas, nesse caso, parte de sua forma escrita, portanto perde elementos que poderiam ser analisados se tivéssemos acesso à entonação de voz do pajador.

Ainda sobre essa tradição do uso de pajadas em guerras Hagemeyer fala que ao longo do século XIX as pajadas foram utilizadas nas guerras civis na Argentina.

> É verdade que ela não servia para ser executada no momento da batalha guerra, sendo mais apropriado para essa ocasião um hino ou grito de Guerra. No entanto, essa modalidade era bastante

> apropriada para contar os detalhes da luta, glorificando seus líderes e seus feitos heroicos. Em meio aos acampamentos militares, o pajador se fazia ouvir com canções, quando o *gaucho* encontrava tempo para carnear, tomar mate e contar histórias (2002, p.96). (Grifos do autor).

O soldado pajador, a exemplo do que é relatado na citação acima, usa seus versos para glorificar os heróis, principalmente os mortos na guerra e heróis rio-grandenses a serem honrados. E conta detalhes de como se deram as batalhas, ou até, como num verso citado no capítulo anterior, justifica a impossibilidade de contar tudo o que acontecia. O fazer-se ouvir elucidado por Hagemeyer é um dos pontos principais para se analisar quem é o soldado pajador. Apesar das evocações ao leitor, considerando ressalvas das possíveis alterações no texto feitas por Ernesto, seria ingênuo pensar que as pajadas tenham sido somente escritas. O processo de conservação do que se criou em meio às revoltas no oeste paranaense é desconhecido, mas se supõe que parte dessas pajadas foram declamadas – para usar uma expressão do soldado – a seus "colegas de farda". Tomando as pajadas como espaço de exposição de ideias, Hagemeyer aborda a relação entre cantar e opinar:

> Como se vê, não há distinção na pajada entre 'cantar' e 'opinar'. O pajador sempre tem uma opinião, e seu prazer maior é demonstrá-la, através de histórias e argumentos. Ele o faz cantando, por considerar que esta é desta maneira que ele consegue se expressar de forma mais clara – mais bonita. Por isso, poderíamos dizer que o pajador é um professor sem escola, que ensina o que a vida lhe deu por experiência. Além disso, ele ensina cantando – e canta na língua do povo (2002, p.97).

Escrever poesias e cantá-las, nesse caso, além de ser revelador de características culturais, faz pensar nos aspectos artísticos dessa prática. As pajadas do soldado em estudo são construídas a partir de elementos culturais daquele sujeito. Tanto a cultura gaúcha quanto a condição de soldado raso aparecem claramente nas pajadas. A qualidade argumentativa e das rimas, assim como o desenrolar dos acontecimentos narrados levam a supor que aquelas não eram as primeiras pajadas do soldado. Em contrapartida, parece ser a primeira vez que participava de um conflito armado. Como seriam as outras pajadas feitas por ele? Que temas permanecem após a experiência da

guerra? São perguntas para as quais não se tem respostas pontuais. O que parece, baseando-se na análise de temas recorrentes em pajadas, é que permanece a imagem do herói gaúcho, que ganha um papel ainda mais destacado em meio à guerra.

O soldado pajador defende determinada legalidade e ao mesmo tempo denuncia a condição em que os soldados lutam. Entre as principais reclamações está o pouco tempo de descanso e seguir marchando mesmo em dias de chuva. Há um momento que o soldado questiona a falta da presença dos superiores na hora da batalha. Naquele momento, o que parece possível a um soldado raso era guardar suas memórias em escritos de próprio punho sem muitas possibilidades de divulgar devido aos conflitos políticos da época e a própria estrutura tecnológica.

O Caderno do Anotações foi detalhadamente explicado no primeiro capítulo. Nesse momento, já contando com a explicação sobre as pajadas, estas serão estudadas quanto a seu conteúdo. A análise procederá sobre a argumentação geral do pajador e não a todas as estrofes. Sendo assim, alguns temas centrais serão escolhidos de acordo com as questões às quais se busca esclarecer nessa dissertação.

Um dos elementos a se analisar é o espaço do gaúcho no relato do pajador, que aparece frequentemente. O pampa (região de origem do gaúcho) delimita-se partindo dos princípios geográficos e culturais, abrangendo parte do Brasil, da Argentina e Uruguai. Com isso entende-se porque o gaúcho aparece na literatura desses três países. No caso das pajadas do soldado, o fato do pampa ultrapassar as fronteiras geográficas e haver semelhanças culturais nessa região não indica busca pela identificação com toda a região do pampa, apenas com o pampa rio-grandense. Nota-se que uma identidade fruto de toda a região – que ultrapassa as fronteiras nacionais – serve de argumento e de definição para os soldados que defendiam a pátria brasileira. Desse modo, os relatos marcam a identidade cultural do soldado que tem como principal elemento de pertença a região do pampa rio-grandense. É fazendo referencia a esse espaço que o pajador caracteriza os soldados associando suas condutas de defensores da pátria à bravura dos gaúchos. A construção da sua identidade vincula-se ao território do pampa, embora isso não seja uma oposição à ideia de nação que se construía na época por outros intelectuais.

Tratando-se da historicidade do termo gaúcho, Lessa (APUD Schwanz, 2010, p.74) afirma que “a partir dos anos 1920 (após a 1ª Guerra Mundial) a denominação de “gaúcho” passou a ser aceita por uma parcela maior da população rio-grandense, pois já aparecia com uma conotação positiva relacionando-se com a perícia campeira.” As habilidades no cotidiano da vida campeira e rudimentar aparecem de maneira positiva no sentido de serem qualidades do homem guerreiro, que vai servir para demarcar e proteger a fronteira no Rio Grande do Sul.

Além de gaúcho, o pajador era um soldado, e enquanto tal recebia formação no Exército voltada para a criação de um sentimento de patriotismo e para que assumisse a postura de defensor da pátria. Pode-se dizer que ocorria uma doutrinação que objetivava formar um tipo de conduta para os soldados. A primeira parte do caderno faz pensar na formação militar de Ernesto e do pajador que, pela proximidade do período em que ingressaram no Exército, deve ter sido semelhante. No caderno de Ernesto encontram-se trechos anotados afirmando que o soldado, para cumprir sua missão, deve abrir mão da família e até da vida[46]. Inserido num território de cultura gaúcha e fazendo parte da construção dessa cultura, influenciado pela doutrinação militar o pajador cria uma identificação com o seu grupo a partir dos valores dados a ele como importantes. Mas, o diferencial é que os associa com o fato dos soldados serem gaúchos do pampa. A identidade dos “filhos do pampa” aparece vinculada à bravura dos soldado, conforme pode-se notar na estrofe abaixo:

> Que saiba a terra do Pampas
> Essa gleba legendaria.
> Que aqui nada nos abate
> Nessa campanha ordinaria[47]

Segundo Bauman (APUD SCHWANZ, 2010, p. 73):

> O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem a luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que

[46] Na primeira parte de seu Caderno de Anotações, Ernesto registra o que chama de Instruções Morais ao Soldado. Constam normas de conduta referentes a vários aspectos da vida dos soldados, tais como serem pontuais, andarem com boas companhias e entrar em estabelecimentos condizentes com sua farda.
[47] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 39.

> desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa a ser devorado.

Nessa reflexão de Bauman toma-se o sentido de “lar natural da identidade” como o campo de batalha enquanto incentivador da construção de identidade. Alguns elementos combinados contribuem para isso, como ter um inimigo comum e fazer parte de determinado grupo. O soldado pajador expressa textualmente sua identidade como gaúcho do pampa a partir de um campo de batalha. Em outros contextos, não foi necessariamente um campo de batalhas – no sentido literal das palavras - que criou identidades, mas a afirmativa faz sentido para essa análise ao pensar que a identidade pressupõe a presença do outro, e esse imagem criada em torno do outro será bem mais áspera quando se está disputando com ele a vida. A alteridade, nesse caso, encontra subsídios sem depender exclusivamente de fatores ideológicos. Narrar acontecimentos e conservar essa narração no tempo implica em ação da memória. Ricoeur afirma que:

> Não existe, entre os dois pólos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entra a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e a quem contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre si e os outros (2007, p.141).

Pelos indícios do conteúdo da fonte acredita-se que as pajadas foram elaboradas no decorrer da marcha, sendo que algumas estrofes falam do momento em que o soldado vivia e seus sentimentos.

> Como é saudosa a vida
> Em logar desconhecido
> Distante de quem se ama
> Distante do lar querido!
>
> A vida aqui no Sertão
> Não tem nada de attahente,
> Vae a noite e vem o dia

E não ha o que inspire a gente[48]

Através a alteridade, o pajador define quem é o soldado gaúcho do pampa que luta pela pátria. O "outro" é descrito como bicho, imoral, inimigo sem princípios, que ataca de surpresa. A noção de barbárie está presente e se opõe à ideia do gaúcho civilizado. O pajador e os demais gaúchos de sua guarnição eram os "bravos filhos do pampa" que lutavam em nome da permanência da ordem na nação, assumindo uma postura de responsabilidade que cabia aos soldados gaúchos justamente pelos valores atribuídos a eles. Nota-se que os elementos que compõe a imagem que se forma do gaúcho são utilizadas, a imagem de guerreiro (criada pelas lutas na demarcação de fronteiras) ligando a identidade regional com a defesa da pátria, que é a nação. O trecho abaixo é um exemplo de como o gaúcho do pampa é representado nas pajadas:

Mas o gaucho riograndense
filho de terra atrevida
Pouco conta a sorte
Pouco liga para a vida

E no dia vinte e nove
Ainda o sol ia ruindo
E os bravos filhos do Pampa
Partiam todos cantando [...]

Adeus Rio Grande querido
Adeus solo idolatrado
Que nos vamos bem distante
Honrar teu nome sagrado

E la nos campos de batalha
Ao rugir da artilharias
Seremos bravos e fortes
So para tua alegria[49]

Inserido num conflito que tem por princípio o contexto nacional, nota-se que a escrita do soldado fala de patriotismo ligando essa ideia à imagem do gaúcho do pampa. A filiação ao estado de origem do soldado, bem como à tropa a qual pertencia, será reforçada para enaltecer os valores atribuídos por ele aos gaúchos. A releitura do gaúcho enquanto homem rude – representado

[48] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 26.
[49] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 23.

por um primeiro sentido que se atribuía ao termo – transforma-o em gaúcho guerreiro. O gaúcho é filho de uma terra atrevida, uma terra que no início do século XX já havia passado por vários conflitos visando a demarcação do território e consequentemente seus filhos estavam adaptados aos combates. Portanto, ser filho de uma terra atrevida quer dizer que o gaúcho carregava consigo a herança de bravura construída pelos antepassados, e também o compromisso em continuar lutando pela defesa da pátria[50]. E o patriotismo consistia em honrar o nome sagrado do Rio Grande do Sul defendendo a manutenção da legalidade.

Ainda sem ter claro o que era o campo de batalha, o soldado desconhecido traz presente a ideia de que será necessário força e bravura para enfrentar o inimigo. A bravura e força são os adjetivos usados para caracterizar os gaúchos descritos enquanto destemidos em sua missão de defensores da pátria. Ser um filho do pampa, bem como a menção feita anteriormente quanto a ser filho da terra atrevida, era herdar os valores positivos do gaúcho guerreiro e lutar em prol do que se acreditava correto. Para Schwanz (2010, p.81) "[...] a identidade do gaúcho além de ser uma construção cultural, se constituiu como uma identidade territorial, pois se deu em torno de conquista e da manutenção de um espaço, historicamente denominado de Campanha e mais recentemente, Pampa."

O soldado gaúcho do pampa contém valores distintos dos demais, sua coragem, bravura e honra os tornam indispensáveis na luta pela nação, e são esses valores atrelados à noção de justiça e ordem que os motivam a combater os revolucionários. Nota-se que constantemente o soldado se coloca como importante para a nação, apesar do reforçado caráter regionalista. Vejamos um exemplo de como o regionalismo estava impregnado nas pajadas:

> E que este povo do Sul
> Com excepção de... nenhum
> Emera qualquer combate
> Como coisa mui comum

[50] Ao tratar dessa construção de identidade do gaúcho como defensor da pátria, deve-se lembrar que um número significativo de revolucionários são provenientes do Rio Grande do Sul e também vão se colocar como defensores da pátria. Mas nesse texto será abordado especificamente a criação de identidade proposta pelo soldado pajador que lutava do lado legalista.

Os bravos filhos do Panpa
Pra cumprir seu dever
Marcham pra campo de lucta
E nada sabem temer

Sabem honrar com bravura
Os nomes glorificados
Os nomes inapagaveis
Dos nossos ante-passados[51]

Nessa passagem, além das características apontadas acima, a relação entre história e construção de identidade aparece de uma maneira mais explícita, em que se busca nos antepassados nomes que devem ser honrados. Na sequência dos versos, o autor não menciona quais seriam esses antepassados para que se pudesse aprofundar a discussão, no entanto, conforme sublinhado anteriormente, o Rio Grande do Sul é uma região em que houve vários conflitos. De acordo com Schwanz (2008, p.3):

> [...] na metade do século XIX, quando da formação das estâncias, o gaúcho passou a designar o peão e guerreiro. E esse guerreiro é sempre retomado no imaginário gaúcho para designar sua identidade. Primeiro o guerreiro dos campos, depois da Guerra do Paraguai, da Revolução Farroupilha, da Revolução Federalista.

Os antepassados fazem parte da construção da identidade, demonstrando que o pajador recorre a memória para buscar elementos culturais e históricos que legitimem suas ideias. Considera-se que as identidades não são algo estanque e fechado, mas sim trazem a ideia de movimento, de transformações e tensão. Apesar dos discursos homogeneizantes, as identidades são complexas e apresentam contradições tendo características de seus espaços e tempo histórico próprios. Os relatos do pajador expressam a relação entre a tentativa da construção de uma identidade nacional e o uso que o soldado faz da ideia de pátria com base em outra identidade já mais clara para ele que era a do gaúcho do pampa.

[51] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 28-29.

CAPÍTULO 3. OS OLHARES SOBRE OS CONFLITOS NO OESTE PARANAENSE

O segundo capítulo abordou com maior ênfase o conceito de memória, destacando as relações implícitas trazidas pela rememoração e os impasses da passagem da linguagem oral para a escrita. Esses impasses foram sentidos nessa pesquisa durante a transcrição das entrevistas, e possivelmente os soldados Ernesto e o pajador devem ter se deparado com tal dificuldade ao colocarem as pajadas no papel.

Nesse capítulo, serão tratadas as apreensões do pajador em sua marcha pelo "sertão" paranaense. De um modo geral, as pajadas são coerentes, não havendo mudanças bruscas na abordagem. Ainda que exista essa coesão textual, da saída de Alegrete no Rio Grande do Sul o relato passa para a chegada à União da Vitória no Paraná. O motivo pelo qual parte do caminho foi excluída ou não copiada do relato não aparece nas pajadas, mas os trechos percorridos a partir de Alegrete ainda no Rio Grande do Sul e a passagem por Santa Catarina não são comtemplados.

Além da descrição do trajeto do pajador e a análise de versos, esse capítulo utiliza como fontes outras produções consideradas memórias de militares, como o livro "Memórias: dados para a história do Brasil" de Fernando Setembrino de Carvalho[52] e "A Columna da Morte" de João Cabanas[53].

[52] Fernando Setembrino de Carvalho foi chefe do Estado-Maior do Exército em 1922, em novembro do mesmo ano assumiu a presidência Artur Bernardes e o nomeou – já vivenciados os primeiros embates com os tenentes – para ser Ministro da Guerra. Em 1923 Bernardes designou Setembrino de Carvalho para intervir junto aos conflitos entre os grupos políticos de Borges de Medeiros e Assis Brasil no Rio Grande do Sul, conflito esse findado com a assinatura do Pacto de Pedras Altas. Em 1924 Setembrino de Carvalho ascendeu ao posto de marechal, ano em que eclodiu mais um levante tenentista, dessa vez estando mais concentrado em São Paulo. Enquanto marechal, participou da negociação para que os rebeldes se entregassem, sendo ministro da guerra até o final do governo de Bernardes. Dentre as suas publicações destaca-se o livro "Memórias: dados para a história de Brasil" que serve como fonte para a pesquisa aqui apresentada. As informações sobre Setembrino de Carvalho apresentadas nessa nota foram retiradas de ABREU, 2001, p.1187-1190. Para mais informações sobre a atuação de Setembrino de Carvalho ver ESPIG, 2007.

[53] Em 1924, quando ocorre o Levante Paulista, o tenente João Cabanas aguardava decisão referente a seu pedido de afastamento do Exército. Cabanas participou da tomada de São Paulo e teve papel decisivo na retaguarda dos revoltosos que se retiraram de São Paulo e no comando de batalhas no oeste paranaense com sua chamada "Coluna da Morte". Por isso era perseguido pelo governo e ao invés de juntar-se aos demais tenentes na Coluna Miguel Costa-Prestes, exilou-se em 1925 no Paraguai e em 1926 publicou seu livro de memórias intitulado "A Columna da Morte", texto utilizado nesse estudo como fonte. As informações sobre João Cabanas apresentadas nessa nota foram retiradas de ABREU, 2001, p. 893-894 e SOUZA, 2005, p.93.

3.1. As críticas à participação dos militares na política

Uma das questões abordadas por partícipes das Revoltas Tenentistas e por estudiosos desse tema é se os militares deveriam ou não intervir na vida política da nação. Há autores que compreendem a intervenção dos militares como uma saída diante da não mobilização dos civis em relação aos problemas políticos do Brasil nos anos de 1920[54]. Em suas "memórias", o Marechal Setembrino de Carvalho se mostra contrário às intervenções do Exército no âmbito político da nação. Segundo ele:

> Em que pese a alguém, continuarei a afirmar que o Exército não pode, não deve precipitar-se ao torvelinho das lutas partidárias, sobretudo porque é órgão da defesa da opinião nacional, legalmente expressa. E, hoje, mais que outrora, precisamos proclamar e firmar a salutar doutrina, porque vozes se empenham já, com objetivo político, na negativa de existência de disposições regulamentares, velhas como a Sé de Braga, cuja destruição acarretaria o desmoronamento da disciplina militar e diminuição da autoridade de comando de qualquer categoria. Tenho esperança em que o Exército não se deixará colher nas malhas da politicagem. (CARVALHO, 1950, p.192).

A opinião nacional a que o autor se refere e pela qual o Exército deveria zelar exclui os próprios militares, afinal estes não deveriam se envolver em questões políticas. A autoridade do Exército que Setembrino de Carvalho reclamava se refere à manutenção da ordem que implicava na continuidade do sistema vigente.

E quanto às convicções do soldado pajador, será que acreditava dever intervir na política? A escrita das pajadas expressa o olhar crítico do soldado em relação à atuação de seus superiores. A intenção de divulgar as pajadas (que se pressupõe a partir das evocações aos leitores) é uma ação política e pretende-se formadora de opiniões. Contudo, os temas têm mais relação com seu contexto de soldado raso, não há apreciações pontuais sobre as disputas políticas nacionais. Levando em conta a amplitude do conceito de política e lembrando que o pajador é um soldado raso que se posiciona contra atitudes de seus superiores, deduz-se que aprovava a interferência de militares na política. As reivindicações por melhores condições aos militares lembram as criticas dos tenentes em relação ao governo. A corrupção e fraudes eleitorais

[54] Essa questão foi tratada detalhadamente no capítulo 1.

podem ser elementos para se estabelecer um paralelo com a crítica do pajador quanto aos postos que, segundo ele, haviam sido dados à militares pela mão do acaso.

Embora Setembrino de Carvalho tenha se mantido o tempo todo legalista, reconhecia a necessidade de melhorias no Exército nos anos de 1920 ao afirmar que “Não me eram estranhos os grandes problemas militares, de cuja solução dependia o aparelhamento real do Exército para habilitá-lo ao desempenho eficaz de sua elevada missão” (CARVALHO, 1950, p. 235). Ao mesmo tempo em que Setembrino de Carvalho fala da importância do Exército e de sua tarefa, enquanto ministro de guerra, afirma a fragilidade do Exército brasileiro nos anos de 1920.

> É bem verdade que nos coube o imperativo dever de enfrentar o movimento sedicioso de 1924, restabelecendo, pela vitória das armas legais, a paz pública, mantendo a disciplina no Exército, abalada por idéias subversivas, infiltradas em suas fileiras por elementos impulsionados pelo egoísmo e ambição. Que para tal conseguimento despendemos esforços exaustivos, consumindo grande cópia de fôrças morais, de envolta com depauperamento físico. Fardar, equipar, armar, alimentar a milhares de homens, e transportá-los para várias regiões do País, conflagrados, constituía tarefa pesadíssima, pelo desprovimento de tudo e pela celeridade que os acontecimentos requeriam (CARVALHO, p. 244).

Esse é um dos trechos em que o Ministro da Guerra analisa a situação de 1924. Ocorre o reconhecimento do empenho necessário para manter a legalidade, o que também tem relação com o fato de enfrentarem um inimigo que era parte do Exército.

Souza (2005, p.8-9) estabelece uma classificação para os tipos relatos sobre as Revoltas Tenentistas, evidenciando a diferença entre as narrativas do tipo diários e narrativas do tipo memórias. Nessa classificação Souza diferencia as narrativas partindo do critério de participação nos enfrentamentos, sendo o diário um relato de quem esteve na marcha da coluna e a partir de sua experiência elaborou a narrativa, e memórias o relato de quem escreve mesmo sem ter participado diretamente dos eventos. Refletindo sobre essa classificação, das fontes utilizadas nesse capítulo pode-se dizer que as narrativas trabalhadas são ao mesmo tempo do tipo diários e memórias. O livro “A Coluna da Morte” de João Cabanas e as pajadas têm em comum a

presença dos autores nos campos de batalha que eles descrevem, o que configura as produções como diários, mas também como memórias, pois mesmo que a anotação seja feita imediatamente após o fato descrito, há a ação da memória em selecionar o que e como será escrita a narrativa. Por sua vez, o texto de Setembrino de Carvalho não contém características de diário, sua organização que inclui relatos pessoais, matérias de jornais e publicação de cartas é aqui classificado como memórias. O objetivo de usar as narrativas desses militares é cruzar as informações contidas no Caderno de Anotações com esses outros relatos. Observou-se que a criação das pajadas contém uma sequência de enfrentamentos e datas compatíveis com o texto de Cabanas.

O tenente João Cabanas participou de combates no oeste paranaense, e ao escrever seu livro narrando as revoltas coloca-se enquanto defensor da pátria, preocupando-se constantemente em justificar seus atos. Logo no início, deixa claro que não havia participado de nenhuma conspiração, entrando no movimento de contestação ao governo apenas no dia que começou a revolta em São Paulo. No prólogo o autor revela a ideia de verdade contida em seu texto, usando, por exemplo, expressões como “as páginas que vão ser lidas provam” e “Narro, com fidelidade, os factos que se desenrolaram sob as minhas vistas” (CABANAS, 1926, p.9). Tais expressões mostram a intenção de conferir legitimidade ao texto e demonstram como a história era então pensada: como uma marca da verdade. O livro deixa de ser um empreendimento a favor de sua conduta, afinal

> Quando Cabanas se refugia na Argentina, Prestes impõe a ele o mesmo tratamento dado ao capitão Felinto Muller, oficial que tinha desertado por covardia. [...] a justificativa para tal equivalência de tratamento foi a manutenção da hierarquia e disciplina, embora muitos oficiais não concordassem com tal tratamento (SOUZA, 2005, p. 94).

Através de sua escrita Cabanas posiciona-se textualmente em sua contestação ao governo dos anos de 1920 e registra o papel que desempenhou lutando pelos ideais tenentistas. Seu relato é uma forma de justificar-se por não seguir a luta acompanhando a coluna Miguel Costa/Prestes e defender os ideais da revolução. Quanto às características, o

relato é essencialmente militar e político, pois tem como prioridade a descrição de batalhas e do contexto em que as mesmas se desencadeavam.

Por meio das memórias de Cabanas nota-se a argumentação dos revolucionários em torno de mudanças no governo dos anos de 1920. Os objetivos da revolução aparecem paralelamente ao relato de baixas no grupo legalista, sendo assim, Cabanas escreve argumentando com o leitor que a luta armada era necessária. Deve-se lembrar que o livro “A Coluna da Morte” foi publicado ainda nos anos de 1920, por isso a ênfase na argumentação a favor da revolução, afinal havia a propaganda do governo acusando os revoltosos e opondo-os aos soldados legalistas com o discurso de manutenção da ordem vigente.

3.2. Os primeiros passos do pajador no Paraná: descrição dos lugares e sentimentos em versos

O soldado William Wheeler, da 51ª Infantaria Britânica escreveu cartas a sua esposa relatando a batalha de Waterloo, numa delas esse soldado conta: “Os três dias de luta terminaram. Estou salvo, e isso é o que importa. Descreverei agora, e em toda a oportunidade, os detalhes do grande acontecimento, ou seja, o que dele pude observar...” (SHARPE in BURKE, 1992, p. 39). Assim como faz o pajador ao dizer que “tudo o que ali se passou não pode a pena descrever”, Wheeler adverte que contará seu ponto de vista sobre a batalha. As narrativas desses soldados tratam do que eles puderam observar, e mais que isso, do que eles conseguiram expressar. Os relatos de soldados ampliam o campo de estudos sobre os confrontos militares. Segundo Sharpe

> Durante as duas últimas décadas, vários historiadores, trabalhando em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado, proporcionado por fontes como a correspondência do soldado Wheeler com sua esposa, e sentiram-se atraídos pela idéia de explorar a história, do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante (IN BURKE, 1992, p.40).

O estudo sobre o olhar de um soldado que deixou marcas do que viveu nos campos de batalha contribui no aprimoramento das possibilidades de

interpretação da história. A produção do soldado pajador permite saber, ao menos parcialmente, como esse soldado raso compreendia a sua inserção nas Revoltas Tenentistas. As pajadas encontram-se divididas em dois capítulos. O primeiro deles está identificado por Ernesto sendo que na margem superior escreve “Capitolo” e logo abaixo “Marcha da Col General Varella de alegrete ate Mangueirinha Estado do Parana!”[55] e o segundo chama-se “Marcha de nossa colunna de Palmas ate Xagu Estado do Parana”[56]. Sobre a partida de Alegrete escreve dezesseis estrofes, finalizando a relação com o tempo/partida e o espaço/Alegrete na estrofe abaixo:

> Mas se Deus nos ajudar
> E o cêo nos fortalecer,
> Voltaremos a nossas plagas
> Cheios de orgulho e prazer.[57]

Essa é uma das poucas estrofes em que o soldado pajador faz menção à religiosidade. No decorrer de sua narrativa, quando busca justificar seu posicionamento de soldado raso e legalista, critica seus superiores e ressalta os valores que possuem os soldados, especialmente os que são gaúchos. Nessas circunstâncias, aparecem o patriotismo e as demais características ligadas aos valores atribuídos ao gaúcho. A identidade contida nas pajadas reside na opção de linguagem escolhida pelo soldado, e junto com essa opção as implicações da escolha dessa forma narrativa. O que o soldado se propõe a abordar é compatível com temas tradicionalmente expostos em pajadas. Tendo sido criadas para se ler ou ouvir, as pajadas têm estratégias de cooptação de público. Para Chartier (2007, p.280) “A identificação do leitor com o texto não é, aliás, restrita ao momento da leitura: ela é ‘ilimitada’”. Assim, não apenas os demais soldados, mas os apreciadores da cultura gaúcha poderiam se interessar pelos versos do pajador.

Logo após contar da saída de Alegrete, a história do pajador à qual se tem acesso omite a marcha pelo interior rio-grandense e catarinense. Nesse caso, ou o pajador não se interessou em contar sobre esses lugares, ou

[55] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 21. A única referência encontrada sobre a atuação do Coronel Varella está no livro “A Columna da Morte” de João Cabanas.
[56] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 32.
[57] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 24.

Ernesto não teve intenção de copiar parte das pajadas. O pajador retoma o relato contando sobre as cidades paranaenses pelas quais passaram

> Apos uns dias de viagem
> De tantos sonhos e gloria
> Acampamos poucos dias
> Em União da Vitoria[58]

As pajadas seguintes se referem ao trajeto percorrido pela coluna comandada por Vasco Varella, mencionando que de União da Vitória foram até Porto União, Palmas e Mangueira, cidades do estado do Paraná. Com o acampamento em Mangueirinha, ganham destaque os sentimentos de aflição do soldado, e as queixas por se encontrar no sertão. Essa ideia de sertão no oeste paranaense era reforçada pelo discurso de vazio demográfico naquela região na primeira metade do século XX, aliás, a denominação "sertão" aparece nos mapas da época conforme se verifica na figura 3:

Figura 3. Fragmento de mapa. Coletânea de mapas históricos do Paraná. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Estado do Paraná. 2. ed. Curitiba: ITCF, 2006, p. 4. Mapa organizado em 1896.

[58] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 25.

O pajador, talvez acostumado a ouvir falar daquele território como sertão, acaba reproduzindo tal nomenclatura ao contar como se sentia em certo ponto do percurso:

> A vida aqui no sertão
> Não tem nada de attahente,
> Vae a noite e vem o dia
> E não ha o que inspire a gente
>
> No modesto povoadinho
> Que aqui bem perto tem
> Ha meia duzias de casas
> E não se encherga mais ninguem
>
> Aqui por este deserto,
> Num tedio sem intervallo
> Nem o gorgeio da aves
> Nem o canto do galo.[59]

A expectativa do soldado em defender a pátria ainda estava um pouco distante, afinal só iriam se deparar com os revoltosos em janeiro de 1925, e esses soldados haviam percorrido centenas de quilômetros. O desgaste pela distância percorrida e por viverem em condições precárias aos poucos começa a ser sentido pelo pajador.

A referência ao sertão naquela região em que a tropa do coronel Varella passou diz respeito ao processo de colonização do Paraná. Naquele período não havia fortes empreendimentos colonizadores na região – processo que se acentuou a partir de 1930 – o que sustentou teses de vazio demográfico, desconsiderando a presença de indígenas. As representações sobre a região oeste paranaense no início do século XX remetem à ideia de sertão e vazio demográfico. Os versos do soldado pajador também se inserem nessa visão que se construiu desse espaço. Conforme sublinha Freitag

> Os discursos erigidos em relatos militares, viagens de trabalho ou lazer, que pesem algumas generalizações, também retiveram com propriedade expressões do regional. Essa documentação agregou um rol de representações sociais acerca do espaço estudado e, enquanto sistemas de interpretação, contribuíram para reger as

[59] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 26-27.

> idéias, novas interpretações em torno do sertão-oeste paranaense (2007, p. 189).

Após os versos de desgosto pela estadia em Mangueirinha, o pajador retoma a exaltação ao gaúcho e dos valores segundo os quais dizia agirem os soldados do sul que lutavam pela legalidade. Em seguida, produz versos elogiosos à cidade de Palmas, cidade pela qual o soldado demonstra mais apreço:

> Era o retorno da viagem,
> Talvez alegria minha,
> Que prazeroso deixava
> A villa de Mangueirinha
> [...]
>
> Também o povo palmense
> Muito nos tem captivado
> Pelo gesto cavalheiresco
> Com o qual nos tem tratado[60]

Na página 32 tem início o novo capítulo. Ernesto anotou na margem superior: “Marcha da nossa colunna de Palma ate Xagu Estado do Parana”[61]. O pajador tem um estilo de escrita interessante que prepara o leitor para os eventos que serão narrados. Tal afirmativa pode ser observada nas estrofes abaixo:

> O homem que vae para a guerra
> Em procura do inimigo,
> Não pode estar so em conforto
> Muito longe do perigo
> E a ordem para a marcha
>
> Que não se fez esperar,
> Nos dava a noção exata
> De que breve iamos brigar
>
> No dia 12 de Dezembro
> Dessa manhã de verão
> A coluna do Rio Grande
> Voltava para o sertão[62]

[60] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 30-31. Na margem inferior da página 31 está anotado “Palmas Estado do Parana Novembro 1924”.
[61] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 32.
[62] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 32.

Se ao ler ou ouvir sobre os dias felizes em Palmas há uma sensação de tranquilidade para aquela coluna, logo o autor adverte para a nova etapa de dificuldades que se inicia. Após essa partida, a coluna acampou às margens do rio Chopim, seguiu até o passo de Santa Maria e depois passou pelo rio Iguassu. Em seguida à travessia do rio, conta o pajador;

Levantamos acampamento
E em Candoy fomos ficar
La estivemos trez dias
Pra os animais descançar

Desse alto que fizemos
Me e viva a recordação
La fiz vinte e tantos anos
Entre feras no sertão...[63]

Aqui o primeiro indício do documento de que Ernesto não é o autor das pajadas, pois, se Ernesto nasceu em 1904, não poderia em dezembro de 1924 completar vinte e poucos anos.

De Candói foram a Canta Galo, onde encontraram os soldados mineiros vigiando 41 prisioneiros. Ao encontrar esses prisioneiros, os legalistas rio-grandenses começaram a se deparar com as implicações diretamente ligadas aos enfrentamentos com os revolucionários. Até aquele momento, os sentimentos de desgosto e tédio em que o pajador estava imerso se referiam à marcha, e esse encontro sinaliza para o desconforto dos conflitos que foram vivenciados. A coluna do pajador ficou em Passo da Tapera, depois em Mallet e seguiu até Xagu.

Não falei ainda ao leitor
De pedacinhos a traz
Das serra extraordinárias
Então transpostas por nos...

E dos animaes que ficaram
Da montanha de sope!
E das muitas e muitas leguas
Que fizemos a pe![64]

[63] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 34.
[64] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 37.

Observa-se novamente a evocação ao leitor, o que pode indicar a intenção do pajador em publicar na forma escrita suas memórias. Com isso, seguiria o exemplo de comandantes militares partícipes das Revoltas Tenentistas que legaram suas memórias por escrito. Mais uma vez tem-se a relação do homem com seu tempo. A década de 1920 possibilitou que esse soldado raso fosse alfabetizado e as formas de expressão de si (a música, a poesia, a escrita) permitiram que almejasse divulgar suas ideias. Ao dizer das serras extraordinárias, o pajador não se refere exatamente à beleza natural do lugar, está expondo aos seus leitores seu caminho por essas serras enfrentando as dificuldades que a natureza impunha. A partir desses versos são realçadas a construção da identidade de soldado raso e as críticas aos seus superiores. Essas críticas começam logo em seguida, quando o soldado se depara com a primeira possibilidade efetiva de confronto armado. Sua tropa estava próxima à Serra Medeiros, lugar onde segundo o pajador havia tropas "queimando cartucho". O tom é de valorização da posição que ocupava enquanto soldado raso, conforme a estrofe a seguir:

> Não nos torturem divisas,
> Não aspiramos galões
> E nobre o simples soldado
> Despido de pretenções[65]

Quais seriam então as pretensões desse soldado? Se não queria postos no Exército e era pelo teor de suas produções um formador de opinião, sua afirmativa de que não aspirava distintivos significa o que exatamente? Quem sabe, essa auto-valorização que se refere também aos demais soldados foi um recurso para chamar a atenção dos colegas que se encontravam no mesmo posto que o pajador. Além disso, os versos retomam a importância dos soldados gaúchos, aliás, diante dessas condições relatadas de andar a pé e acampar pelo sertão a falta de opção é a justificativa para continuar lutando, e os valores dos gaúchos complementam essa justificativa:

> Metidos nesse sertão
> O que e que vamos fazer!

[65] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 38.

E aguentar o repucho
Luctando sem esmorecer

E quando algum succumbir
Nesses combates frementes
Que ao menos saiba o Rio Grande
Que seus filhos são valentes

Que saiba a terra dos Pampas
Essa gleba legendaria,
Que aqui nada nos abate
Nessa campanha ordinaria

O meu maior enthusiasmo
E o de ser soldado raso
Que eu não quero posição
Dada pela mão do acaso.[66]

Porque o mesmo soldado que pareceu tão entusiasmado com o combate às tropas revoltosas no início da viagem passa a expressar descontentamento? Será que as más condições sobre as quais os revolucionários reivindicavam melhorias se aproximam dos motivos de críticas do pajador? Pode-se dizer que há algumas semelhanças no discurso do pajador e nas reivindicações dos revoltosos, o que aparece no decorrer das pajadas, nos questionamentos em torno da hierarquia militar e dos próprios motivos dos enfrentamentos armados. Nas pajadas acima, o autor destaca que lhe interessa terminar a campanha recebendo o "merecido" reconhecimento por parte dos riograndenses. Em tese, a luta justificava-se por honrar seu estado para que este tivesse orgulho de seus filhos.

No que se refere ao sentimento de patriotismo, o Brasil aparece em segundo plano, sendo mencionado apenas em duas passagens. Uma delas é a seguinte

Mas... não ponderemo mais isto
Que pode ser covardia
Façamos a alma de bronze,
Que o tempo e de rebeldia

Querem violar o regimento
De uma nação civilizada!
Pois que se impunha o canhão,
E a baioneta calada!...

Não nos pese sobre os ombros

[66] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 39.

A mochila e o fuzil
Até que retorne a paz
Ao nosso caro Brasil[67]

A rebeldia impedia que continuasse as reflexões sobre sua condição de soldado. Era chegada a hora de relatar mais sobre os embates e expor aspectos de seu pensamento legalista, que conforme evidenciado no capítulo 2, relaciona-se com o papel do gaúcho na defesa da nação. O motivo dos embates era que pretendiam violar o regimento do Brasil, o objetivo era restituir a paz. No entanto, o pajador fala de si e de seus colegas de farda como riograndenses, filhos do Pampa, não como brasileiros que lutavam por sua pátria, pois a referencia de pátria apresentada vincula-se ao regionalismo do pajador. Agora, o pajador assume a figura de líder em sua tropa, e logo em seguida aos versos acima citados afirma:

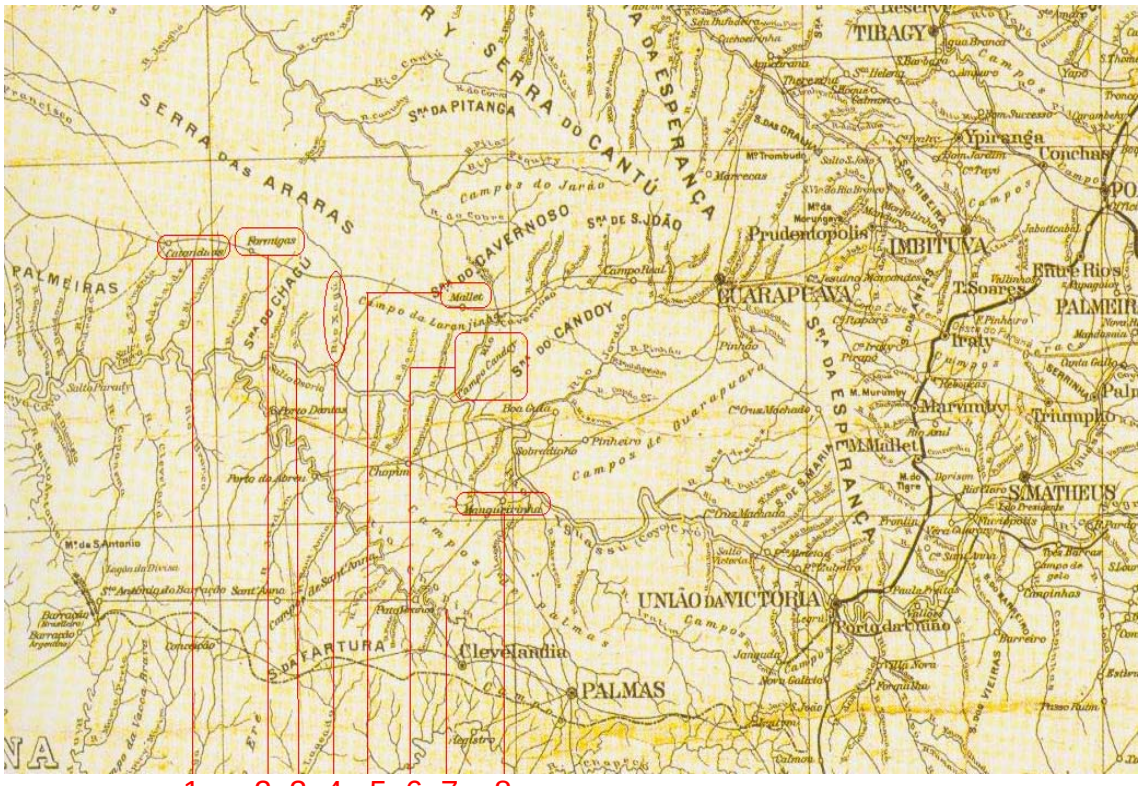
E era assim que eu fallava,
Aos meus colegas de farda
Quando ao longe se notavam
Descargas muito cerradas[68]

O pajador mostra-se como motivador de seus colegas, e se alguns dos versos que compõem o Caderno de Anotações foram utilizados nas paradas de descanso dos soldados, provavelmente há trechos com o objetivo de incentivar os demais soldados também abatidos pela situação em que se encontravam. Ficando acampados por dois dias em Xagu, seguiram até Bormam onde pararam novamente. Depois chegaram a Serra Medeiros. Os primeiros embates vivenciados pelo pajador datam do início de 1925, após serem informados de que na Serra Medeiros os confrontos haviam começado. Quando seu grupo chega ao local, os revoltosos tinham recuado diante das outras tropas legalistas que se faziam presentes. Esse fato também é lembrado pelo tenente Cabanas em suas memórias[69].

[67] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 41.
[68] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 42.
[69] Cabanas relata que foi chamado por Miguel Costa para ir a Catanduvas, de onde planejou o ataque às tropas legalistas que estavam em Formigas. Cabanas conta que o marechal Rondon lançava boletins informando sua morte, e sua presença em Catanduvas ajudou para “levantar a moral” dos soldados revoltosos (CABANAS, 1926, p.262-263).

> As ultimas noticias do desenrolar da acção na Serra de Medeiros não nos eram favoraveis, muito embora a competencia militar, bravura e serenidade do major Nelson de Mello que vinha, ha muitas semanas, resistindo aos impetos do inimigo, que o atacava furiosamente de frente e pelos flancos, com tropas frescas chegadas a todo momento para a columna Rondon (1926, p.262).

Os soldados comandados por Varella fazia parte das colunas recém chegadas para reforçar o grupo de legalistas comandados por Rondon. Nesse momento o pajador e Cabanas se aproximam geograficamente, ambos estão prestes a vivenciarem o combate de Formigas. O mapa a seguir não mostra claramente a Serra Medeiros, mas sim Catanduvas e Formigas, pontos que indicam a localização dos principais conflitos entre tenentes e legalistas no oeste paranaense:



Legenda:
1- Catanduvas
2- Formigas
3- Rio Iguassu
4- Rio Xagú
5- Mallet
6- Campos Candoy
7- Rio Chopim

8- Mangueirinha.

Figura 4. Fragmento do Mapa do Estado do Paraná de Romário Martins. Coletânea de mapas históricos do Paraná. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Estado do Paraná. 2. ed. Curitiba: ITCF, 2006, p.7.

Esse mapa foi editado a fim de mostrar alguns dos locais por onde passaram o soldado pajador e Cabanas. Os vestígios das lutas que haviam ocorrido na Serra Medeiros impactaram o pajador, fato agravado pela forte tempestade que dificultou a movimentação da tropa cuja ordem era de continuar avançando:

> E descrever quem ha de
> Tudo que ali se passava!
> Era carro que chaia
> Era um animal que rodava.[70]

Assim, enfrentando caminhos alagadiços e as dificuldades até para levar os animais, chegam à Serra Belarmino. Novamente o pajador mostra-se impressionado com os vestígios dos conflitos. No dia 12 de janeiro a tropa do Coronel Varella acampa em Joaquim Pedro e no dia seguinte seguem para Mato Queimado, chegando depois à Formigas[71]:

> E seguindo em perseguições
> Das colunas inimigas,
> A 14 de janeiro
> Fomos ficar em Formigas[72]

Essas palavras são seguidas de meia página deixada em branco. Seria a intenção do soldado complementar as pajadas com algum verso? Ou que outra motivação teria Ernesto para deixar esse espaço? Os versos sobre a chegada a Formigas antecedem às principais críticas feitas à hierarquia militar, talvez tenham a função de enunciar o que viria depois:

> Actual mente aonde estamo
> O local e muito feio

[70] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 43.
[71] Formigas era um vilarejo próximo à Catanduvas, Paraná, onde havia se instalado um grupo de legalistas.
[72] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 45.

Mas passamos vida alegre
Tranquilos e sem receio[73]

A coluna do Coronel Varela segue marchando cada vez mais próxima de concretizar a "busca pelo inimigo". Diante deste quadro, os superiores davam ordens sem considerar as condições da tropa para enfrentar as dificuldades do sertão. O pajador passa a expressar com maior ênfase sua insatisfação em relação a sua condição no Exército:

Ora nós subordinados
As leis do Regulamento
Somos mesmo que pandorga
Vamos pra onde vai o vento

No entanto não ha dia
E talvez nenhum momento
Que não se firam combates
Bem perto do acampamento.[74]

Cansado dos dias de marcha e passada a expectativa do jovem soldado em fazer a guerra, a análise crítica à sua situação e dos demais colegas de farda se torna mais constante. Acrescenta-se a isso o possível enfraquecimento do argumento que, até certo ponto, era usado pelo pajador para justificar a relevância de sua participação nos enfrentamentos. Com a eclosão da revolta no Rio Grande do Sul ainda em outubro de 1924 e a possibilidade de junção da Coluna Paulista com a Coluna Prestes, a construção da identidade de soldados gaúchos defensores da pátria entra em contradição.

O interesse de Ernesto pelas pajadas tem como princípio o conhecimento da linguagem escrita, sem a qual seria impossibilitado de guardar as memórias do pajador. Através das entrevistas realizadas por esta pesquisadora observou-se o consenso de que havia determinada rigidez no tratamento com os soldados rasos. Os filhos de Ernesto mencionaram o cuidado que ele possuía com os cavalos, o que leva a crer que sua função relacionava-se à doma dos animais. Nessa tarefa era supervisionado e devia prepará-los adequadamente. Talvez a rigidez com que era tratado motivou a

[73] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 46.
[74] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 46.

simpatia pelas pajadas de protesto do soldado desconhecido. Seguindo as críticas aos seus comandantes, o pajador afirma:

> Mas o pobre do Soldado
> Opiniões não pode dar
> E so sabe do combate
> No momento de brigar
>
> Os superiores hierárchicos
> Não lhes dão muita importância
> O soldado sempre mente
> E não merece confiança
>
> Nos Soldados francamente,
> Vivemos muito opprimidos
> Somos machinas automatas
> Por outras mãos dirigidos
>
> O Soldado so e livre
> E seu tento não falha
> Quando avança como um louco
> No fragar de uma batalha![75]

O autor não deixa claro se houve algum desentendimento entre ele e algum de seus superiores, o que podemos supor a partir do conteúdo destes versos. Mas, a indagação apresentada é em torno da subordinação dos soldados e da obrigatoriedade em seguir o regulamento, que significava, em seu caso, permanecer naquele ambiente. O desconhecimento em relação às decisões tomadas pelos superiores e a impossibilidade de opinar intrigavam o soldado. Estes versos relatam um momento em que a coluna legalista a qual o narrador pertencia estava cada vez mais próxima aos revolucionários. Uma coisa é defender a pátria nos discursos, outra é manter o discurso nos campos de batalha. O fato é que face a face com a possibilidade da morte a narrativa apresenta-se mais reflexiva sobre o próprio papel desempenhado pelos soldados.

O tenente João Cabanas também relata as más condições enfrentadas por sua tropa para alcançar os legalistas em Formigas, informado de que havia dois mil deles no acampamento onde deveria estar o comandante Rondon, segue com um grupo para atacá-los. Mas, diferencia-se do pajador porque

[75] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 47 – 48.

nesse caso ele era o comandante, e seu olhar é de valorização aos feitos de seus soldados:

> De quando em vez, alguns encorajavam os que tombavam, sendo os mais estropeados conduzidos por valorosos companheiros, que nessa dignificante missão subiam e desciam varias vezes os bordos daquelle precipicio. Quando a colluna toda transpoz esse valle profundo, tinhamos gasto 12 horas a fio de trabalho incessante. E os soldados estavam quase irreconheciveis, tal o estado lastimoso em que ficaram pelo barro que amassaram com os pés, mãos e corpos (CABANAS, 1926, p.272).

As dificuldades impostas pelas características geográficas da região e as condições do tempo foram sentidas pelos dois grupos de militares, embora a leitura expressa nas memórias de cada indivíduo seja feita de forma diferente.

3.3. Conflito em Formigas e o ataque da tropa de Cabanas

A partir da página 49 do Caderno de Anotações começam a ser relatados os enfrentamentos dos quais o soldado participou. Neste sub-capítulo, serão analisadas e comparadas as leituras do pajador e de João Cabanas em seus relatos pessoais referentes ao conflito ocorrido em Formigas.

Ao final do ano de 1924 e início de 1925, um grande contingente de revoltosos concentrava-se em Catanduvas, Paraná, onde sofriam freqüentes ataques de legalistas[76]. A fim de impedir a chegada de reforços àquela localidade, Rondon mantinha um grupo em Formigas inviabilizando a passagem de mais revoltosos. No entanto, diante do cerco formado pelos legalistas, Formigas apresentava-se como possibilidade para que estes revoltosos chegassem a Catanduvas, reforçando o grupo que lá se fazia presente à espera da Coluna Prestes. O pajador é um dos soldados que estava

[76] O livro "Dicionário das batalhas brasileiras" de Hernâni Donato fala sobre o conflito em Formigas em 21 de janeiro de 1925 e, a exemplo do relato do próprio Cabanas, afirma a inferioridade do contingente revolucionário que atacou o acampamento legalista. "Buscando aliviar a pressão governamental sobre a posição-chave tenentista de Catanduvas, João Cabanas conduziu 200 homens da sua Coluna da Morte na abertura de picada de 30 quilômetros. Ao amanhecer, surpreendeu o dispositivo inimigo de Formigas com assalto envolvente de 4 frações de 50 homens cada, apoiados por rajadas de metralhadora. O assalto final, com o uso de machete, redundou em degolamentos" (DONATO, 1996, p. 290).

em Formigas para impedir a passagem dos revoltosos, enquanto Cabanas foi o comandante designado pelos líderes tenentistas para atacar o acampamento legalista. Cabanas relata que o capitão Ribeiro, juntamente com seu grupo composto por 50 soldados, deveria ocupar a picada Centenário em ameaça à retaguarda da brigada do Coronel Varella (CABANAS, 1926, 272). O pajador mais uma vez chama a atenção do leitor para os fatos que iria narrar:

> E sabe amavel leitor
> O que foi que aconteceu?
> Era a audacia do inimigo
> Que chegava ao apogeo.
>
> Pela alta madrugada
> Dia 21 de janeiro,
> Fomos despertados a bala
> Pelo inimigo traiçoeiro.
>
> Dormíamos qual inocentes
> No meio desse Sertão
> Sem a mimina vigilancia
> Sem a menor prevenção[77]

Novamente o pajador chama a atenção do leitor, isso leva a crer que ele escrevia sempre que possível no decorrer da marcha de sua coluna. Alguns momentos realmente deixam a impressão de que o soldado se vale da memória, mas em outros usa expressões que indicam a presença no lugar de onde relatava como é exemplo o verso “Atualmente aonde estamos”.

Contando com um número inferior de soldados, Cabanas utilizou-se do elemento surpresa com o intuito de obter vantagens no ataque, realizando-o durante a madrugada do dia 21 de janeiro de 1925. Segundo seus relatos, “Nenhuma sentinella inimiga se apercebeu de nossa chegada à beira de Formigas, que ficou desde então com os seus guardiões, debaixo do olhar prescrutador da ‘Columna da Morte’” (CABANAS, 1926, 273). Em seguida Cabanas conta com detalhes o ataque a Formigas:

> Cinco horas da manhã. Silencio completo reinava no acampamento inimigo. As sentinellas dormiam, armas entre as pernas, sentadas nos parabalas das trincheiras. A tempestade que havia se

[77] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 49. Na margem dessa página há o número 25, o que provavelmente serviu para marcar de maneira mais visível no texto a passagem para o ano de 1925.

> desencadeado, durante o trajecto da picada, cessara de intensidade. Os primeiros raios de sol se filtravam suavemente atravez das arvores e a sua luz tenue, ainda inexpressiva, se projectava na bandeira da Cruz Vermelha que balouçava plácida, serena e triste á porta de uma barraca inimiga. O homem é féra disfarçada!... Chegava eu de surpresa àquelle acampamento e não me continha de alegria e prazer, por ver os meus inimigos descuidados, calmamente entregues ao descanso. Todos os meus soldados antegozavam a victoria que iam alcançar contra os seus compatriotas. E esse prazer era tanto maior quando percebiam que não tinham sido presentidos pelo inimigo (CANANAS, 1926, p.274).[78]

Após percorrer cerca de trinta quilômetros abrindo caminho pela mata fechada, a tropa de Cabanas chega a Formigas iniciando um intenso embate com seus compatriotas. Desatentos à possibilidade de ataque, os legalistas não vigiavam com rigor seu acampamento. Cabanas fala em alegria e prazer, o que expressa a satisfação diante do feito de sua tropa, que ao perceber a falta de cautela do inimigo "antegozava a vitória".

Este mesmo acontecimento é narrado pelo pajador, porém o que significava para Cabanas motivo de orgulho, a exemplo da utilização do elemento surpresa, é descrito como covardia:

> Mas o inimigo se achando fraco
> Para nos atacar de frente
> Nos assaltou de inopino
> Cruel e traiçoeiramente
>
> Se aproveitaram da hora
> Serena da madrugada
> Para porém em execução
> A sua audaz emboscada
>
> Nos cercaram o acampamento
> Sem ruídos nem falhas
> E quando nos despertamos
> Foi um dilúvio de balas
>
> Então nos vendo envolvidos
> Deante dessa emboscada
> Travou-se forto combate
> De lucta desesperada[79]

Os inimigos não são considerados espertos como no relato de Cabanas e sim covardes. As "feras disfarçadas" descritas por Cabanas são para o

[78] Parte desse trecho também se encontra transcrito em "1926: A Grande Marcha-A Coluna Prestes", SILVA, 2005. p. 50.
[79] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 50.

pajador, que sofre o ataque, “cruéis revoltosos” que se aproveitaram da inocência daqueles acampados.

A visão do outro do pajador se remete aos revoltosos da tropa de Cabanas como “cruéis inimigos ou bichos”. Cabanas fala em “inimigos ou compatriotas”. Essa diferença na linguagem pode ser entendida pela posição que cada um ocupava. Para o soldado legalista, os inimigos eram cada um dos combatentes revoltosos, e analisando-os apenas no contexto dos enfrentamentos, visto que não discute diretamente sobre os ideais tenentistas. Cabanas ocupa um posição diferente por ser um dos comandantes revoltosos, assim, o inimigo toma um significado mais amplo. É inimigo o sistema político vigente, bem como é inimigo aquele que pega em armas em prol da legalidade. Contudo, entende o inimigo ainda como compatriota.

Ao tratar do ataque em específico, Cabanas é detalhista em sua descrição:

> Em dado momento surge de uma barraca um soldado, toalha ao ombro, em direção a uma pequena poça fronteira ao posto de uma sentinella, onde se espreguiça. Saudou-a com um ‘bom-dia camarada’, mergulhando a mão em concha no fresco liquido, baixa a cabeça para banhar o rosto, quando de todos os lados, rompe sobre o descuidado acampamento um terrivel fogo de fuzilaria acompanhado de uma assuada formidavel, salientando-se os gritos de ‘*Cabanas chegou*’!... (1926, p.274) (Grifos do autor).

Perante a morte de “colegas de farda” ou até mesmo se meros “compatriotas”, os relatos se tornam mais pesados, tratando daquela realidade por meio de expressões de horror e/ou comoção. Neste sentido, o pajador afirma que:

> O fogo que eles fizeram
> Era um de horror
> Pois as suas metralhadoras
> Detonavam sem cessar[80]

[80] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 51.

O comandante Cabanas descreve, embora novamente seja mais detalhista, até pelo estilo de escrita que usa, o horror que teria se instaurado no acampamento:

> O despertar daquela gente foi terrivel. De todas as barracas e das casas saltava gente tomada de assombro, correndo em todas as direções. Sem ordem, sem comando, gesticulando como louca, estonteada e entregue unicamente ao instinto de conservação. Raro aquelle que estava completamente vestido e muitos os que estavam nus.
> Passado o primeiro momento de panico, viam-se soldados em disparada furiosa em direcção á orla da matta. [...]. A primeira granada matou, ao meu lado,o municiário e o ajudante da metralhadora com a qual eu atirava, produzindo as mais diversas baixas entre mortos e feridos (1926, p. 274).[81]

Os revoltosos estavam em desvantagem quanto ao número de combatentes, e assim que os legalistas começaram a se organizar esta desvantagem foi sentida. Cabanas explica que o momento não comportava indecisões, se houvesse ordem de retirada, sua tropa se dispersaria, favorecendo ainda mais aos legalistas. Diante disso, aproveitou a "confusão e o pânico que ainda reinavam no acampamento, travando o combate a arma branca, ou para melhor dizer, a facão. Como o inimigo não sabia lutar deste modo, sumiram-se pela espessura da mata"[82].

Notadamente, há pontos de confluência entre as fontes, que mesmo tendo sido escritas por personagens com olhares diferenciados, de certa forma se complementam. A morte de Clementino de Oliveira é abordada pelos dois narradores. Após a fuga dos demais soldados, Cabanas afirma a vitória dos revolucionários e conta que:

> Um caso curioso passou-se no momento da carga. O meu grupo ao transpor uma pequena elevação de terreno, deu de frente, a uns oito passos, com um official sentado em uma metralhadora e que nervoso atirava. Tomado assim de surpresa, foi morto com um tiro de revolver em pleno coração. Esse oficial chamava-se Clementino de Oliveira[83].

[81] Trecho também disponível em SILVA, 2005. p. 51.
[82] Idem.
[83] Ibidem.

O soldado pajador provavelmente utilizava alguns de seus versos nos acampamentos militares e momentos de descanso de sua tropa. Contudo, é preciso lembrar das discussões feitas no primeiro capítulo sobre o caráter público ou privado dessas pajadas. Por exemplo, os versos de elogio ao médico Baptista Leite e ao tenente Clementino que foram mortos em combate seriam mais apropriados para se declamar aos demais soldados e comandantes. Já as críticas à hierarquia militar e os sentimentos de tédio parecem terem sido reservadas às reflexões do autor. Essas mortes também aparecem na edição sobre a tomada de Catanduvas da Revista da Semana[84]. De acordo com essa revista:

> Em Formigas, no combate do dia 21 de janeiro, foram mortos o capitão médico dr. Antonio Baptista Leite; 1° tenente da 8a. companhia de metralhadoras pesadas Clementino Olegário Vieira; 1º enfermeiro Achylles Villar; 1º sargento do terceiro regimento de infantaria Milton Figueiredo Martins; sargento Leonel Brigido Vieira e José Norberto da Costa; cabo Cesario de Lima França; soldados Benedicto Rodrigues Pereira, Agenor da Silva Ribeiro, Pedro Nolasco Vasconcellos; soldado do 2º batalha de força publica de Santa Catharina Pedro Balles e 3º sargento do batalhão patriótico Clevelandia, Feliciano Alves Ferreira. Foi grande o numero de feridos e desapparecidos nesse embate, no qual se seguiu no dia immediato o de Centenario e nos subsequentes os de Catanduvas, ja anteriormente iniciados. A gravura da cerimonia religiosa diante dos túmulos dos que deram a vida em combate tem algo de grandioso, casando-se nella a austeridade do acto á emponencia do ambiente da selva. (Revista da Semana, 1925, p. 23.)

Taboada (2004) ressalta a tradição da revista em realizar cobertura política, destacando-se a Primeira Guerra Mundial e o apoio ao candidato Hermes da Fonseca e oposição à Rui Barbosa em 1909. A exemplo dessa tradição, a matéria citada traz imagens da cerimônia religiosa realizada em função dos legalistas mortos no combate[85]. Esse pode ter sido um dos momentos em que o pajador criou e expôs alguns de seus versos,

[84] "A 'Revista da Semana' pertenceu ao 'Jornal do Brasil' até o ano de 1915 e era encartada no jornal. Em 1915 foi comprada pela 'Companhia Editora Americana', mesmo ano em que recebeu, para sua nova fase, maquinários modernos vindos dos Estados Unidos para sua impressão com adoção de novas cores. A tecnologia foi algo que a revista soube acompanhar, da mesma forma que acompanhou os avanços da fotografia na virada do século XX, tendo explorado intensamente essa forma de comunicação, trazendo reportagens repletas de fotos, algumas até trazendo muito mais fotos do que notícia escrita" (TABOADA, 2004, p. 20).

[85] As imagens da revista não estão reproduzidas nesse trabalho devido à má qualidade da digitalização.

especialmente os de elogio ao médico Antonio Baptista Leite e ao tenente Clementino Olegário Vieira ou Clementino de Oliveira, conforme está no relato de Cabanas. Sobre esse legalista o pajador conta:

> O tenente Clementino
> Moço ainda na flor da idade
> Pelejou como um heroe
> Em prol da legalidade
>
> Esse oficial denodado
> Commandante duma secção
> Ao lado de sua metralhadora
> Teve a bravura de um leão
>
> E bem valorosamente
> Pelejava sem guarida
> Quando uma bala revoltosa
> Lhe veio roubar a vida[86]

Não é por acaso que o pajador destaca a bravura do tenente Clementino. Segundo Cabanas, "Desistiu o coronel Varella do commando exercia e todos suspeitam de connivencia commigo!!" (1926, p. 294). Embora seja uma frase solta, sem maiores explicações da parte de Cabanas, tem-se a ideia de que o comandante da coluna do pajador abandonou seu posto sob suspeita de cooperar com Cabanas. Além disso, as reivindicações do pajador de maior voz aos soldados e a insinuação de posições dadas pela mão do acaso podem relacionar-se com o que Cabanas diz que contou um prisioneiro legalista:

> [...] Contou mais a praça prisioneira, que o pavôr em Formigas foi tanto na hora do ataque, que muitos officiaes, arrancando as platinas, internavam-se na matta completamente desorientados, deixando seus comandados ao desamparo (1926, p.294).

Mesmo sem saber se Varella era um desses comandantes, observa-se que a sensação de abandono dos soldados por seus superiores nos momentos de batalhas é sentida pelo pajador.

Ao atacar Formigas, a intenção de Cabanas era encontrar o general Rondon, o que não foi possível, pois o mesmo havia atrasado sua chegada. O

[86] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 51-52.

ataque resultou também na morte de Baptista Leite, evento sobre o qual Cabanas argumenta:

> Morrera no ataque o respectivo medico director, Dr. Antonio Baptista Leite, por ter commettido a imprudencia de abandonar o hospital correndo para o centro do acampamento. A fatalidade fez com que o illustre facultativo abondonasse o unico lugar seguro e perfeitamente garantido, porque minhas ordens para se respeitar a barraca assignalada com o pavilhão da Cruz Vermelha, eram severissimas e foram cumpridas (1926, 277).

Nota-se que a tropa de Cabanas passou algum tempo observando o acampamento antes de atacar. O ataque foi planejado cautelosamente e o uso da estratégia militar permitiu a vitória dos revoltosos que, na ocasião, estavam com um número inferior de soldados.

O médico do acampamento legalista Antônio Baptista Leite foi morto no combate em Formigas. O pajador fala de sua morte da seguinte forma:

> O capitão Baptista Leite
> Médico bom e de boa fama
> Recebeu a primeira bala
> Ao levantar-se da cama
>
> E bem depressa escapando
> A sua vida preciosa
> Foi outra vítima certa
> Da crueza revoltosa[87]

Os relatos aqui estudados se aproximam no que diz respeito à seqüência dos eventos. Comparando os documentos, a morte descrita por Cabanas referente ao médico Baptista Leite também é lembrada pelo pajador. Os dois guardam tal passagem em suas memórias. Cabanas provavelmente escreve para justificar os motivos que levaram sua tropa a descumprir a ética estabelecida para o conflito, enquanto o pajador provavelmente cria seus versos em homenagem ao médico. Talvez a imagem colocada na revista "Revista da Semana" seja do momento da homenagem aos mortos em Formigas onde pode ter acontecido a apresentação das pajadas. Novamente valores nos quais os soldados deveriam basear-se se fazem presentes.

[87] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 52.

Em meio a animosidade exposta nos relatos, há indícios de comoção entre os próprios adversários. Segundo Cabanas, “o despertar daquela gente foi horrível”. O pajador diz que “eles tiveram baixas também”. Alegria e prazer fazem parte apenas da narrativa referente ao momento em que os revoltosos vêem o inimigo despreparado, o que não se repete diante da morte de “compatriotas”:

Outro heroe que também tombou
Que caiu fulminado ao chão
Foi o nosso Cabo Intendente,
Ao distribuir munição

Bem môço na flor da idade
Que triste destino o seu!
Não tinha vivido ainda
Não tinha amado e morreu!

Como e triste na tua idade
Tu que tinhas tanta illusão
Ficares eternamente
No meio desse sertão...

Mas o destino rigoroso
A lei implacavel da sorte
Pra uns da muitos tormentos
Pra outros da cedo a morte

A esses bravos que tombaram
Pela defesa legal
Paz eterna a suas almas
Na immensidão sideral[88]

Após o combate, Formigas tornou-se um forte legalista, e conforme destaca o pajador, “quem dali se aproximasse decerto temia a morte”. Os enfrentamentos armados continuaram, acentuando-se nos arredores de Catanduvas. Com a chegada da tropa de Prestes do Rio Grande do Sul, os revoltosos novamente foram estratégicos, diante da impossibilidade de vencer os legalistas por contarem com um contingente inferior de soldados, refugiando-se no Paraguai até retornarem pelo Mato Grosso, com a coluna que percorreu o Brasil.

As entrevistas realizadas com os filhos de Ernesto não esclarecem quem é o soldado pajador. As buscas pelos nomes indicados de amigos de Ernesto

[88] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 53-54.

serviram para confirmar que nem Santo Benvenuto Tecchio, nem Santo Ferrasso ou Fioravante Massolini podem ser considerados o pajador. Contudo, se a identidade do pajador não foi revelada detalhadamente, o que restam são outros indícios. Guardadas junto às fotos antigas da família, os amigos de Ernesto não têm nome, ninguém sabe dizer quem foram eles, e a vestimenta mostra que eram militares. As marcas deixadas pelo tempo indicam que são do mesmo período que a fotografia de Ernesto, as duas fotografias a seguir são de soldados diferentes, uma delas pode ser do pajador:

Pensando em quantos colegas soldados Ernesto teve no ano que passou em Cruz Alta parece vulnerável a possibilidade de que uma dessas imagens seja do pajador, mas, quem guardou as pajadas não poderia ter guardado junto uma fotografia? Sem contar que o contato entre Ernesto e o pajador parece ter sido próximo, visto as notas nos cantos de páginas nas quais Ernesto mostra que escrevia durante os plantões. Além disso, a exemplo da imagem enviada à Santo Benvenuto Tecchio e a outras fotografias do acervo da família, era costume enviar fotos e guardar fotos de amigos.

Figura 5. Soldado desconhecido. Imagem do acervo da família Tecchio.

Figura 6. Soldado desconhecido. Imagem do acervo da família Tecchio.

Considerações finais

A fim de compreender as memórias do soldado pajador e analisar o seu olhar sobre as Revoltas Tenentistas, foram necessárias inúmeras conexões com textos, imagens e outras fontes. Mas, a conexão maior não desvendada totalmente é a que houve, há quase nove décadas, entre as memórias de Ernesto e do pajador. Mais que os ideais de cada um, interessam o processo e a forma como as personagens constituíram suas memórias. As ações, os pensamentos e por meio destes, as construções de si.

Ernesto, um filho de imigrantes italianos que adere aos valores nacionalistas construídos no início do século XX. Com a preocupação republicana em implementar escolas nos locais onde viviam imigrantes, teve a possibilidade de se alfabetizar em língua portuguesa. Ainda assim, passou a vida utilizando o dialeto italiano, o que não o impediu de, por exemplo, participar das comemorações alusivas à pátria e se interessar pela cultura gaúcha.

O pajador, um soldado da artilharia que defendeu a pátria, possivelmente nascido no Rio Grande do Sul e aos seus vinte e poucos anos imerso na cultura gaúcha, usou de seu conhecimento para produzir uma narrativa. Esta viabilizou nosso acesso ao olhar de um soldado raso sobre os conflitos no oeste paranaense. O mesmo contexto de início do século XX que permitiu a Ernesto a alfabetização também impediu ao pajador que redigisse de modo eficiente seus versos. Caso tenha alguma publicação, deve ter sido apenas no âmbito local. Não foi encontrada durante a trajetória dessa pesquisa qualquer referência a essas pajadas. Com o enfoque da historiografia atual, que insere documentos pessoais como sendo de grande valia para a história, é bem provável que se esses versos estivessem publicados poderiam ter sido objeto de outros estudos.

As memórias desses soldados ocupam construções diferentes: o pajador mergulha em sua cultura e em sua experiência militar, enquanto Ernesto agrega os relatos do pajador em sua trajetória de vida. Essas escritas de si são constituídas de modos diferentes, pois se o pajador cria sua narrativa através da poesia, Ernesto monta seu acervo elegendo as informações sobre si que quis deixar à posteridade.

O soldado pajador produz os relatos para que sejam publicados, por isso em trechos das pajadas fala “ao leitor”. A exemplo do que fizeram militares de patentes superiores, narra os combates e argumenta sobre suas ideias nos versos. Os dois eixos centrais de sua produção são a valorização do gaúcho, que, aliás, é um tema comum em pajadas, e a abordagem de sua trajetória como militar. No caso do tema “gaúchos”, entende-se tal opção como uma estratégia de cooptação de leitores, motivada pela imersão do pajador na cultura local. Quanto à sua trajetória de soldado, o que teria estimulado o pajador a alterar o enfoque dado às pajadas e criticar seus superiores? Ciente dos problemas enfrentados pelo Exército na época, mesmo sendo legalista e tendo versos em oposição aos revoltosos, de certo modo o pajador interage com as reivindicações dos tenentes. O mesmo Exército pelo qual combatiam era aquele que pagava baixos salários, oferecia uma carreira pouco prestigiada e os diálogos com o governo não surtiam efeitos de modo a resolver esses problemas.

Mantendo-se defensor da legalidade, o pajador vivenciou as lutas entre soldados e a obrigatoriedade em permanecer no serviço militar mesmo nas condições adversas que se apresentavam no oeste paranaense ao final do ano de 1924 e início de 1925. Eventos estes que, segundo o pajador, “nem Dante poderia descrever”. Aqui se retoma uma importante observação a respeito da intertextualidade das pajadas. “Não há dúvidas de que Dante escreveu a sua obra máxima com o fim de reformar moralmente o mundo que via imerso, para dizer o mínimo, numa situação trágica e pecaminosa” (DISTANTE in ALIGHIERI, 1998, p.11). Talvez a exemplo do poeta italiano, o pajador usa o recurso de reafirmar os valores do gaúcho a fim de moralizar o Exército. A situação trágica e pecaminosa abordada na obra de Dante Alighieri pode ser encontrada, salvo a diferença de contexto, na situação do Exército descrita pelo pajador.

Enquanto Dante escreve ficção e conta sua viagem pelos três reinos do outro mundo – o Inferno, o Purgatório e o Paraíso – o pajador conta a viagem que fez pelo desconhecido. Se Dante inicia sua jornada pelo “inferno”, em que trata do horror, do pecado e dos sofrimentos morais, pode-se dizer que o pajador começa pelo “paraíso”, relatando com alegria a partida em busca do inimigo e a missão patriótica dos “bravos filhos do pampa”. Os passos

seguintes são pelo “inferno”, onde vive o horror das batalhas e a submissão dos soldados rasos conforme as estrofes abaixo:

> Levantai-vos camaradas
> Repetia uma voz louca
> Que o combate principia
> As seis horas da manhã
>
> E rolava tanta bala
> Na hora designada
> Que ate a própria Natureza
> Se sentia contristada[89]

O soldado também tem sua vivência no “purgatório”, que representa os momentos de compaixão com militares de maior patente e os demais soldados rasos, o que às vezes incluiu os revoltosos, mortos em combate. Em ambas as narrativas tudo termina bem, Dante visita o paraíso, enquanto o soldado retorna ao Rio Grande do Sul, estado que descreve positivamente em todo o seu relato. Nas palavras do pajador:

> E por princípios de Maio
> De uma manhã clara e azul
> A Colunna do Rio Grande
> Regressava para o Sul.[90]

[89] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 61.
[90] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 63.

LISTA DE FONTES

Alfredo Chaves: Imigração e Povoamento. Registro de Imigrantes (1886-1888). Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST, 1997.

BERSCH, Ivo Inácio. (org.) Recordar é viver: cancioneiro popular. 2. Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

Caderno de anotações do soldado Ernesto Baptista Tecchio. Manuscrito, 85 páginas, escrito entre 1927 e 1928.

Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, 76 páginas.

CABANAS, João. A Coluna da Morte. Rio de Janeiro: s.n. 1927.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. Memórias: dados para a História do Brasil. Rio de Janeiro. [s.n.]. 1950.

Coletânea de mapas históricos do Paraná. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Estado do Paraná. 2. ed. Curitiba: ITCF, 2006.

Documentação Territorial do Brasil. Biblioteca digital do IBGE, município de Concórdia, Santa Catarina. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/concordia.pdf Acesso em 08 de fevereiro de 2012.

Fotografias do acervo da família Tecchio.

Entrevista com Maria Canossa realizada no dia 27 de julho de 2011 na cidade de Palotina, Paraná.

Entrevista com Tereza Benetti realizada no dia 27 de julho de 2011 na cidade de Palotina, Paraná.

Entrevista com Daniel Techio realizada no dia 07 de agosto de 2011 na cidade de Seara, Santa Catarina.

Entrevista com Ana Tecchio realizada no dia 07 de agosto de 2011 na cidade de Seara, Santa Catarina.

Habilitação para casamento de Sebastiano Tecchio e Thomasina Zoppeleto, p. 03 e 04. Cartório de Registro Civil de Veranópolis, Rio Grande do Sul. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Caixa 30. Fundo 70.

Histórico do Correio Riograndense. Disponível em http://www.correioriograndense.com.br/correio/historico.htm. Acesso em 07 de fevereiro de 2012.

Manifesto de Santo Ângelo escrito por Luis Carlos Prestes.

Disponível em http://maniadehistoria.wordpress.com/coluna-prestes-1924-o-manifesto-de-santo-angelo/. Acesso em 03 de maio de 2010.

MOREIRA LIMA, Lourenço. A Coluna Prestes – marchas e combates. 3ª ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1979.

Ofício Nr 151 – S1.1, Alegrete, 22 de agosto de 2011. Enviado pelo Tenente Coronel Carlos Augusto Ramires Teixeira.

Registro de imóveis. Talão N. 160 Pss. Folhas 55 e 56. Comarca de Concórdia, Santa Catarina.

Revista da Semana, Anno XXVI, N.22, Numero (...) Tomada de CATANDUVAS, 23 de maio de 1925.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001. Para mais informações sobre a atuação de Setembrino de Carvalho ver ESPIG (2007).

AGUIAR, José Fabiano G. C. de. *"Yo vengo a cantar por aquellos que cayeron": poesia política , engajamento e resistência na música popular uruguaia: o cancioneiro de Daniel Viglietti* – 1967- 1973. (Dissertação de Mestrado). UFRGS, 2010.

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n.7, 1991. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/414.pdf Acesso em 23 de setembro de 2007.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1979.

ARCHETTI, Eduardo P., O "gaúcho", o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina. *Mana*, vol. 9, nº 1, Rio de Janeiro, 2003.

ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n 21, p. 9-34, 1998. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf Acesso em 23 de setembro de 2007.

BARROS, José Costa D'assunção. Subjetividade e relativismo na história. In: *Revista Tempo, Espaço e Linguagem,* v. 2 nº 1 p.7-19 jan./abr. 2011. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/2645/1987. Acesso em 10 de janeiro de 2012.

BEIRED, José Luis B*. Breve história da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____*Ouvir contar:* textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas.* São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CÁPUA, Cláudio de. *Revolução de 1924 e seus desdobramentos até 1930*. São Paulo: EditorAção, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contémporâneo (1922-1938).* Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

CARVALHO, José Murillo de. *Os Bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____As forças armadas na Primeira República. IN.: FAUSTO, Boris. O *Brasil Republicano: sociedades e instituições (1889-1930).* V. 2, 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____*Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Celso*. A invenção do Exército Brasileiro.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____*Inscrever e Apagar:* cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.

_____ CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História.* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CRUZ, Celso Donizete. Tristeza do Jeca, canto do caipira*. Casa.* Vol. 06, n. 01, julho de 1998. Disponível em http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/912. Acesso em 10 de fevereiro de 2012.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. In.: PERIS, Alfredo Fonseca. (org.). *Estratégias de Desenvolvimento regional: região oeste do Paraná.* Cascavel, PR: Editora da UNIOESTE, 2003.

COELHO, Edmundo Campos. Em Busca da Identidade. *O Exército e a Política na Sociedade Brasileira.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a história. In.: PINSKY, Carla B. (org) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

DIAS, Emerson dos Santos. Os registros fotográficos do movimento tenentista em Foz do Iguaçu (1924-1925). *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, 03 a 06 de maio de 2011 - Londrina – PR. Disponível em http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Emerson%20dos%20Santos%20Dias.pdf. Acesso em 31 de outubro de 2011.

DONATO, *Dicionário de batalhas brasileiras: dos Conflitos com Indígenas aos Choques da Reforma Agrária*. São Paulo: IBRASA, 1996.

ESPIG, Márcia Janete. Breve estudo sobre o Movimento do Contestado: A historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, vol. 14, n. 25. p. 199-219, 2007. Disponível em http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/5407.
Acesso em 06 de março de 2012.

FAGUNDES, P. Movimento Tenentista: um debate historiográfico. *Revista Espaço Acadêmico,* Brasil, 9 mai. 2010. Disponível em : http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9223/5604. Acesso em: 15 fev. 2011.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história:* Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. Historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. *História Concisa do Brasil.* 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FRANCO JR. Hilário. Dante Aliguieri: o poeta do absoluto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FERRARO, Alceu R. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n.81, p. 21-47, dez. 2002. Disponível em http//www.cedes.unicamp.br. Acesso em 20 de março de 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a crise política dos anos 20. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 9- 23, 1993.
Disponível em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1092. Acesso em 12 de agosto de 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Sumara Conde Sá. *A crise dos anos 20 e a revolução de 30*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2006. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1593.pdf Acesso em 30 de maio de 2007.

FOISIL, Madeleine. A escritura de foro privado. In.: CHARTIER, Roger. (org.). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e forças armadas na Revolução de 30.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

FREITAG, Liliane da Costa. *Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação*. Tese. (Doutorado em História). Franca: UNESP, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betania Amoroso. São Paulo, Companhia das Letras: 1987.

_____*Mitos, Emblemas e Sinais.* Tradução de Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras: 1989.

_____ O nome e o como. In.: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

GOMES, Ângela de Castro; Ferreira, Marieta de Morais. Primeira República: um balanço historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 4, p. 244 – 280, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.9, Nº ½, p.17-30, jan./dez. 1996. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf. Acesso em 16 de junho de 2008.

_____Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069/1208 Acesso em 16 de junho de 2008.

_____ (org.). *A escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004A.

_____Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Nº 34, junho – dezembro, p. 157 – 186, 2004B. Disponível em http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2228/1367. Acesso em 20 de maio de 2011.

_____(org.). *Leituras Críticas sobre Boris Fausto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____; SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs.) *Memórias e Narrativas autobiográficas.* Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *De prática desportiva para serviço militar obrigatório: as transformações das sociedades de tiro brasileiro*. Disponível em: http://www.abed-defesa.org/page4/page9/page2/page5/files/selmagonzales.pdf Acesso em 01 de setembro de 2011.

GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia rio-grandense*. 02. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *El gaúcho sin pátria: a canção anarquista na Argentina.* Anos 90, Porto Alegre, n.15, 2001/2002. http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6614. Acesso em 22 de junho de 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. *Identidade Cultura na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LANNA, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, J. (org.). *O Brasil Republicano*. vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In.: *História e Memória*. 5º ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. História, cultura e subjetividade: problematizações. *Revista do departamento de psicologia. UFF*, v. 19, n. 1, p. 61-68. Jan./Jun. 2007. Disponível em http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/v19.1_cap_05_historia%20-%20cultura.pdf. Acesso em 09 de novembro de 2012.

LIMA, Henrique Espada. *A Micro-história Italiana: escalas, indícios e singularidades.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivos. In.: PINSKY, Carla B. (org) *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória.* São Paulo: Siciliano, 1995.

MOREIRA, Regina L., Os diários pessoais e a (re)construção histórica. *Revista Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, n.17, 1996. Disponível em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1160. Acesso em 23 de setembro de 2007.

MORES, Ridendo Castigat. Quem foi que disse? Quem foi que fez? Departamento de Imprensa e Propaganda. Ebook. s/d. Disponível em http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/quemdisse.html. Acesso em 25 de maio de 2012.

MOTTA, Marly da Silva. *1922: em busca da cabeça do Brasil moderno.* Rio de Janeiro, CPDOC, 1994.
Disponível em cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1153.pdf. Acesso em 30 de maio de 2007.

NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. IN.: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano: sociedades e instituições (1889-1930).* V. 2, 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NEYRET, Juan Pablo. Sombras Terribles. La dicotomia civilización-barbarie como institución imaginaria y discursiva del Otro em Latinoamérica y la Argentina. Espetáculo, *Revista de estúdios literários,* Universidad Complutense de Madrid, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares.* Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A *questão nacional na Primeira República.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

OLIVEN, Ruben George. A construção social da identidade gaúcha. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*/UFRGS. Porto Alegre, v. 11/12, 1983/84.

_____. "'O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental': o tradicionalismo gaúcho". Cadernos de Antropologia. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*/UFRGS. Porto Alegre, n. 1, 1990.

_____. A polêmica identidade gaúcha. Cadernos de Antropologia. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*/UFRGS. Porto Alegre, n.4, 1992.

_____. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, C. (Org.). *Fronteiras da cultura*: horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p. 24-40.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Maristela Silva. *Os Corpos provisórios da Brigada Militar: seus aspectos e utilitários (1923-1927).* Dissertação. (Mestrado em História). PUC/RS, 1993.

PIAZZA, Walter F.(org.). Dicionário político catarinense. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida política no século XIX*. 03. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

PRADO, Maria Lígia. A formação das nações latino-americanas. – 11 ed. *Rev. Atual*. – São Paulo: Atual, 1994.

_____ A *América Latina no século XIX. Tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social*. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. Vol. 5, n.10, 1992. Disponível em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1080. Acesso em 30 de agosto de 2010.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro , vol. 1, n°. 2, 1996.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. Disponível em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1154. Acesso em 23 de setembro de 2007.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In.: REVEL, Jacques. (org) *Jogos de escala:* a experiência da microanálise. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RESENDE, Anita C. Azevedo. Subjetividade: a contribuição da psicanálise ao debate. In: MIRANDA, Marília G; RESENDE, A.C.A.. (org.). *Escritos de Psicologia, Educação e Cultura.* Goiânia: Editora da Universidade Católica, 2008, v. 1, p. 181-200.

REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: As travessias de um diário e as expectativas da volta. In.: GOMES, Ângela de Castro. (org.). *A escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército brasileiro.* Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2008.

Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp057907.pdf Acesso em 02 de novembro de 2011.

_____. A Guerra como política ou a política na guerra. *Revista Brasileira de História Militar.* Ano II. n. 04, abril de 2011. Disponível em http://www.historiamilitar.com.br/artigo3RBHM4.pdf Acesso em 29 de agosto de 2011.

ROSENTAL, PAUL-ANDRÉ. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a microstória. In.: REVEL, Jacques. (org) *Jogos de escala:* a experiência da microanálise. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHEIDT, Eduardo. Pensando a América na Argentina durante o século XIX: os intelectuais utópicos Esteban Echeverría e Francisco Bilbao. *Anais eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC.* Campinas, São Paulo, 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca terra da promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004A.

_____Revista História UNISINOS. Vol. 08, n. 10, jul/dez 2004B. Disponível em http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/15historian10vol8_artigo09.pdf. Acesso em 20 de junho de 2011.

_____Biografias Históricas: o que há de novo? In.: PIRES, Ariel José et al. *História, linguagens, temas: escrita e ensino do história.* Guarapuava/PR: Unicentro, 2006.

_____Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 187-196, dez. 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/28/28art10.pdf. Acesso em 09 de março de 2011.

SCHNEIDER, Jens. *Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional*. Mana. [online]. Abr. 2004, vol.10, no.1 p.97-129. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo. Acesso em: junho de 2010.

SCHWANZ, A. K.; ZANIRATO, S. H. A Transformação da Paisagem no Pampa Gaúcho e a Constituição das Memórias. In: *I Simpósio sobre Pequenas Cidades e Desenvolvimento Local e XVII Semana de Geografia*. Anais... Maringá: DGE/UEM, 2008. Disponível em http://www.dge.uem.br/semana/eixo8/trabalho_33.pdf. Acesso em julho de 2010.

SCHWANZ, Angélica Kohls. *Florestamento - desenraizamento: a transformação da paisagem nos pampas e a identidade do gaúcho.* Dissertação. (Mestrado em História). Maringá, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terrenos de história: problemáticas atuais. In.: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento:* indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. 1926: *A Grande Marcha-A Coluna Prestes.* 3ª ed. Editora LPM. Porto Alegre, RS: 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Tenentismo.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____*Do Tenentismo ao Estado Novo: Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SOUZA, José Augusto de. *A Coluna Prestes em discursos*. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 2005.

TABOADA, Gisele; NERY, João Elias; MARINHO, Maria Gabriela. A Revista da Semana em Perspectiva. *THESIS*, São Paulo, ano I, v. 2, p. 18-31, 2º Semestre, 2004.
Disponível em http://www.cantareira.br/thesis2/v2n2/gabriela.pdf
Acesso em 12 de janeiro de 2012.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. O Sentido e a Razão de Ser do Paraíso de Dante Alighieri. *Revista Mirabilia*, N. 12, Jan-Jun 2011. Disponível em http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2011_12/03.pdf
Acesso em 12 de janeiro de 2012.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VISCARDI, Cláudia M. R., *O Teatro das Oligarquias*: uma revisão da “política do café-com-leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

VIVAI, Cosimo Bortolini Salimbeni. *Uma leitura do De vulgari eloquentia de Dante Aliguieri*. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo, 2009.